

O QUE SERÃO OS HOMENS DO ANO 3000

Gustave Guitton

Edição de

Carolina Silva
Catarina Leão Pereira
Inês Santiago Pires
Marta Leitão
Olena Pikho

Coordenação de Ângela Correia



**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

Lisboa
2017
1

ÍNDICE

Nota editorial

I Em villegiatura

II Apanhado em flagrante

III A «Belzévorina»

IV No anno 3000

V Uma refeição interessante

VI No salão de estudo

VII Artika

VIII Accidente de laboratorio

IX O salão dos Athletas e o salão das Musas

X Paris no anno 3000

XI Uma futura Sorbonna

XII Em familia

XIII Jardins submarinos

XIV O Palacio da Arte e da Historia

XV A Psycho-Photographia

XVI O despertar

Nota editorial

Gustave Léon Guitton (29 de dezembro 1859–1918), também conhecido pelo pseudónimo G. Guy-Tong¹, foi um escritor francês que escreveu vários livros de ficção científica. Pouco ou nada conseguimos apurar acerca da vida deste autor. As obras que assinou em co-autoria com Gustave Le Rouge (1867-1938)² são as mais acessíveis. Juntos, publicaram *Le Régiment des Hypnotiseurs* (1900)³, *La Conspiration des Milliardaires* (1899-1900)⁴, *La Princesse des Airs* (1902)⁵ e *Le Sous-Marin “Jules Verne”* (1902).⁶ Depois destas publicações, os dois autores desfizeram a parceria e passaram a assinar

¹Entrada «Guitton, Gustave», em SFE: *The Encyclopedia of Science Fiction* (Acesso em 11-11-2016).

²Gustave Le Rouge (1867-1938), por vezes grafado «LeRouge» ou «Lerouge».

³Guitton, G e Le Rouge, G. *Le Régiment des Hypnotiseurs*. Collection A.-L. Guyot. Vol. 1. Paris: 1900. Vol. 2.

⁴Evans, Arthur B. Gustave Le Rouge, Pioneer of Early French Science Fiction. *Science Fiction Studies*, vol. 29, 2002. Acesso em 10/11/2016.

⁵ Evans, 2002.

⁶ Evans, 2002.

individualmente as respetivas obras. No entanto, enquanto *Le Rouge* virá a ser considerado um pioneiro da ficção científica de língua francesa, Guitton cairá no esquecimento.

Na nossa tentativa de elaborar uma lista das obras assinadas individualmente por Guitton, encontrámos, no site [Gallica](#)⁷, as seguintes obras: *Bébé, Madame & Monsieur* (1904)⁸, *L'Ogre* (1904)⁹, *Les Apaches de Paris: Moeurs Inédites* (1908)¹⁰ e *Les Conquérants de la Mer*¹¹.

Na Biblioteca Nacional de Portugal, consultámos um volume intitulado *Les Blettes. Les Quatre Ages de la Femme*¹², parte de um conjunto de

⁷A Gallica é a biblioteca digital da Biblioteca Nacional de França.

⁸Guitton, Gustave. *Bébe, Madame & Monsieur*. Petit collection E. Bernard; n.º 24. E. Bernard, ed. Paris: 1904.

⁹Guitton, Gustave. *L'Ogre*. Petite collection E. Bernard; n.º 28. E. Bernard, ed. Paris: 1904.

¹⁰Guitton, Gustave. *Les Apaches de Paris: Moeurs Inédites*. Edition Nouvelle. Paris; 1908.

¹¹Guitton, Gustave. *Les Conquérants de la Mer*. Emile Gaillard Editeurs. Paris.

¹²Guitton, Gustave. *Les Blettes. Les Quatre Ages de La Femme*. Albert Méricant Éditeur. Paris. Disponível na Coleção Fundo Geral Monografias da Biblioteca Nacional de Portugal.

obras que se completa com outras três referidas na contracapa: *Les Têtards (Futures Femmes)*, *Les Essayeuses (Fausses Vierges)* e *Les Exagérées (Maturités)*.

A obra *O Que Serão os Homens do Anno 3000* dá-nos a conhecer a história de Marcello, o filho do subchefe dos Archivos Nacionaes. Marcello é um aluno exemplar até se envolver com drogas. O Dr. Belzévor, sobre o qual circulam rumores com origem numa certa excentricidade, oferece-se para ajudar o jovem, e transporta-o para o futuro.

Escolhemos este livro pelo interesse do tema, pela curiosidade de se tratar de ficção científica do início do século XX, pelas influências claras do trabalho intemporal de Júlio Verne. Considerámos também interessante descobrir como um autor europeu desta época imaginava o futuro a longo-prazo. Pudemos compreender que as descrições do futuro são, mais do que pura imaginação, o desejo de

futuro do autor. Existe um ideal claro – explícito nos diálogos – de um rumo mais eficiente e racional e, consequentemente, mais pacífico e fraterno para o futuro da humanidade.

O texto francês foi traduzido por Bernardo de Alcobaça¹³ e publicado em 1908. Conforme se indica na capa, a publicação foi levada a cabo pela Antiga Casa Bertrand José Bastos & C.^a, instalada então na Rua Garrett, 73, 75. No canto superior esquerdo, a capa contém também uma dedicatória a H. G. Wells, escritor britânico contemporâneo de Guitton, também dedicado à ficção científica e à utopia de uma melhor organização da humanidade. A dedicatória tem uma gralha, que faz da preposição inicial a primeira das iniciais do nome de Wells: «A.

¹³ O nome do tradutor, Bernardo de Alcobaça, deverá ser um pseudónimo. No catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal encontrámos 65 entradas para este prolífico tradutor, mas não encontrámos nenhuma pista para a identificação. Afonso Reis Cabral na página *on-line* da [Editora Romano Torres](#), põe a hipótese de se tratar de um pseudónimo de Pedro Herculano de Moraes Leal, mas não encontrámos informações que nos permitissem confirmar esta suposição.

H. G. WELLS, o propheta pessimista, dedica esta visão optimista do que será, dentro de um milhar d'annos, a existência da mocidade». Também a vírgula a seguir a «pessimista» deverá ter sido acrescentada por erro, uma vez que o sujeito do verbo «dedicar» deverá ser «o propheta pessimista», ou seja, Guitton, que assina a dedicatória e o livro em cuja capa foi inscrita.

É pela folha de rosto que ficamos a saber ter sido José Bastos & C.^a o editor e proprietário da editora e que o livro foi composto e impresso na tipografia Luzitana Editora de F. A. Miranda e Sousa, na Rua Ivens, 13, em Lisboa.

Na contracapa, como era habitual, dá-se notícia de uma lista de obras contemporâneas da venda, e dos respectivos preços.

O livro-fonte¹⁴ desta reedição pertence a uma biblioteca privada e, à exceção de uma sequência de número e letras de duas mãos no canto superior direito da folha de guarda, não tem marcas distintivas.

Esta é uma reedição conservadora e foram, portanto, mantidas todas as características ortográficas do livro-fonte, bem como todas as gralhas. Foram igualmente reproduzidos os títulos correntes (neste caso, o título da obra).

As páginas em branco no início de cada capítulo não foram reproduzidas na transcrição, assim como também não o foram os pontilhados presentes em algumas páginas, os números que por vezes aparecem no fim de algumas páginas e a lista de livros da contracapa.

¹⁴Na Biblioteca Nacional de Portugal existe também um exemplar desta obra, embora a localização deste possa ser dificultada pelo facto de o nome do autor no catálogo conter uma gralha: “Guittou” em vez de “Guitton”.

A. H. G. WELLS, o propheta pessimista, dedica esta visão optimista do que será, dentro de um milhar d'annos, a existencia da mocidade.

Gustavo Guitton

I

Em villegiatura

Montbarzy é uma aldeia das Ardennas, situada em plena região florestal, a cinco leguas da estação mais proxima. A esse rincão perdido as noticias chegam sempre atrasadas.

Os habitantes, rachadores de lenha, carvoeiros e cultivadores, arrastam ainda a existencia contemplativa e trabalhosa que ha cem annos viviam os antepassados. Herdaram d'elles os habitos cheios de simplicidade.

Montbarzy é um dos poucos recantos da França onde se pode ainda passar economicamente, se nos quizermos limitar ao vinho produzido na localidade, leite, creação e legumes. A alimentação e a moradia de uma familia custam ali tres ou quatro vezes menos do que em Paris.

Era esta a principal razão porque, havia já muitos annos, o sr. Vernoy, sub-chefe dos Archivos Nacionaes, escolhia Montbarzy para passar a estação calmosa.

A calma belleza da paysagem, o ar vivificante das mattas de abétos e carvalhos, a inalteravel tranquillidade, a profunda paz de que se gosava em Montbarzy, eram outras tantas vantagens devéras apreciadas pelo archivista, curvado durante o anno sobre pulverulentos pergaminhos.

Acompanhavam sempre Vernoy sua mulher e um filho unico, Marcello, que orçava pelos dezesete annos.

Como nos annos precedentes, os Vernoy haviam-se installado em casa do *maire* da pequena communa, o sr. Blancheron, que lhes alugava o unico andar disponivel do predio, dividido em tres grandes compartimentos, pela modica quantia de cincoenta francos por mez.

O senhor *maire*, lenhador e tamanqueiro de profissão, possuía também um d'esses estabelecimentos, que apenas se encontram nas aldeias, e onde se empilham as mais disparatadas coisas: tamancos de madeira, estampas d'Epinal, pacotes de gomme, novellos de linha, instrumentos aratorios e arenques sêccos.

A senhora Blancheron, apesar do trabalho que lhe dava o estabelecimento, tinha ainda tempo para cosinhar as refeições simples, mas abundantes, dos Vernoy.

A confiança e a estima eram reciprocas entre os Vernoy e os Blancheron. Estes, todos os annos, esperavam com impaciencia a vinda dos *parisienses*, e viam-nos sempre partir com lagrimas.

Vernoy apenas se reputava feliz quando estava em Montbarzy. Só ali se sentia alliviado, como de um pesado fardo, das preocupações administrativas e dos cuidados que, em Paris, assoberbam

quotidianamente um chefe de família pobre e mal remunerado.

Substituia então a sobrecasaca pelo jaquetão de cotim, e iniciava, com a mulher e o filho, extensas e sadias passeatas pelas mattas, excursões aos pontos mais famosos dos arredores, colheitas de cogumellos e de flôres campezinhas, merendas na frescura dos relvedos, em resumo, o programma completo de innocentes e hygienicas distracções. As semanas de férias passavam como um sonho.

Vernoy, um pouco curvado o busto, tinha o perfil anguloso e as maçãs do rosto salientes. Os cabellos, ligeiramente caracolados, começavam a embranquecer. Os gestos eram um tanto sacudidos, mas nos olhos de côr azul e rasgados, revelava-se toda a bondade resignada e apprehensiva dos desilludidos.

Sobrio de palavras, taciturno e rabugento quando estava em Paris, transformava-se logo que vinha para

Montbarzy n'um typo alegre, sempre bem disposto. Na aldeia tornára-se proverbial o bom humor de Vernoy.

Assim, todos, mas com especialidade Blancheron, ficaram surprehendidos n'aquelle anno de ver Vernoy apresentar-se-lhes com um semblante melancholico que nunca lhe tinham conhecido.

Julgaram-no doente. Perguntaram-lhe se o estava. Respondeu, com cara de contrariado, que passava de excellente saude, cortando assim pela raiz novas e indiscretas perguntas.

No fundo, Vernoy vivia preocupado e desgostoso pela transformação brusca que se déra no character e na maneira de proceder de Marcello.

Até ali o rapaz fôra sempre apontado como exemplo aos camaradas. Os professores tinham-no na conta de estudante distinctissimo. Nos exames do fim do anno e na factura dos trabalhos que lhe incumbiam, nenhum dos collegas lhe ganhava a

palma. Os mestres não sabiam fallar senão de Marcello Vernoy, já premiado muitas vezes nos exames finaes, e reputavam-no uma organização excepional, futuro luminar das sciencias ou das letras.

Com grande surpresa de todos, o rapaz déra inesperadamente em droga. Sem que o pudessem ainda classificar no numero dos cábulas emeritos, cumpria mal os seus deveres de escolar e estudava tão sómente das lições aquillo de que carecia para não ser castigado. Parecia absolutamente desinteressar-se do futuro.

A nota obtida no fim do anno fôra deploravel. Uma extensa carta do professor para Vernoy, informára-o d'este verdadeiro desastre.

Os paes tinham tambem notado que no character do filho se operára transformação radical, completa. Marcello, ordinariamente prazenteiro, tornára-se

reservado, melancholico, com o seu tanto ou quanto de sonso, á mistura.

Antes, primára sempre em trazer os paes ao corrente dos seus trabalhos escolares e dos menores incidentes da vida de collegial. Agora, porem, guardava-se de o fazer, respondendo muito pela rama ás perguntas affectuosas que o pae lhe dirigia. Mais: tão depressa se levantava da mesa, ao jantar, almoço e ceia, corria a metter-se quarto, fechava-se por dentro, e passava horas a ler romances, a vêr quem passava na rua e a parafusar dislates.

A senhora Vernoy, tão apoquentada como o marido, tentou baldadamente impôr-se, sondar o filho. Este, ordinariamente carinhoso para a auctora dos seus dias, obtemperou, porém, aos conselhos com palavras ôccas, impertinentes, affirmando que se conservava nas mesmas disposições de espirito; tinha apenas sido menos feliz n'aquelle anno do que nos precedentes, e mais nada.

A mãe não se deixou illudir por esta falta de confiança. Sem denunciar a magoa que sentia, redobrou de rogos e de mimos.

Inutilmente.

Marcello continuou preguiçoso, reservado, mantendo-se no mais absoluto indifferentismo.

Vernoy, a quem cumpria dar provas de forte, impôr a sua auctoridade de chefe de familia, sentiu fallecer-lhe a coragem, tanto se sentia desgostoso, profundamente magoado na affeição paterna, nas suas melhores esperanças.

Não dirigiu ao filho a menor censura, persuadido de que semelhante crise de preguiça breve acabaria.

Baldadamente, porém, procurou dissimular o mau humor, a tristeza que o enlutava.

Pensára que o ar do campo, a alegria das férias, o prazer causado pela mudança do meio, restituiriam a Marcello toda a antiga energia de escolar estudioso, toda a natural vivacidade dos dezeseis annos. Mas,

pelo contrario, a permanencia em Montbarzy servia apenas para augmentar a melancholia e o desanimo do estudante.

Chegados, havia uns oito dias, a Montbarzy, os Vernoy acabavam de almoçar na sala guarnecida de antigo mobiliario de carvalho, toda rescendente a rosmaninho e alfazema.

Era meio dia.

Sem esperar que servissem o café, Marcelo sahira já para um d'esses solitarios passeios a que se habituára.

O pae e a mãe tinham até ali mantido o mais rigoroso mutismo.

— Meu Deus! meu Deus! — exclamou por fim a senhora Vernoy — Mas que terá Marcello?... o que terá elle, Senhor?!...

— Que sei eu! — respondeu Vernoy, encolhendo os hombros n'um gesto de desanimo — Marcello sofre n'este momento uma crise grave... E

o que realmente me leva da bréca, é não poder auxiliá-lo, pelos meus conselhos, a readquirir o equilibrio moral! Ha algum tempo, perdeu toda a confiança que depositava em mim!...

— D'antes — murmurou tristemente a mãe — não me occultava nada... Agora, mostra-se dissimulado, fita-me com um olhar de desconfiança que profundamente me magôa...

— Que queres?... Na idade em que está, basta uma coisa insignificante para transformar n'um cábula o melhor estudante, em libertino o filho mais obediente e carinhoso.

— Um mau livro, a pessima companhia de um collega, exercem por vezes a mais funesta influencia.

— Mas se fosse sincero — contrariou Vernoy com impaciencia — se tivesse a franqueza de me dizer quaes as razões do desanimo, não seria talvez impossivel remediar o mal...

A conversação dos Vernoy foi bruscamente interrompida pelo regresso de Marcello. Esquecera-se do canivete, um canivete rijo, munido de serra, e de que se servia para cortar as kannas nas rigueiras ou as varas compridas para a pesca á linha.

Marcello dirigia-se novamente para a porta, sem ter dito palavra, quando o pae lhe barrou a passagem.

— Estás com muita pressa... — disse.

— Tenciono dar um passeio grande — respondeu com volubilidade o rapaz.

— Irás d'aqui a pouco... Tenho de fallar-te em coisas sérias... Faz-me o favor de te sentares e ouvir com attenção.

Apezar de sentir-se contrariado, o rapaz obedeceu.

Vernoy encarou bem de frente o estudante, e com voz denunciadora da commoção que reprimia a custo, começou:

— Ouve, meu caro amigo. Não és já uma creança; chegáste á idade em que temos de assumir toda a responsabilidade das acções que praticamos, e governarmo-nos sem o auxílio dos outros... Estás quasi um homem; e é como de homem para homem que vou fallar-te.

— Estou ás suas ordens sempre — respondeu Marcello n'um tom mais delicado do que respeitoso.

Vernoy proseguiu:

— Não ignoras os cuidados que dispensámos á tua educação, as sollicitudes de que tua mãe e eu cercámos os primeiros passos que déste na vida... Porque razão perdemos, ha alguns mezes, a confiança que te merecíamos?... Não só deixaste de trabalhar, mas em vez de nos confessar, como n'outro tempo, os pezares ou alegrias de collegial, remetteste-te a um silencio egoista e

incomprehensível... Não quero punir-te, nem reprehender-te; appello simplesmente para a tua sinceridade... Que ha, que se passa de extranho no teu cerebro de rapaz?

A perturbação de Marcello era visível. Córado, envergonhado, surprezo, baixava os olhos e agitava-se na cadeira, procurando uma resposta.

Decorreram alguns momentos de penoso silencio.

O affecto que tinha pelos paes e o amor proprio davam-se, no coração do moço, violento combate.

Marcello, como já se notou, tinha cabeça leve, mas era um excellente rapaz. O orgulho proprio devia, pois, ceder ante os rostos contristados dos paes, que aguardavam anciosamente a confissão do filho.

— Pois seja como querem! — accedeu Marcello, tomando bruscamente uma resolução — Vou dizer-

lhes porque não recebi este anno nenhum premio e porque me sinto tão desanimado.

— Serás mais feliz no proximo anno! — acudiu a senhora Vernoy, commovida.

— As probabilidades com que conto este anno são eguaes ás dos annos precedentes. Se não consegui ser premiado, é porque não estudei.

— Bem vimos isso — confirmou a senhora Vernoy — Mas como explicas a tua preguiça?...

— Não trabalhei, porque é inutil trabalhar... Por muito que me fatigue, nunca conseguirei realizar os meus sonhos de ambição!

Vernoy reprimiu um movimento de surpresa.

O mal tinha raizes mais fundas do que suppunha.

Marcello proseguiu n'um tom repassado de desesperação:

— Sim! o estudo... o trabalho infatigavel, são uma burla!... No lyceu, só vejo em volta de mim filhos de millionarios, filhos de personalidades em

evidencia, politicos, litteratos, etc. Por muito que faça, nunca conseguirei entrar na vida pela porta que lhes está aberta!... Para que fatigar-me, então? D'uma ou outra maneira, o resultado será sempre o mesmo. Conseguirei, quando muito, qualquer emprego modico, como o do pae, que merecia mais, muito mais do que lhe deram, mas que teve, para não passar do pão nosso de cada dia, a infelicidade de nascer pobre e não ser intrigante.

— Marcello — respondeu severamente Vernoy — sinto profundamente que albergues no coração um sentimento tão baixo e desprezível como o da inveja... Nunca inoculei no teu espirito semelhantes principios; nunca te ensinei a invejar a felicidade alheia, mesmo quando é immerecida... Decerto, a luta pela vida é cheia de escolhos; mas é por isso que mais coragem devemos mostrar! Mesmo ricos, ou filhos de paes illustres, os preguiçosos e os

ignorantes nunca conseguem ocupar na sociedade o primeiro lugar.

— Comtudo, meu pae — replicou o rapaz com amargura — o exemplo de casa, o seu proprio exemplo...

— Precisamente... E então, já me ouviste queixar?... Entendo que sou feliz tal como vivo, e não invejo o bem estar de ninguem...

Marcello, confundido no seu egoismo de simples ambicioso, ouvia o pae com mal disfarçado assombro.

— Surprehende-te o que ouviste? — continuou Vernoy — Pois é verdade: sinto-me feliz, porque cumpro com o meu dever; e reputo-me ainda muito mais feliz do que outros, que conheço, pois escolhi um emprego em que me sinto perfeitamente á vontade, e que foi talhado á medida dos meus gostos e aptidões... Fica sabendo isto, meu rapaz: não viémos ao mundo simplesmente para satisfazer os

nossos caprichos de grandeza e predomínio; devemos trabalhar com absoluto desinteresse, como trabalharam para nós as gerações que nos precederam.

Vernoy animára-se. A chamma d'um entusiasmo generoso ardia-lhe no olhar.

— Parece nem mesmo suspeitares — continuou — que o bem estar e segurança de que gosas, o proprio cerebro que te consente pensar, são o resultado dos soffrimentos e dos esforços titanicos de milhares de gerações. E's, como todo o homem moderno, devedor do passado; debes reconhecimento a quantos te precederam: ao homem prehistorico, que foi o primeiro a fabricar um machado de pedra e a iniciar a destruição das féras das florestas; ao matteiro, que começou a desbravar as florestas, as charnecas e os brejos que cobriam o globo; ao poeta e ao philosopho que, milhares de seculos antes de nasceres, abriram aos homens os

domínios do pensamento. Não ha, até ao professor humilde que se dedicou, pacientemente, a faccionar o bloco rude da tua intelligencia, ninguém a quem não estejas em divida... O copo por onde bebes, o livro onde lêes, a casa em que habitas, são o resultado de invenções e de herculeos esforços accumulados!... Sósinho, nu, desarmado, que serias sem a forte solidariedade humana que te cercou, desde o berço, de cuidados e de carinhos? E' essa solidariedade millenaria que te dá a vida, mas com a condição de que lhe restituas os serviços, que leves também a tua pedra ao edificio commum; n'uma palavra, que engrandeças, para o Futuro, a herança do Passado.

— Nunca pensei, realmente, em quanto acabo de ouvir — confessou Marcello, pensativo.

— A superioridade que a Fortuna nos dá, ou a obtenção facil d'uma sinecura, é illusoria e fallaz. A verdadeira felicidade não consiste em nenhuma.

— Mas n'esse caso — interrogou Marcello, cada vez mais interessado na conversação — qual é o verdadeiro fim da vida e como se pode ser feliz?

— Só o podemos ser pela satisfação da nossa propria consciencia... Todos os gosos da grandeza e da vaidade não valem o calmo prazer do dever cumprido. E esta intima serenidade, esta satisfação profunda, só se obteem, tornando-nos uteis aos nossos semelhantes nas medidas das nossas forças... Para mim, ha muitas especies de superioridade, como ha muitas especies de felicidade. O artista, que trabalha manualmente, deve ser apreciado, e pode gosar da felicidade na sua condição humilde. Acima d'elle, colloca-se o homem que, pela intelligencia e força de organização e de trabalho, procura o bem estar de milhares de semelhantes. A um grau superior achamos o homem que, por uma intervenção ou acto de coragem, concorre para a grandeza e prosperidade da patria. Mas, a todos excede sempre aquelle que

faz avançar um passo á humanidade inteira na senda do progresso.

— O que diz, meu pae, parece-me soberbo na theoria, mas muito vago e singularmente abstracto... Compreenderia melhor se me fornecesse alguns exemplos...

— Basta olhar em volta de ti... Suppões que um Bernardo Palissy, um Pascal, um Diniz Papin, um Jacquart, um Hugo, um Pasteur, não tenham sentido, feridas as luctas homericas que sustentaram contra os prejuízos do seu tempo, mais profundos gosos que o vulgar da humanidade?!... O sabio e o artista, pobres mas apaixonados pela sua obra, sentem prazeres que o rico, ocioso e ignorante, nunca conhecerá.

Marcello mantinha-se pensativo.

Vernoy concluiu:

— Não tenho a pretensão de transmutar n'uma única tentativa as idéas que albergas no cerebro, de modificar instantaneamente os teus prejuizos de

egoista; conjuro-te sómente a que peses as minhas palavras, e estou convencido de que, com a intelligencia e bom senso que possues, não tardarás a dar-me razão, e a confessar que a minha theoria é a unica verdadeira e justa.

Marcello esboçou uma careta, fez com a cabeça um movimento de acquiescencia, e saiu, muito mais aborrecido que convencido.

II

Apanhado em flagrante

Como verdadeiro parisiense, Vernoy adorava a vida campezina. Deliciava-se em ver crescer os legumes e engrossar os fructos nas latadas ou nas estacas, na horta de Blancheron. Os insectos, as flôres e mineraes tambem o interessavam.

Longe da papelada bolorenta dos archivos, sentia alma nova. Era botanico, geologo e mesmo horticultor.

Algumas vezes, levando o martello do geologo mettido no cinto e a caixa verde do naturalista em bandoleira, percorria as florestas e os prados. Outras, passava horas inteiras debruçado sobre um formigueiro ou postado nas proximidades d'um cortiço de abelhas. Sentia prazer em constatar que os animaes, quando vivem em sociedade, são

vulgarmente mais prudentes e dispõem de melhores organizações do que os homens.

A senhora Vernoy, posto não compartisse d'esta paixão do marido, acompanhava-o quasi sempre nas excursões, comprazendo-se em ouvir as innumeradas aneddotas de que a memoria do archivista estava recheiada.

Os dois esposos, além d'isto, tinham uma outra fonte de distracções na cavaqueira com os aldeões de Montbarzy, que se mostravam respeitosos com os *parisienses*, e os consultavam para muitos casos especiaes. Quantas vezes a logica do archivista e a bondade conciliadora da senhora Vernoy não tinha posto termo a questões de soalheiro e sustado processos ruinosos! Todos os pequeninos nadas da vida intima dos habitantes de Montbarzy os interessavam; e, como não existe ninguem que esteja isento de imperfeições, succedia aos paes de Marcello prestarem por vezes attenção complacente

aos mexericos d'aquella boa gente, de resto muito honrada e temente a Deus.

Na conversação havia sempre um assumpto que não deixava de ser abordado: a pessoa e a maneira de viver do senhor Belzévor. O proprietario do castello de Montbarzy servia continuamente de pretexto aos perpetuos commentarios das senhoras visinhas.

O castellão levava uma vida absolutamente claustral. Todo entregue a investigações scientificas, nunca transpunha os limites do seu famoso parque.

Falavam d'elle com um respeito quasi supersticioso; do laboratorio, das estufas e do mobiliario riquissimo, mas extravagante, do castello de Montbarzy.

Devido á existencia que levava e a algumas curas que operára em casos graves, o senhor Belzévor quasi gosava na região a fama de bruxo.

Vernoy, surprehendido no intimo pela facilidade com que se criam as lendas nas almas dos simples,

contentava-se em sorrir quando ouvia a respeito do medico as mais bizarras histórias.

Sabia, de fonte limpa, que Belzévor — um excentrico, um original na vida privada, — era, no fundo, um verdadeiro homem de sciencia, universalmente respeitado pelas suas famosas descobertas toxicologicas. Inventor opulento, dispondo de milhões, habituára-se a satisfazer todos os caprichos, sem de nenhuma maneira pactuar com o Demonio, como era voz corrente entre os habitantes de Montbarzy.

Os Vernoy gosariam da mais completa felicidade, se não fôsse o pezar que continuava a causar-lhes Marcello, cuja má vontade e absoluto mutismo faziam o desespero dos paes.

Um tanto ou quanto impressionado com as reprimendas paternas, não tardára comtudo em esquecêl'as, e não modificára absolutamente em nada o genero da vida que levava. Sahia logo de

manhã, quer chovesse ou fizesse sol, e só voltava a casa ás horas das refeições, por vezes encharcado até aos ossos, outras coberto de lama, com o fato rasgado e as mãos cheias de arranhões.

Convencido, a começo, de que o filho aproveitava as excursões solitarias para reflectir maduramente, Vernoy não lhe dirigia a menor censura. Mas, ao cabo de uma semana, constatou que Marcello não se emendára e continuava refractario a todas as idéas de mudar de vida.

Da mesma maneira melancholico, reservado, aváro de palavras, o rapaz não mostrava depositar nos paes a menor confiança, não dava a mais pequena prova d'esses arrependimentos sinceros que tudo fazem perdoar, — injurias, aggravos e resentimentos profundos.

Na realidade, Marcello, moço ambicioso, precocemente desilludido, preenchia a inutilidade

dos dias passados na aldeia por longas caminhadas através dos bosques e dos prados.

N'uma região florestal como a de Montbarzy, todos os habitantes pendem mais ou menos para caçadores furtivos.

Perfidamente aconselhado por um patife da peor especie, o rapaz não tardou que aprendesse a armar um laço, a preparar um isco.

Mas, fôsse por falta de pratica, ou por impericia, Marcello era quasi sempre infeliz nas suas expedições venatorias. Isto vexava-o, e incutia-lhe no animo o desejo de aperfeiçoar-se.

Tinha tanto empenho em tornar-se um caçador furtivo dos mais afamados, como o que outr'ora mostrára para obter a primeira classificação nos estudos escolares.

Até ali, nunca se aventurára a transpôr os muros da propriedade alheia, mas não tardou que o assaltasse a tentação de o fazer.

Contavam-se maravilhas das tapadas e viveiros do castello do Montbarzy. O parque era immenso, e, desde que pertencia a Belzévor, nenhum pescador, nenhum caçador ali entrára. A imaginação de Marcello phantasiou coisas verdadeiramente ideaes.

— Este senhor Belzévor — pensou — é sem duvida um rato de bibliotheca e de laboratorio. Deve ter por todos os *sports* o mais absoto desprezo. A caça e o peixe pullulam nas dependencias do castello, iria jurál-o, como n'um verdadeiro paraizo terrestre!.. Accresce que um typo d'este genero não deve ser, com certeza, um modelo de bom dono de casa, cioso de que ninguem o roube!...

E, convencido pela força de taes argumentos, cuja falsidade os paes teriam acremente censurado, Marcello, um dia, levantou-se muito cedo.

Saiu de casa levando n'um cesto de vime todos os utensilios d'um pescador á linha.

A aldeia dormia ainda. Marcello apenas encontrou alguns lenhadores que, de machado ao hombro, se dirigiam para o trabalho.

Cumprimentavam o rapaz, dando-lhe os bons dias; e, a passo cadenciado e pesado, affastavam-se, perdendo-se ao longe na sinuosidade dos carreiros.

Intimamente envergonhado da acção que ia praticar, Marcello só respirou livremente quando se encontrou em plena floresta, longe de tudo e de todos.

Meia hora depois de ter sahido da moradia de Blancheron, chegou junto dos muros forrados de hera que cingiam o parque do castello.

Foi para elle um brinquedo de creança cavalgar o obstaculo que se lhe offerencia, agarrando-se aos troncos das trepadeiras e ás anfractuosidades, e deixar-se depois escorregar para o outro lado, embora com grande prejuizo do fato e das botas,

finas de mais para expedição de semelhante natureza.

Transposta a barda de silvas e estevas que se unia ao muro, Marcello achou-se no parque atapetado de folhas perlejadas de orvalho, e d'onde se exhalava o perfume matinal das flores agrestes.

Sentindo o coração pulsar com força, enveredou por um carreiro, depois por outro, defrontou de subito com a fachada branca do castello e voltou atraz com precipitação.

O parque parecia abandonado. As arvores, de cujos ramos pendiam grinaldas de clematites e madresilvas, pareciam não ter sido nunca mordidas pela serra e thesoura do limpador. Invasas pelos azevinhos e fétos as veredas desapareciam. Bandos chilreantes de passaros fugiam assustados, passando sobre a cabeça do indiscreto visitante.

Marcello sentia-se extasiado.

— Oh! — murmurou — mas isto é o verdadeiro castello da *Bella Adormecida!*...

Todavia, não olvidava o lado pratico da expedição. Passados alguns minutos de minuciosa busca, chegou junto de um lago bordado de cannaviaes e sagitarias, atulhado de nenufares, sobre cujas folhas glaucas repousavam flôres de prata e oiro.

Um regato murmurante alimentava o grande reservatorio; e, por baixo da folhagem das plantas aquaticas, via-se luzir com scintillações d' aço brunido o dorso dos peixes.

Marcello Vernoy tratou immediatamente de pôr em acção o arsenal completo que trazia no cesto de vime.

Escolheu lugar, collocou o isco no anzol, prendeu a linha a um tronco d'arvore, e resolveu voltar meia hora depois a recolher o peixe que mordesse.

Entretanto, o dr. Belzévor, depois de ter, segundo o costume, passado a noite a trabalhar no laboratório, resolveu, antes de deitar-se, dar um passeio pelo parque no intuito de arejar a cabeça estonteada pela febre do estudo, de sentir a fronte beijada pela brisa matutina.

O silencio das alamedas era apenas perturbado pelo canto dos passaros, pelo murmurio dos insectos que os primeiros raios de sol despertavam do lethargo nocturno e pelo rumorejar do arvoredo.

Belzévor saboreava religiosamente a calma belleza d'aquelle ninho perfumado, quando um ruido de ramos partidos, de folhas seccas calcadas, o fez pôr de ouvido á escuta.

— Olá! — pensou o castellão — querem ver que temos caçador furtivo de visita aos coelhos?... Pois não deixaria de ser realmente extraordinario o facto, attenta a fama de feiticeiro de que goso na região!

E o dr. Belzévor poz-se á espreita, occulto com o tronco de um carvalho secular...

Esperava surprehender algum vadio coberto de andrajos, ou aldeão de blusa e tamancos. Assim, a surpresa quasi o trahiu aos olhos perscrutadores de Marcello, quando constatou no malandrim que não hesitára em saltar o muro do parque um rapazola bem vestido, trazendo na cabeça elegante chapeo branco de *sportman*. O collarinho e a gravata eram irreprehensíveis. A physionomia do intruso revelava bondade e intelligencia.

— Estes olhos côr de opala, este perfil delicado não são decerto os de um malfeitor profissional — pensou o medico — Tenho de haver-me com qualquer collegial em férias, a quem não deixará de ser util a lição que vou dar-lhe.

E Belzévor esperou que Marcello acabasse de estender as linhas. Depois, sahindo bruscamente do esconderijo, dirigiu-se ao encontro do rapaz.

Marcello suffocou um grito de terror ao vêr a dois passos de distancia o extranho personagem, que parecia surgir, como por obra diabolica, d'uma espessa barda de acacias e pilriteiros.

Belzévor, muito baixo, trazendo a barba escrupulosamente escanhoadada, o busto aprumado, e caminhando com desenvoltura, occultava aos olhos do melhor observador a idade.

As feições estavam encarquilhadas, a fronte vincada de numerosas rugas; mas os cabellos, de um negro insolito, e os olhos animados de fulgurações juvenis, desnorteavam. Tinha trinta ou sessenta annos? Seria impossivel dizêl'o.

O seu trajo era de impecavel correcção. Trazendo na cabeça um chapéu molle forrado de seda, calçando sapatos de pulimento e luvas amarellas, Belzévor envergava um frak de córte algo pretencioso e calça cinzenta, aos quadradinhos.

Um sorriso malicioso punha-lhe a descoberto duas feiras de magníficos dentes.

Marcello sentia-se de tal maneira assustado perante a inesperada aparição, que não teve a presença de espirito sufficiente para fugir. Envergonhado, vermelho como romã, quedou-se immovel em frente do medico como criminoso que espera a sentença.

— Vejo — disse ironicamente Belzévor, que é madrugador, meu rapaz!... Infelizmente, como vê, soffro do mesmo mal!

— Senhor... — balbuciou Marcello, tirando o chapéu e ficando na mais desgraçada posição possível.

— Socegue... Quero por esta vez ter contemplação pela sua idade, e consentirei que se retire sem o entregar aos guardas florestaes... Não torne, porem, a cair n'outra... Como se chama?

— Marcello Vernoy.

— Frequenta certamente alguma escola?

— Sim, senhor — murmurou o rapaz com voz tão baixa que mal se ouvia.

— Pois não honra muito os seus professores pelas lições de moral que certamente lhe deram... Ou, então, foi semente lançada a terra ruim e que não fructificou... Inclino-me para o lado d'esta segunda hypothese.

Marcello estava verdadeiramente aturdido. Voltava machinalmente o chapéu nas mãos. Teria desejado, como é vulgar dizer-se, estar enterrado a cem pés na terra, desaparecer por um alçapão, como nas magicas que vira na Châtelet.

Belvézor condoeu-se da situação do rapaz.

— Vamos! — proseguiu — julgo ter-lhe dado uma lição que nunca mais esquecerá... Pode retirar-se...

Marcello dirigia-se, penalizado, corrido, para o lado do muro do parque, por onde saltára, quando o medico o chamou.

— Procederia muito mal se quizesse voltar por onde veio... E' caminho só proprio de gatunos... Queira sair naturalmente pelo portão... Se algum criado o vir, decerto supporá que recebi qualquer visita matutina, inesperada, e não lhe prestará attenção...

Desconcertado, seguiu o guia sem proferir palavra. Approximavam-se já da magestosa porta de ferro que abria para a estrada, quando Belvézor pareceu reconsiderar pela segunda vez.

— Mas, a proposito... recordo-me agora... — disse — e o seu estojo de pescador?... Não quero de maneira nenhuma, como vulgar guarda campestre, confiscar-lhe os *engenhos de guerra*...

Marcello, com grande satisfação do doutor, roía as unhas de vergonha e de raiva. O orgulho ferido

marejava-lhe os olhos de lagrimas. Teve, comtudo, de soffrer o supplicio de voltar ao lago.

Depois, assediado pelo olhar inquisitorial do medico, levantar as cinco linhas que tinha estendido.

Ao puchar a ultima, uma soberba sôlha veio presa ao anzol. Tirada da agua, debatia-se no relvedo humido.

— Toma! Famosa pesca!... — chasqueou Belzévor, dando á cabeça um movimento adequado.

Marcello pegou no peixe ainda buliçoso e apresentou-o ao medico:

— Pertence-lhe... — murmurou.

— De maneira nenhuma... Quero que o saboreie, de castigo... por mim, confesso-lhe, não gosto de tal peixe...

E accrescentou:

— Agora que o senhor conhece o caminho, parece-me inutil servir-lhe de *cicerone*.

E Belzévor sumiu-se a passinho rapido, continuando o passeio interrompido.

Marcello, de chapéu n'uma das mãos, e com as linhas e a sôlha na outra, conservou-se no mesmo sitio, corrido de vergonha.

Deu-se seguidamente pressa em sair do parque e regressar a Montbarzy, onde chegou, fóra do costume, muito antes da hora do almoço.

Vernoy, que estava bem longe de suppôr o que se passára, felicitou o filho pela feliz pesca.

Marcello acolheu de má catadura os elogios do pae.

Estava arrependido e vexado.

Assim, quando o saboroso peixe passou ás mãos da senhora Blancheron e se viu longe dos ouvidos indiscretos, isolado com o pae e a mãe na sala de jantar, narrou a vergonha porque passára, n'um brusco accesso de franqueza.

— Ah! procedeste mal! muito mal...censurou Vernoy, visivelmente commovido.

E explicou ao filho como aos olhos d'um psychologo não ha delictos insignificantes; aquelle que uma vez viola a propriedade alheia, embora obedecendo a um motivo futil, está apto para repetir o delicto na primeira occasião que se lhe offereça.

— Creio — accrescentou a senhora Vernoy voltando-se para o marido — que será conveniente procurar o dr. Belzévor e apresentar-lhe todas as desculpas sobre o procedimento de Marcello.

— Tens talvez razão — respondeu Vernoy. Mas como serei recebido, eu, um pobre empregado publico, um funcionario subalterno, por esse grande sabio, por esse castellão millionario?... Já pensaste n'isto?...

— Não... mas o dever ordena que o procures... — replicou a senhora Vernoy com brandura. — Se esse senhor fosse um mau homem, ou simplesmente

um homem severo, poderia ter causado a Marcello, a nós todos, um sério desgosto... Em tal conjuntura, o agradecimento e mesmo as explicações impõem-se...

Depois de hesitar algum tempo, Vernoy seguiu o conselho da mulher.

N'essa mesma tarde, cerimoniosamente vestido com a sua melhor sobrecasaca burocratica, foi bater na aldraba do portão de ferro do castello.

Eram seis horas da tarde.

— Cae como a sôpa no mel — disse-lhe o criado a quem se dirigiu. — O senhor doutor acaba agora de levantar-se; decerto não recusará recebê-lo...

Depois de esperar uns quinze minutos n'um esplendido salão de estylo moderno, com o tecto de madeira de cedro, reposteiros de seda verde-pallido, Vernoy foi acompanhado até junto do dr. Belzévor, entrando n'um gabinete de trabalho que excedia em

magnificencia tudo o que o honesto archivista até ali admirára nas recepções officiaes.

Vernoy despertou logo as sympathias do dr. Belzévor, que o interrompeu a meio das desculpas dadas.

Passados cinco minutos, o archivista perdera o aprumo de visitante cerimonioso. Cavaqueava familiarmente com o medico sobre sciencia, litteratura, erudição, abordando despretenciosamente mil assumptos diversos, fazendo sobre todos considerações interessantes.

Terminada a primeira visita, o dr. Belzévor ficou sendo um dos melhores amigos de Vernoy. Incumbiu-o até de proceder a certas pesquisas que as funcções desempenhadas pelo modesto funcionario nos Archivos tornavam relativamente faceis.

O dr. Belzévor tinha talento e sciencia; Vernoy dispunha de invulgar erudição. Assim, os dois homens completavam-se admiravelmente.

Accedendo a convites que quotidianamente lhe eram feitos, Vernoy passou a visitar todos os dias, durante uma a duas horas, o dr. Belzévor. Ambos se deliciavam em discussões interessantes, passeando pelo parque, á sombra do cerrado arvoredado.

Incidentemente, o archivista tornou o medico confidente das preocupações que lhe dava o filho.

— Oh! meu caro!... mas o senhor vê tudo negro!... Esse rapaz, — pondo de parte o caso da sôlha — merece-me toda a sympathia. Porque não o traz aqui?...

— Não me atrevia... Alem d'isto, tomou-lhe um tal medo, doutor...

— E' certo que o castiguei um pouco severamente... Mas diga-lhe que o desejo vêr. Traga-m'o ámanhã... estudál-o-hei... Veremos se tenho algum meio de o curar...

III

A «Belzévorina»

Na manhã seguinte, Marcello Vernoy foi apresentado pelo pae ao dr. Belzévor, e não tardou em tornar-se um dos familiares do castello.

A personalidade um tanto ou quanto phantastica do doutor impunha-se ao rapaz. Sentia-se um desprezível pygmeu diante das idéas genialmente claras e da logica impecavel do velho sabio.

Este, que o suppunha muito intelligente, distrahia-se com o assombro do collegial. Não se fatigava de o fazer admirar as magnificas estufas, onde a luz doirada das lampadas de Edison recortava os perfis medrosos das orchideas, das trepadeiras, das solaneas tropicaes.

O que especialmente surprehendeu Marcello foi constatar que o dr. Belzévor não possuia, para assim dizer, nenhuma planta de luxo. Apenas ligava

importancia aos vegetaes cujo principio activo pode reagir poderosamente sobre o organismo humano.

A *datura stramonium*, a fava de Tonka, as trepadeiras que produzem o *curare*, a *ouabaïa strophantus* occupavam o logar de honra nas preciosas collecções.

Estas plantas venenosas eram aquellas que o sabio escolhia de preferencia e rodeava dos mais minuciosos cuidados.

Outra particularidade que despertava a curiosidade de Marcello, era o culto que o doutor Belzévor professava pelos perfumes, e a sciencia magistral com que dosava as essencias.

Cada uma das salas do castello tinha um olor especial, desde a rosa e o myrtho, tão preferidos na antiguidade classica, até aos perfumes mais modernos; o *ylang-ylang*, o *chypre*, o *patchouli*, o *syringa*, etc.

O medico preferia especialmente as arvores extra-modernas que são, na arte da perfumaria, o que o *moderno estylo* ou *arte-nova* é para o mobiliario, — aromas discretos e subtis, como a tilia de Londres, o junquillo, o corylopsis.

Quando Belzévor entrava em qualquer das salas, deliciava-o a fragancia delicada das mais perturbantes essencias.

Além da paixão immoderada e até certo ponto ridicula pelos perfumes, o dr. Belzévor tinha a das gemmas e pedras preciosas de todas as qualidades.

Trazia a mão esquerda ornada de quatro anneis de oiro, exactamente eguaes no feitio, mas cujos engastes estavam ornados de pedras differentes. No dedo indicador, trazia um topazio; no médio, um rubim; no annular um diamante negro; no auricular, uma ouwarite.

Marcello era incansavel em interrogar o medico sobre os mais diversos assumptos. O sabio

aproveitava a curiosidade do rapaz para surreitamente o estudar, para o passar pelo crivo da mais rigorosa analyse.

O resultado de tal exame foi favoravel.

— Seu filho — disse um dia Belzévor a Vernoy — é um ambicioso precoce. Como o maior numero dos rapazes educados em Paris, soffre de um cansaço intellectual muito grave. Armazenou no cerebro mil conhecimentos disparatados. Semelhante a certas plantas de estufa, recebeu calor demasiado... Que resultou d'isto? Possuir, com uma alma de adolescente, as ambições e a cupidez de um velho.

— Assusta-me! — respondeu Vernoy.

— Não sei porquê. Deve ligar ás minhas palavras tão sómente a importancia que realmente têm. Marcello é, como tantos outros, victima de um methodo de educação defeituosa; mas dispõe de firmeza, de imaginação, e, o que é essencial, de

muita força de vontade e de sinceridade. Com isto, salvál'o-he-mos.

— Mas como?

— Estou convencido de que se Marcello pudesse contemplar, embora durante algumas horas, os maravilhosos progressos que o futuro nos reserva, e de que as descobertas contemporaneas apenas dão pallida idéa, perderia para sempre essa inveja e egoismo que deve a pessimas companhias ou a leituras superiores á sua intelligencia.

— Como quer o doutor que meu filho possa ver de perto esses maravilhosos progressos a que allude?

— interrompeu Vernoy com desanimo.

— E' uma coisa talvez menos difficil do que á primeira vista parece.

— Decerto não pretende gracejar comigo, doutor...

— Longe de mim semelhante idéa!

Belzévor e Vernoy estavam sentados commodamente em confortaveis poltronas de porcellana, quentes no inverno e frescas de verão. Havia muitos annos que o medico mandára vir de Cantão os dois moveis, extremamente praticos, e que são de uso corrente, desde edades remotas, na China e em todo o Extremo Oriente.

O doutor levantou-se e, empurrando a poltrona, que girou nos rodizios de borracha, disse a Vernoy:

— Siga-me ao laboratorio, peço-lhe...

O laboratorio do dr. Belzévor em nada se parecia com o maior numero dos que possuem os sabios de todo o mundo. Apenas ali se via um gigantesco aparelho dynamogenico, alguns armarios de carvalho abarrotados de livros, e enormes vasos de grés cheios de flores tropicaes de capitosos perfumes.

O medico aproximou-se de uma prateleira, e, mostrando a Vernoy um frasco em cujo fundo havia uma massa esbranquiçada, perguntou:

— Sabe o que é isto?

— Leio no lettreiro: «Alcool puro».

— O deposito que o senhor vê no fundo é sulphato de cobre, que de branco se transforma em amarello, quando em contacto com a agua. No dia em que este alcool cessasse de ser absolutamente puro, a côr azulada do sulphato de cobre avizar-me-hia.

— E' devéras engenhoso — replicou Vernoy, que possuia apenas noções rudimentares de chymica — Mas onde pretende chegar, meu caro amigo?

— Não se impaciente. Oiça-me com attenção... O alcool é uma das substancias mais fataes ao organismo. No nosso tempo, como sabe, o alcoolismo tem-se tornado uma verdadeira enfermidade, um flagello que desarma todos os

governos... Mas, adiante. Pretendo tão sómente dizer-lhe isto: é que os alcoolicos inveterados, os bebedores attingidos pelo *delirium tremens*, vêem constantemente, nas allucinações, objectos e seres identicos.

— Sim, li isso já — respondeu Vernoy, surprehendido do rumo que tomava a conversação — Julgam-se constantemente mordidos pelos ratos, pelas serpentes, pelos lagartos...

— O meu caro Vernoy attingiu precisamente o ponto onde eu queria chegar, e vem a ser que os alcoolicos, seja qual fôr a idade, sexo, condição social, têm exactamente as mesmas allucinações... Não passam dos ratos, dos lagartos e dos reptis...

— E que prova isso?

— A importancia de semelhante constatação é enorme, como vai vêr, no ponto de vista scientifico. O que acabou de dizer prova que cada estupefaciente actua n'uma parte distincta ou perfeitamente

definida do cerebro... O *haschich* produz primeiramente a confusão de vocabulos e a alegria; no segundo periodo da intoxicação, inspira a mania das grandezas. O individuo que se deixa viciar pelo *haschich* julga-se imperador ou rei... Os effeitos do opio são ainda mais caracteristicos. Esta droga infernal, com que se envenenam ainda mais de cem milhões de seres humanos, causa uma ignorancia extranha das noções do tempo e espaço. Leia, para se convencer, os trabalhos tão notaveis pela forma litteraria, como no ponto de vista scientifico, do inglez Thomaz de Quincey. O comedor ou fumador de opio perde a noção do tempo e do espaço. Vê, sem nenhuma perspectiva, durante os sonhos, cidades, mares, rios, florestas, regiões immensas, distinguindo tão nitidamente o ultimo plano como o primeiro. As contemplações sobrenaturaes deixam-lhe o olhar e o cerebro desfallecidos. Quando sae de taes orgias, é quasi um idiota ou cego... No ponto de

vista tempo, observa-se o mesmo. Thomaz Quincey conta que sentia, em alguns minutos, a sensação de viver muitos seculos, e isto no meio dos mais abominaveis soffrimentos. Via successivamente desfilar pela frente d'elle, n'um minuto, as legiões romanas, as cruzadas de Pedro o Eremita e os «Cabeças Redondas» da Revolução ingleza. Despertava d'estas allucinações morbidas inteiramente extasiado de corpo e alma.

— Tudo quanto diz é extranho... Existirão, realmente, substancias que exerçam influencia em certas regiões mysteriosas do cerebro, deixando as outras em repouso?

— Mais ainda! — continuou o medico animando-se. — Cresce nas anfractuosidades dos rochedos das regiões glaciaes do Polo Antartico uma insignificante variedade de cicuta cujos principios essenciaes e succos encerram, até certo ponto, a alma das epocas prehistoricas...

— Não compreendo bem... — atalhou Vernoy, fitando o medico com olhos de pasmo.

— Vou explicar-me melhor... Aquelle que toma uma decocção da tal cicuta, pouco toxica, cae durante vinte e quatro horas n'um estado comatoso, e os sonhos desenham-lhe invariavelmente scenas e paisagens das primeiras edades do globo... Vê, e eu proprio vi tambem, o plesiosauro agitar por cima do enorme corpo, enorme como o casco de um dos nossos transatlanticos, o pescoço de serpente, com quinze e vinte metros de comprimento; vê o mammouth, no envolucro dos pellos hirsutos e rudes, arrancar com as defezas gigantes os arbustos e os fétos no humido e quente vapor da infancia da Terra... Vê, e eu tambem vi, os pterodactylos abrir, acima de coqueiros de cem metros, as grandes azas membranosas, e, com as maxillas semelhantes ás do crocodilo, apanhar no vôo insectos monstruosos. Vê tartarugas de enorme e recurva concha, arrastarem-

se lentamente nos lodos das edades primevas... Só a animalidade vivia então, em toda a sua grandiosa e livre força bruta. O pensamento dormitava ainda...

— Existirão, como diz, substancias capazes de nos transportar ao passado, de nos fazer viver a vida maravilhosa dos tempos idos?!...

— Existem. Posso affirmar-lh'o, empenhando a minha palavra de sabio... como posso affirmar-lhe que as coisas futuras são para nós tão visiveis como as coisas passadas!... Descobri as plantas e os phyltros que nos desvendam os quadros das edades vindouras... Não existe o futuro em germen no presente, e não nasceu o presente do passado?... Advinhar e recordar são, no fundo, a manifestação unica d'uma lei semelhante. O poeta resuscita as epocas desaparecidas e prediz as descobertas futuras; o philosopho e o historiador annunciam os acontecimentos que se produzirão muito depois de morrerem... Eu descobri o elixir que pode

transportar-nos ao futuro! Possuo o segredo dos mundos futuros! Posso fazer surgir, ao sabôr do meu capricho, as civilisações e os povos que ainda não nasceram!

Vernoy uniu as mãos n'um assomo de supersticioso terror. Dividia-se entre a admiração e o assombro.

— Segundo deprehendo do que acaba de revelar-me — balbuciou — o doutor pretende transportar meu filho, por algumas horas, ás civilisações vindouras; deseja fazer-lhe vêr o que será, no Futuro, a existencia dos homens.

— Precisamente. Advinhou onde quero chegar... Este fatigante preambulo tendia apenas a rogar-lhe que me consinta tentar em seu filho uma experiencia, inteiramente inoffensiva, e em resultado da qual Marcello ficará curado, de vez, do mal que o inutiliza.

— Não correrá nenhum perigo?...

— Juro-lhe que não... Marcello apenas dormirá, algumas horas, n'um somno calmo. Quando despertar, estará novamente são de corpo e alma.

Vernoy ficou por momentos calado.

— Seja! — acquiesceu por fim, com um gesto brusco — deposito no senhor absoluta confiança... Cedo-lhe Marcello...

— Repito, meu caro Vernoy — precisou Belzévor n'um tom convicto que poz termo ás ultimas hesitações do archivista — que não se trata, para fallar verdade, de uma experiencia, mas de uma cura... Respondo pelo exito...

Na manhã seguinte, Vernoy, que não ignorava os singulares habitos do medico, apresentou-se no castello á hora habitual a que Belzévor se levantava, isto é, pelas seis da tarde. Acompanhavam-no Marcello e a mulher.

Obedecendo ás recommendações do sabio, Vernoy não prevenira o filho da innocente

conspiração de que era alvo. Apenas a senhora Vernoy participava do segredo.

Apezar das boas razões que lhe déra o marido, a pobre senhora tremia pela vida de Marcello. O bom humor e o prazenteiro semblante de Belzévor restituiram-lhe o socego.

Como de costume, depois do jantar, serviu-se chá no terraço que dava para a floresta.

Os oiros e purpuras d'um soberbo pôr do sol tingiam a linha extrema do horisonte, limitada pelas montanhas.

A conversação amortecia de interesse.

Belzévor accendêra um charuto de Havana, cujo perfume pairava no ambiente. Modestamente, Vernoy chupava n'um cachimbo de espuma, e Marcello obtivéra licença para saborear uma cigarrilha de tabaco oriental.

Um criado, silencioso e grave, como um referendario no Conselho d'Estado, trouxe os licores.

Os Vernoy acceitaram algumas gôttas d'esse *hirsch* côr de rosa, que apenas se encontra nos Vosges.

Marcello ia seguir o exemplo dos paes, quando o medico o deteve com um gesto.

— Não! não!... — contrariou n'um tom que não admittia replica — beba antes d'este... Offereço-lhe um licôr de que ha de contar-me maravilhas, e que lhe recommendo... Chama-se *Belzévorina*, e ninguem o vende...

Belzévor pegou n'uma garrafa de crystal da Bohemia com reflexos de topazio, e vasou algumas gôttas de um liquido glauco e intensamente aromatico no copo do estudante.

Marcello, provando primeiro o licôr desconhecido, acabou de o beber.

— O seu elixir é realmente delicioso, doutor — declarou — dir-se-hia composto com o extracto de flôres selvagens...

— Advinhou! — respondeu, sorrindo com ironia, Belzévor — E' agradabilissimo ao paladar mais delicado...

Os Vernoy, anciosos, ora olhavam para Marcello, ora para o medico...

Subito, o rapaz fechou as palpebras e a cabeça caiu-lhe pesadamente para traz, no espaldar da cadeira de braços.

— Dorme! — disse rapidamente Belzévor.

E, com o pé, poz em movimento o timbre do aparelho electrico dissimulado no sólo. Surgiram dois criados.

— Transportem o sr. Marcello Vernoy para a sala azul e estendam-n'o no leito! — ordenou.

IV

No anno 3000

Marcello Vernoy despertou aos sons d'uma orchestra infinitamente suave e harmoniosa, que parecia segredar-lhe aos ouvidos mil pensamentos benevolos mas confusos.

Sem descerrar as palpebras, immerso no torpor que segue o somno, tentou adivinhar que instrumentos eram os que tocavam. Não o conseguiu.

A mysteriosa melodia possuia simultaneamente a eloquencia dilacerante dos violinos, a doçura angelical das harpas, as vibrações imperiosas dos instrumentos de metal, a sonoridade profunda dos órgãos.

— Não é uma orchestra que oiço — murmurou — mas a propria Musica.

E, vagamente, pensou em qualquer artística surpresa do doutor Belzévor.

O que mais o confirmava n'esta supposição eram as brisas perfumadas que vinham refrescar-lhe o rosto, carregadas de olores que vagamente lhe recordavam os da mimosa e limoeiro florido, porem mais finos, mais delicados e ethereos.

Entretanto a harmonia proseguia em surdina, *decrecendo*, como se a orchestra invisivel se affastasse lentamente, e as notas morressem ao longe n'um tenue suspiro...

Marcello esfregou os olhos, e sentou-se bruscamente no leito.

Reprimiu a custo uma exclamação de surpresa, e o olhar esgaseado percorreu o aposento onde se encontrava.

Era um salão amplo, em forma de rotunda, cuja cupula se compunha de grossas placas de vidro de

côres claras, que scintillavam como pedras preciosas mordidas pelos raios do sol nascente.

As paredes, de um tom infinitamente cariciante á vista, pareceram a Marcello ser de grés-on porcellana. Offereciam os cambiantes mais variados da purpura, do amethista e do açafão.

O leito onde estivera deitado não se parecia com nenhum d'aquelles que até ali vira.

Semelhava uma especie de concha, de forma graciosa, mas sem apresentar nenhuma voluta, nenhum angulo, nenhum ornamento. Era um leito de porcellana, como as paredes do quarto.

Apezar do assombro que o dominava, Marcello não se sentiu amedrontado. As perturbantes harmonias que lhe sussurravam ainda aos ouvidos d'uma maneira tão nitida, como se fossem palavras, mantinham-no n'um encantamento delicioso, sem lhe deixar no espirito logar para o receio ou medo.

Parecia-lhe que sonhava um delicioso sonho, e receava não lhe ver o termo.

Para se convencer da realidade do que via, palpou as roupas que o agasalhavam.

— Oh! — exclamou — este esplendido e macio tecido não foi, com certeza, fabricando com elementos colhidos no reino animal ou vegetal... Dir-se-hia que é de amiantho, ou tecido em vidro...

Saltou do leito, vestiu-se; mão desconhecida dobrára-lhe cuidadosamente o fato, pondo-lh'o ao alcance da mão, sobre uma pequena mesa.

De espaço a espaço, as paredes estavam armadas de placas de vidro, de um violeta escuro de reflexos cambiantes.

Marcello perguntava a si proprio qual seria a utilidade d'essas placas de metal, e dispunha-se a bordar sobre o assumpto considerações varias, quando bruscamente, puchado por mão invisivel, um

cortinado se abriu, deixando-lhe as columnas de uma galeria circular.

Adolescentes, vestidos de preciosos tecidos, rodearam Marcello Vernoy, cada vez mais surpreendido.

Nunca se encontrára em presença de seres tão formosos; nunca se teria atrevido a suppor que os houvesse tão bellos.

Os condiscipulos, com que privára na vida lyceal, de lividos ou rubicundos semblantes, peitos deprimidos, pernas tortas, teriam parecido monstros ou enfermos, comparativamente com essa humanidade que attingira o summum da harmonia physiologica.

Os gestos d'aquelles ephebos, todos admiravelmente proporcionados, eram cheios de naturalidade e de nobreza. Os perfis de linhas puras não evocavam nenhuma semelhança animal.

Entre elles, nenhum de face glabra, dolorida ou tornada ridicula pelo desenvolvimento exagerado d'uma das partes da physionomia: nariz rombo ou adunco, queixo saliente ou reintrante, bôcca de labios grossos ou brutalmente rasgada.

A cutis, de um tom roseo delicado, denunciava força e saúde. Em nenhum se notava a pallidez chloroticos ou o vermelho dos congestionarios.

A expressão do semblante revelava uma serenidade tal, que facilmente se adivinhava não existir entre elles nem a gargalhada nem o pranto. Tão sómente, de vez em quando, um sorriso lhes enrugava a commissura dos labios.

As mãos, bem tratadas, não tinham aneis. Vestiam largas chlamides de côres vivas, que uma pedra preciosa segurava no hombro direito, de maneira a deixar livre o movimento do braço.

Ao vêr Marcello, aquelle rancho de rapazes, que haviam entrado na sala em numero de doze ou mais, manifestaram grande assombro.

Haviam-se aproximado d'elle, e apalpavam-lhe com curiosidade o tecido do fato e a seda da gravata.

Ao pormenorizarem aquelle traje, todavia sahido das mãos habeis de um excellente alfayate parisiense, sorriam com um mal disfarçada ironia, o que feriu profundamente a vaidade de Marcello.

Conversavam n'uma língua que ao filho dos Vernoy pareceu approximar-se da latina, e de que comprehendia pequenas phrases truncadas, sem todavia conseguir apanhar integralmente e sentido de qualquer d'ellas.

Marcello, intrigado, retirára-se para uma das extremidades do aposento. Ao enleio que o prendia, juntava-se uma certa angustia.

Os ephebos advinharam a commoção do pobre rapaz. Um dos mais edosos, dirigindo-se-lhe, pegou-

lhe na mão e, n'um francez vernaculo, mas de entonações harmoniosas, disse:

— Veste, segundo creio, á moda do seculo vinte?... Sem duvida conhece o velho francez d'essa epoca remota?... As lições recebidas dos nossos professores consentirão que nos possamos entender perfeitamente.

— Mas onde estou?... — perguntou Marcello, sentindo-se pela primeira vez inquieto. — Quem são os senhores?...

O interrogado mostrou-se surprehendido com a pergunta.

— Oh! — exclamou — mas encontra-se, n'este momento, n'um dos quartos de dormir do Lyceu de Paris... São oito horas da manhã, e estamos no mez de julho do anno 3000.

— Desculpe-me — respondeu Marcello titubeante, estarrecido, levando a mão á fronte. — Não consigo recordar porque série de circumstancias

me sinto transportado até aqui, e como, sem ter tal consciencia, pude atravessar tantos seculos.

— A sua estupefacção eguala a nossa... Nunca vimos ninguem trajando da maneira como o senhor se apresenta, em nenhum dos nossos museos de anthropologia retrospectiva, e nos albuns cinematographicos que datam de milhares d'annos!

Ouvindo taes palavras, a commoção de Marcello attingiu o cumulo. Nem um só momento pensou nos perigos que poderia correr entre os homens do anno 3000.

Sentia o mesmo entusiasmo ardente que devia ter sacudido os nervos de Christovão Colombo pisando, pela primeira vez, o sólo de um mundo novo.

O grande genovez encontrára selvagens e bestas feras; mais feliz, Marcello cahia no meio de uma admiravel civilisação. Estava na presença de pessoas

que o acolhiam com *sympathia*, que fallavam na mesma lingua ouvida desde o berço.

Soffreu uma especie de vertigem. Julgou, um momento, que enlouquecia. Os pensamentos tumultuavam-lhe tão numerosos no cerebro, que ficou por muito tempo silencioso, meditando na inverosemelhança phantastica da situação em que se encontrava. Tremia de emoção.

Um dos rapazes illudiu-se sobre as causas da sensação soffrida pelo novo companheiro. Julgou que elle tremia, que sentia frio, e carregou n'um botão de porcellana.

Immediatamente as placas ovaes de iridio, embutidas na parede, purpurearam-se. A temperatura da sala elevou-se alguns grãos.

— Que fez? — perguntou Marcello.

— Como suppuz que tivésse frio, tornei a atmosphaera um pouco mais quente.

— Confesso-lhe que não comprehendo como chegou a semelhante resultado...

O adolescente ergueu ao ar os braços n'um gesto de surpresa.

— Ah! é justo! — conveio, depois, sorrindo — esqueci levianamente que no seu tempo se utilizavam, para aquecer o ambiente,apparelhos barbaros e complicados, que exhalavam gazes venenosos, como o oxido de carbone, e nos quaes se tornava preciso, a todo o momento, ter o trabalho de deitar troncos de arvore ou pedaços de hulha!

— Palavra! — exclamou um outro, voltando-se para Marcello — os senhores, n'esse tempo, não tinham adiantado mais do que os selvagens africanos que, segundo li, estavam reduzidos, para accender lume, a friccionar pacientemente dois pedaços de madeira.

— Entretanto — replicou Marcello, ferido no seu amor proprio de anthropopithecica do vigessimo

seculo — nenhum dos senhores me explicou ainda como funcionam os seus apparatus de aquecimento.

— Da mais simples maneira — respondeu o que primeiro fallára — Primeiro, deixe-me dizer que, graças a certos apparatus meteorologicos que lhe mostraremos, conseguimos, para assim dizer, regularisar as estações... O frio glacial e o calor torrido estão banidos do clima do anno 3000. A temperatura, mesmo ao ar livre, nunca ultrapassa uma determinada média. Nas salas, obtemos a gradação exacta do calor que desejamos, graças ao simples apparatus que vê. Compõe-se de grossas laminas de iridio ligadas a potentes machinas electricas. Basta mover, como acabo de fazer, o botão do commutador, para que as laminas enrubesçam, produzindo a quantidade exacta de calorico que marca o gráo sobre que se deteve a

agulha... Accrescentarei que o aquecimento pelo iridio é utilizado ha cerca de novecentos annos...

Esta explicação, dada da melhor vontade pelo extraordinario desconhecido, deixou Marcello estupefacto. O que até ali aprendera da vida e de sciencia baralhava-se-lhe no espirito com tudo quanto via e ouvia n'aquelle momento. O passado e presente confundiam-se n'elle n'uma especie de chaos de que conseguia sair a custo.

Arrancou-o ao profundo cogitar e pergunta seguinte:

— Como se chama?

— Marcello Vernoy... E o senhor?

— Blas...

E o ephebo accrescentou, indicando os camaradas:

— Apresento-lhe os meus amigos e companheiro de estudo: Lucio, Harrys, Fritz, Sergio, Alcantor... Espero que todos o hão de estimar e ser

estimados pelo senhor... Pela parte que me diz respeito, garanto-lhe que pode dispor como lhe approuver da minha sympathia e amizade.

Marcello, córando de prazer e commoção, apertou cordealmente as mãos que para elle se estenderam.

Sentia indizível prazer em constatar que, apesar dos pessimistas de horisontes restrictos, a humanidade acabára por se orientar na senda do bem, da fraternidade e da concordia.

Sentia-se agora á vontade no meio d'aquelle grupo de rapazes, de que poderia ser, segundo as leis normaes da natureza, o antepassado historico. A angustia, que de principio o opprimira, tinha desaparecido.

Entendia que não valia a pena preoccupar-se mais. Entregou-se de braços abertos ao prazer de conversar com os seus novos amigos. Devorava-o a

sêde de saber tudo, de desvendar os segredos do mundo mysterioso onde acabava de chegar.

— Parece-me — disse a Blas — que o seu nome é de origem hespanhola... Noto tambem que, entre os dos seus companheiros, ouvi outros que julgo serem inglezes, russos e allemães... Como explica semelhante confusão?...

— Labora n'um erro, meu caro — respondeu Blas — O meu nome não é hepanhol, mas néo-latino.

— Néo-latino?!

— Sim... Em toda a superficie do globo apenas se fallam actualmente duas linguas: o néo-latino e o néo-saxão. O hespanhol, o francez, o italiano, o portuguez, os dialectos coloniaes de cada nação fundiram-se, graças á diffusão das idéas e á rapidez das communicações, n'uma unica e mesma lingua: a néo-latina... Esta lingua é tão clara, simples e facil,

que bastará um dia de estudo para que o meu amigo a falle correctamente.

— E o néo-saxão? — perguntou Marcello.

— Devido a uma evolução naturalissima, o néo-saxão tormou-se da mesma maneira do que o néo-latino. Resulta da fusão do inglez, do allemão, do dinamarquez e do hollandez.

— Sem sahirmos do assumpto, poderá ainda explicar-me porque se fallam duas linguas, e não uma unica?...

— Até hoje, a unificação de linguagem humana, que certamente se realisarà um dia, não poudé, apesar de tentativas devéras notaveis, dar resultados praticos... O volapuck, o esperanto, a lingua azul, apesar de toda a boa vontade dos inventores, fracassaram miseravelmente. O néo-saxão e o néo-latino existem porque, graças á facilidade com que se assimilam, consentem que comprehendamos todas as obras primas da celebração humana. Um é

essencialmente litterario, outro profundamente scientifico. Juntos, symbolisam a essencia do pensamento.

— E o arabe, e o chinez?... e os idiomas do Oriente e do Extremo-Oriente?

— Passaram á categoria de línguas eruditas. Já ninguem as falla... A evolução deu um passo gigantesco... Os dialectos usados pelos negros da Africa Central foram os primeiros a desaparecer. Nas nossas bibliothecas archivamos religiosamente os lexicons malgache e dahomeano. Chegou depois a vez ao arabe, ao armenio, ao persa, ao chinez e japonez... A complexidade crescente das idéas nos cerebros humanos, o formidavel poderio das nações latinas e saxonias fizeram naturalmente cair em desuso as linguas orientaes.

— Mas como conseguem os néo-latinos e os néo-saxões fazer-se comprehender?

— Todos os habitantes do globo fallam as duas linguas. Posso até affirmar-lhe que, devido a methodos simplificados, é raro o estudante que não conheça cinco ou seis linguas antigas, taes como o sanskritto, o egypcio, o grego, o francez e inglez.

— Como vou parecer ignorante entre os senhores! — suspirou Marcello.

— Oh! mas de nenhuma maneira! — exclamou Blas com um sorriso cordeal — Graças aos nossos methodos logicos, e ao *phonographos multilinguisticos*, não terá difficuldade de nos alcançar em pouco tempo.

— E' preciso — notou Harrys — prevenir da chegada do nosso novo condiscipulo o director do lyceu, sr. Futural.

— Que dirá elle da minha apparição n'este estabelecimento de ensino? — perguntou Marcello com certo receio — cheguei aqui em tão singulares condições...

— Nada receie — respondeu Sergio. — Será acolhido benevolmente...

— Mas a razão incomprehensível porque me encontro entre os senhores...

— Não lhe dê cuidado — tranquillizou Blas. — A sua presença será attribuída a um fenómeno de ordem puramente natural. Caberá aos nossos sábios explicá-la... Oh! não o duvide; tem explicado coisas bem mais diffíceis... Lucius — accrescentou Blas, voltando-se para um dos dos amigos — queres ter a bondade de prevenir Futural?...

— Com todo o prazer — respondeu o estudante, que logo desapareceu.

Marcello, apesar de correctamente vestido, via-se, comparado com os seus novos amigos, porco e mal trajado. Examinou as mãos, e córou de vergonha, constatando que não podia offerecê-las com modelo de aceio.

— Fazem favor de dizer-me onde poderei lavar as mãos? — perguntou n'um tom discreto.

— Como! — replicou Blas com surpresa — ainda não fez as abluções electricas?

— Não! — respondeu Marcello, intrigado.

Blas teve pena do enleio do novo camarada. Indicando-lhe um pedestal de grés que estava proximo de leito, disse-lhe:

— Suba para ali. Nada receie...

Marcello obedeceu, dissimulando secreta apprehensão. Temia ver-se encharcado inopinadamente por um *duche*, e, obedecendo a um movimento instinctivo, contrahiou os musculos.

Soffreu, porém, a mais agradável surpresa quando, contrariamente ao que esperava, se sentiu atravessado das palmas dos pés á raiz dos cabellos pelos brandos effluvios electricos.

Gosava uma sensação de bem estar, de allivio indefinivel, que nunca experimentára depois de sair de qualquer banho.

O fato, o proprio calçado, ficaram como se os tocassem varinha magica, limpos de todas as nodoas e poeira, que se fundiram em pó impalpavel, tomando a forma de uma fumarada alvadia.

E não só Marcello se viu admiravelmente tonificado e lavado, como reparou tambem que os punhos e o collarinho tinham readquirido a brancura e o brilho primitivos.

Blas recreava-se com o assombro do amigo.

— Julguei que o não suprehendesse tanto a maneira como aqui fazemos a nossa *toilette!* — commentou — O aparelho de oscillações electricas que está vendo é velhissimo... Deve-se a um dos seus contemporaneos, o engenheiro Tesla, cuja estatua poderá, d'aqui por momentos, admirar.

V

Uma refeição interessante

Marcello acabára de prepara-se. Dominava-o ainda a impressão de assombro causada por aquelle methodo rapido e completo de proceder ás abluções, quando o senhor Futural e a sua illustre cara metade entraram na sala.

O director do lyceu era um homem de elevada estatura. A chlamide verde cahia-lhe em fartas prégas do hombro, onde a prendia uma esmeralda. Tinha a barba e os cabellos grisalhos. A physionomia, de linhas correctas, respirava magestosa bondade. Os olhos, rasgados e pretos, scintillavam de talento.

Seguia-o a senhoral Futural, envergando comprida tunica azul.

Marcello notou com surpresa que a respeitável matrona não trazia joias nem chapéu ornamentado com mil penderucalhos.

A farta cabelleira loira mostrava-se modestamente presa por uma fita de prata.

O busto não estava barbaramente oprimido por qualquer espartilho de armação de aço ou de barba de baleia. A hygiene e o bom gosto haviam banido esses instrumentos de tortura, da mesma maneira que tinham relegado para o monturo das inutilidades os brincos, os aneis e as pulseiras.

Marcello viu mais tarde, n'um museu, os berloques e joias d'um elegante século XX. Estavam expostos n'um armario envidraçado, ao lado dos adornos d'um chefe gaulez e colares de sementes e conchas usados pelos indigenas da Oceania e Africa Central.

Os esposos Futural acolheram da mais amável maneira o filho dos Vernoy. Constatando a timidez

natural do moço, procuraram por todas as formas ser-lhe agradáveis. Affirmaram-lhe também que seria cordealmente recebido por todos os camaradas.

— A sua vinda ao nosso paiz — affirmou Futural — parecendo á primeira vista extraordinaria e mysteriosa, não produzirá nos nossos sabios a menor surpresa. E' um pormenor sem importancia. Contamol'o, a partir de hoje, no numero dos nossos, e creia que me felicito por isto. Vamos, graças ao senhor, poder illucidar alguns pontos obscuros da historia do seculo XX.

A senhora Futural accrescentou com requintada gentileza:

— Diligenciaremos fazer o que fôr possível para que não se arrependa de ter trocado o seu seculo pelo nosso. Não tardará, creio, em verificar que nada perdeu trocando o anno de 1900 pelo anno 3000!

— E' evidente — ponderou Futural sorrindo — que todos os seus habitos soffrerão notaveis

modificações. O senhor, com certeza, apenas faz uma pallida idea do estado de simplificação a que chegámos em todas as coisas, especialmente na que respeita aos methodos educativos.

— Diligenciarei, senhor — replicou Marcello modestamente — conformar-me, tanto quanto possivel, com a disciplina do lyceu onde quer ter a bondade de admittir-me...

Futural descerrou os labios n'um sorriso.

— Os nossos methodos de ensino são tudo quanto existe do menos violento. A epoca em que se internava os rapazes nos collegios como em cadeias, privando-os de liberdade, acabou ha muito. Deixaram tambem de existir os castigos crueis ou grotescos; perdeu-se de uma vez para sempre a deploravel mania de obrigar a funcionar a memoria dos que estudam em detrimento de todas as outras faculdades... Aqui — accrescentuou Futural — poderá trabalhar da maneira que mais fôr do seu

agrado, ir onde lhe appetecer ou onde a phantasia lh'o exigir. Sentriá, depressa, tanto prazer como interesse em seguir o plano de estudos extremamente simples e cuidado que lhe será entregue Posso garantir-lhe que não terá rasão de aborrecer-se...

Marcello curvou a cabeça, balbuciando algumas palavras de agradecimento. Sentia-se realmente penhorado com o caloroso acolhimento que lhe faziam, com a bondade simples e cordeal que lhe testemunhavam.

Via-se á vontade n'aquelle novo meio, como se estivesse em casa, com o pae e com a mãe.

— Espero que se dará o melhor possivel — concluiu Futural — Confio-o aos cuidados de Blas, que, pelo que vejo, sente já pelo senhor a mais viva das sympathias.

E os Futural saíram. Pouco depois, os collegiaes foram retirando discretamente, não sem primeiro

assegurarem ao novo condiscípulo as boas disposições em que estava de lhe ser agradáveis.

Marcello ficou só com Blas.

— Que vamos agora fazer? — perguntou-lhe.

— Creio — opinou Blas, depois de pensar um momento — que o mais urgente é, para o meu amigo, livrar-se d'esse trajo importuno e complicado que o aperta como n'um torno, e deve incommodá-lo horivelmente. Por mim, confesso que, com semelhante fardamento, morreria em poucas horas...

Marcello seguiu docilmente o companheiro e ambos saíram da sala para uma extensa galeria abobadada e calçada de pedras brilhantes.

— Parecem saphyras! — notou Marcello.

— São realmente saphyras — affirmou com a maior naturalidade o impassível Blas.

E, como Marcello manifestasse mais uma vez o maior assombro:

— Não vejo n'isto nada digno de admiração — disse — Ha já muitos seculos que os chimicos fabricam pedras preciosas, da grossura que lhes appetite. Tornaram-se uma coisa vulgar, sem valor. Usamol'as nas nossas construcções, devido á inalterabilidade e brilho que possuem.

Do pavimento de saphyras emergiram altas columnas. Pelas varandas rasgadas em arco, como as d'um claustro, Marcello contemplou a mais grandiosa das paysagens que é dado á imaginação phantasiar.

Torres de porcellana de todos os matizes erguiam-se dos macissos de verdura. Dir-se-hia que o mundo se transformára n'um parque immenso, salpicado de phantasticos monumentos, cujos torreões, minaretes e galerias excediam em grandeza tudo quanto se tem ideado de mais phantastico de mais intrincado: a architectura gothica e a indiana.

Blas arrancou Marcello á contemplação que o tornara mudo de pasmo.

— Tem tempo de sobra para ver tudo isto de vagar e pormenorisadamente — disse-lhe — Por agora, urge mudar de roupa e almoçar depois

Marcello, que cada vez mais se julgava transportado a ignota mansão de fadas, seguiu o cicerone, percorrendo assim a extensa arcada, não sem por vezes parar involuntariamente, encantado pelo horisonte magnifico que, graças á disposição circular da galeria, lhe surgia a cada passo ante o olhar extasiado.

Penduradas, na melhor ordem, de cabides de platina e de oiro brunido, viam-se alinhadas centenas de esplendorosas chlamydes.

N'este momento, Marcello não poudo reter um grito de terror...

Acabava de ver, immovel, ao lado d'elle, uma extranha personagem...

Dos pés á cabeça, modelava-a inteiramente uma vestimenta de gutta-percha. Não se lhe via o rosto. Um capacete, munido de duas lentes de chrystal e de um orificio á altura da bôcca, dissimulava-lhe inteiramente a cabeça.

Marcello aproximou-se medrosamente de Blas.

— Quem é esta extranha creatura? — perguntou a meia voz.

Blas reprimiu uma gargalhada.

— Nada receie, socegue. E’ o ente mais inoffensivo d’este mundo... Tenho a honra de apresentar-lhe o honesto Mastif... E’ um pouco resmungão, um quasi nada incivil, mas, no fundo, excellente creatura...

— Tanto melhor! — exclamou Marcello com um sorriso de allivio — Confesso-lhe que me assustou... Mas porque traja de tão singular maneira?...

— Devo dizer-lhe — condescendeu Blas — que presentemente estão abolidos todos os trabalhos manuaes. Os aparelhos electricos que utilizamos no lycêo apenas carecem de alguns cuidados e de quem os vigie... Mastif tem esta incumbencia. Fica assim explicado o motivo porque o vê envergando, dos pés á cabeça, um aparelho isolador, feito de gutta-percha. O dever profissional obriga-o quasi todo o dia a andar pelos subterraneos e forros do edificio, por entre um perigoso cruzamento de correntes electricas. Se trajasse de maneira diversa, ha muito que teria cahido fulminado.

Emquanto este dialogo se entrabolára entre os dois rapazes, Mastif affastára-se resmungando.

Passados momentos, Marcello Vernoy, liberto do trajo millenario que lhe cobria o corpo e pelo qual sentia agora o mais profundo desprezo, ficou vestido á moda do anno 3000, evergando uma soberba chlamyde côr de laranja e tecida de vidro.

Era a hora do almoço.

Blas e Marcello dirigiram-se para o refeitório, onde continuamente entravam e saíam grupos de estudantes.

O tecto da sala estava revestido de estuque dourado e branco. A simplicidade, a riqueza e o bom gosto da decoração encantaram o moço Vernoy. Sentou-se a uma pequena mesa de mármore azul com veios de ouro, que reconheceu ser de lapis-lazuli.

— E' bom saber — explicou Blas — que aos nossos chymicos tanto trabalho dá produzirem em abundancia e ao alcance de todas as bolsas agathas, os onix e os mármore raros, como as pedras preciosas.

— No meu tempo — informou Marcello n'um tom comicamente pezaroso — o lapis-lazuli não era tão vulgar. A prova é que o usavam em alfinetes de gravata e anneis.

— Pois nós utilizamol’o para mesas e forro das paredes...

Sem deixar de conversar, Marcello tirou a tampa d’uma grande urna de chrystal collocada ao centro da mesa e, servindo-se de uma pequena concha, simples no feitio, mas pratica, offereceu a Marcello algumas colheradas de uma massa de côr azul.

Depois, pegando n’uma linda garrafa, tambem de chrystal, vasou no copo do companheiro um liquido transparente e amarello-ambar.

N’este momento, o moço Vernoy sentiu certa hesitação e não poudé impedir-se de dizer a Blas.

— Confesso-lhe que não formo a menor idéa do que possam ser a iguaria e a bebida que me offerece...

— Vou, em duas palavras, elucidál’o... No seu tempo, os homens eram obrigados, para se alimentar, a recorrer ás substancias directamente preparadas pela natureza. Li algures que devoravam

barbaramente os animaes e as plantas que, todavia, continham grande numero de elementos inuteis e improprios para a nutrição... Simplificámos isto como tudo o mais. O alimento que vai saborear é absolutamente restaurador e perfeitamente assimilavel. Verificará, tambem, que não é desagradavel ao paladar...

— Oh! pelo contrario, acho-o delicioso! — replicou Marcello, que ingerira rapidamente toda a massa que tinha no prato.

— Soberbo appetite! — exclamou Blas — Prove agora o liquido que tem no copo e diga-me depois o que pensa do nosso elixir de Baccho.

Marcello saboreou o precioso licor a goladas compassadas, e não deixou no copo a menor gôtta.

— Uma verdadeira maravilha! — definiu, produzindo com a lingua um estalido secco no palatal — Concentra e synthetisa os sabores

differentes do vinho, da cidra, do chá, da cerveja e do hydromel...

— Tem um paladar delicado, meu amigo... O elixir de Baccho encerra effectivamente os principios hygienicos de todos os liquidos que vem de mencionar. Apenas o alcool foi banido da confecção. Existe n'elle n'uma dóse infinitésimal.

— Porque rasão?...

— Porque rasão?! E é o senhor que a pergunta! o senhor, filho d'uma epocha em que existiam ainda esses monstros de face humana, conhecidos pelo nome de alcoolicos!... O estudo da historia, dando-nos a saber as guerras, as enfermidades e a miseria occasionadas pelo terrivel flagello, poz-nos para sempre de sobreaviso contra essa pustula que corroeu as sociedades d'outros tempos. A desaparição do alcoolismo foi o ponto de partida para o immenso progresso da humanidade!

Entretanto, Marcello repetira a dose da maravilhosa massa de côr azul. Experimentava a sensação de nunca ter comido coisa de que tanto gostasse e tão deliciosa fosse. Os peixes mais delicados, a caça mais fina, os fructos mais succulentos teriam parecido insignificancias indigestas e repugnantes comparados com a essencia nutritiva e perfumada que lhe era dado saborear.

Ia pela terceira vez metter a concha na terrina, quando Blas lhe segurou brandamente o braço.

— Acautele-se, meu caro; seja prudente — aconselhou — o seu estomago não está affeito a uma alimentação tão generosa... Como viu, contentei-me em ingerir algumas colheradas... Se continua a come d'essa maneira, garanto-lhe que fica abarrotado para dois ou tres dias...

Marcello córou por ter sido apanhado no delicto de glotoneria. A colher que ia levar á bôcca deteve-se a meio caminho. Ficou por momentos calado,

parecendo prestar toda a attenção á musica que uma orchestra invisivel executava.

Os Vernoy, melomanos entusiastas, tinham muitas vezes levado o filho á Opera e aos grandes concertos. Marcello, porém, nunca ouvira harmonia semelhante.

Não era insipida, nem feria os ouvidos pelos contrastes imprevistos. Vasava, sensualmente, sobre os ouvidos, torrentes de delicia, de calma, de serenidade. Evolava-se d'ella uma impressão de belleza repousada, de energia e de força remançosa.

Certas phrases melodicas chegavam nitidas aos ouvidos; cantavam as estrophes de poetas de genio ou murmuravam deliciosamente trechos de prosa inspirada.

— Esta orchestra é admiravel! — exclamou Marcello.

— Decerto, apesar de executar melodias já velhas e gastas. Foram compostas no anno 2700 pelo

maestro Arachnos, um dos paes da musica moderna... O fragmento que acaba de ouvir é tirado d'um poema symphonico, *Prazer de viver*. Todavia, Arachnos tornou-se universalmente celebre devido a uma das suas cantatas: *Sciencia Redemptora*.

Marcello conservava-se silencioso. A sala do refeitório fôra esvasiando-se pouco a pouco.

— Se não vê n'isto inconveniente, retiremo-nos — propoz Blas — São horas...

— Ainda uma pergunta — acudiu Marcello, cuja atenção fora chamada pelos reflexos prismaticos dos copos, das terrinas e dos pratos — De que madeira são fabricados estes utensilios?

— São cortados em grossos chrystaes de carbone puro, artificialmente fabricado... Creio, se não me engano, que foi a isto que os senhores outr'ora chamavam diamante...

Marcello não respondeu, nem se mostrou d'esta vez surprehendido.

Seguindo sempre o guia, tornou a passar pela galeria circular, para a qual abriam as portas do refeitório, que davam também comunicação para todas as salas do edificio, desde os quartos de dormir até os amphitheatros, museus e bibliothecas.

O centro d'este conjuncto de compartimentos, dispostos todos em forma de elypse, estava occupado por um grande jardim.

Vicejavam n'elle arvores que Marcello não conhecia e refrescavam-no fontes e nascentes de finissima lymphá, que deixavam correr as aguas crystallinas em leitos de terras metallicas e de gemmas. Flores gigantescas balouçavam nos pedunculos os calices perfumados.

Marcello Vernoy comprehendia a inutilidade de formular novas perguntas. Chegára a esse estado em que a admiração não encontra palavras para exprimir-se. Contentava-se em caminhar ao lado de

Basl, examinando curiosamente tudo e prestando a maior atenção a quanto ouvia.

Notou, pela primeira vez, o admiravel aceio que por toda a parte reinava. Em nenhum recanto, — no solo, nas abobadas, nas paredes ou nos tectos, — viu o mais pequeno vestigio de poeira, a menor d'essas sugidades que tanto desfeiam actualmente o interior dos nossos melhores edificios.

Por toda a parte o grés, a porcelana e o estuque brilhavam como n'uma construcção recentemente concluida. Era impossivel ao olhar mais investigador descobrir a menor teia de aranha, a menor nodoa.

Mais uma vez Marcello recorreu á complacencia do guia:

— Que fazem os senhores — perguntou — para que tudo aqui se encontre n'um tão extraordinario estado de limpeza?

— A coisa mais simples d'este mundo — respondeu Blas — Como deve já ter notado banimos

das nossas construcções a madeira, a pedra calcaria e os metaes sujeitos á oxidação. Assim, torna-se facilimo manter o irreprehensivel aceio que tanto o surprehende... As paredes das salas não apresentam angulos agudos, nem essas molduras complicadas, que são verdadeiros ninhos de poeira e de microbios... Tudo aqui é liso e em forma elyptica. De noite, as chuvas electrisadas e artificiaes lavam o exterior dos edificios; de dia, o interior das nossas moradias recebe automaticamente o mesmo genero de limpeza aquatica...

— Mas — objectou Marcello — as roupas que os senhores trazem, ficam com certeza molhadas?

— Pouco importa. São tecidos em vidro. A agua nenhum damno lhes causa.

— E que fazem para seccar tudo?

— A coisa mais simples d'este mundo, e que se executa quasi instantaneamente. Basta, graças aos nossos aparelhos de aquecimento electrico, elevar

durante alguns momentos a temperatura. Tudo secca n'um abrir e fechar d'olhos ficando perfeitamente esterilizado. E' uma das razões que mais concorrem para que entre nós seja raro haver doentes.

Cavaqueando amigavelmente, Blas e Marcello approximaram-se da porta que dava passagem para o salão de estudo.

— E' aqui que vamos entrar agora — disse Blas — Siga-me. Vae ter occasião de observar como trabalhamos.

VI

No salão de estudo

Blas affastára o reposteiro de vidro polychromo que dissimulava a entrada. Os dois rapazes entraram n'um salão enorme, onde estavam uns sessenta estudantes.

As mesas a que todos se sentavam, julgou Marcello que eram feitas de madeira pulida e cortada de caprichosos veios.

— Suppoz — ponderou a Blas — que os senhores tinham banido inteiramente a madeira e os metaes sujeitos á oxidação, não só das construcções, mas do mobiliario...

— Perdão — obtemperou Blas — Isto que senhor vê, não é madeira, no sentido rigoroso da palavra. E' uma especie de lenhite artificialmente fabricada, absolutamente imputrescivel e tão dura como granito.

Todas as mesas de trabalho estavam afastadas umas das outras por espaços de cerca de um metro. Em volta da sala, janellas rasgadas em oval deixavam entrar ondas de oxigenio e de luz.

— Ha muito tempo que foram banidas as escrevaninhas incommudas, as compridas mesas estreitas e incofortaveis, onde os collegiaes se apertavam como sardinhas em lata. As salas escuras, cheias de fumo, mal cheirosas passaram á historia. Aqui, tudo se sacrifica á hygiene, e damos-nos perfeitamente com tal methodo.

Nenhum dos rapazes levantára os olhos compendios quando Blas e Marcello entraram.

Blas convidou o seu novo amigo a sentar-se a uma das mesas contiguas á d'elle e que, como muitas outras, se via desoccupada ao fundo da sala.

Marcello sentou se e ficou um pouco surprehendido de não ver, na mesa de acaju

petrificado, nem pennas, nem tinta, nem livros, nem papel.

Apenas, em frente d'elle, estavam tres aparelhos munidos de teclas de marfim, muito semelhantes a minusculos e curiosos pianos.

Constatando o assombro do amigo, Blas foi ao encontro das perguntas que lhe via suspensas dos labios.

— O primeiro apparelho que está á sua esquerda — explicou — é uma machina de escrever extremamente aperfeiçoada. Bastam dez minutos de pratica para se manejar sem difficuldade. Este apparelho começa, comtudo, a cair em desuso. Em muitos estabelecimentos substituem-no já, vantajosamente, pelo logophone, descendente em linha directa do antigo phonographo que os senhores usavam.

— Adivinho agora quaes as vantagens que os meus amigos podem auferir d'este apparelho. Mas

os dois restantes, confesso-lhe que me intrigam ainda mais. Este do centro, por exemplo, que tem seis teclas na base e que vejo guarnecido, na parte superior, com botões de porcelana numerados... Quanto ao terceiro, parece-me ainda mais complicado.

Blas deixou correr pelos labios um sorriso.

— Um e outro são de extrema simplicidade — respondeu. — O primeiro é uma machina de calcular, que evita aos cerebros dos alumnos a fadiga de operações absolutamente inuteis...

«Outr'ora, ahi pelo anno 2400, com alguma pratica, conseguia-se fazer uma multiplicação ou uma divisão, extrair uma raiz quadrada pensando simultaneamente em muitas outras coisas... Do movimento reflexo ao movimento automatico distava apenas um passo, que facilmente démos. Actualmente, os estudantes não gastam muitas horas em exercicios mathematicos absolutamente

machinaes e cujo effeito era deprimente para a intelligencia e para a imaginação...

— E' maravilhoso!

— Quanto ao ultimo, offerece, para bem dizer, um pouco mais de complexidade que os dois restantes, com numeros, letras e placas coloridas que o compõem. E' a *Machina de raciocinio logico*, que se utiliza para resolver, sem receio de errar, as inducções e as deducções.

— Oh! mas é realmente de perder a cabeça!...

— Não tanto como supõe!.. Recorreu-se, para construir este aparelho, á *Logica* do velho Aristoteles; ás theorias universitarias da Edade-Média que, com os seus calculos em *baraco* e em *baralipton*, tinham quasi chegado a tornar automaticos certos mecanismos do pensar humano; finalmente aos trabalhos dos philisophos do XXIII e XXV seculo... A machina tem duas maneiras de funcionar, uma por inducção, outra por deducção...

Tanto na primeira, como na segunda, compõe-se, com os caracteres das primeiras teclas, uma phrase que resume a ideia geral cujas conclusões desejamos conhecer. Produz-se então uma série de transformações, e não tarda que uma phrase venha inscrever-se no quadro de porcellana que vê, dando á pergunta formulada uma solução exacta e mathematica. Quando se offerece ensejo, a machina fornece duas, tres e até quatro conclusões do principio proposto. As ultimas machinas construidas conseguem mesmo dar seis e sete d'essas conclusões.

— Todavia — objectou Marcello — se sugitarmos o seu apparelho á resolução de problemas ou proposições não muito abstractas, — sophismas, por exemplo... — que succederá?

— N'esse caso, o quadro de porcelana ficará limpo; nenhuma operação se realizará... Accrescentarei que o apparelho nenhuma utilidade

tem, desde que não o empregarem para resolver problemas de raciocínio puramente concreto... Na scienia tem prestado serviços incalculáveis.

O mais absoluto silencio reinava na ampla quadra. Ouvia-se apenas o leve ruido das machinas, e, de vez em quando, o murmurio apagado de qualquer conversação em voz baixa.

Marcello corria em volta o olhar surprehendido.

— Mas onde está o professor? — perguntou — Dar-se-ha o caso que leccione invisivel?... No meu tempo, os estudantes, mesmo os que gosavam da reputação mais séria, jogavam-se reciprocamente bolas de papel mastigado, desferiam notas nos elasticos das botas, comiam guluseimas ou liam romances... O professor não conseguia muitas vezes ficar indemne a garotices de toda a casta... Besuntavam-lhe a cadeira de pez ou de colla forte; recortavam-lhe as abas do chapéu em feitio de dentes

de serra, e pintavam ou escreviam-lhe nas costas da sobrecasaca disticos pouco cortezes...

Blas casquinou uma sonora gargalhada.

— Os professores! — exclamou — Ah! meu amigo, como isso nos leva longe!... Li, effectivamente, nos nossos compendios de pedagogia prehistorica, que outr'ora tinham existido esses modestos funcçionarios...

— No meu tempo — proseguiu Marcello um tanto vexado — a situação dos professores tinha-se modificado muito... quasi todos, pessoas graves, instruidas e irreprehensivelmente trajadas, eram sabios trabalhadores, futuros lentes de cathedra, doutores de borla e capello...

— Quantos titulos e vocabulos esquecidos, como o proprio professor!... Já no vigesimo quinto seculo se fallava dos professores como de uma coisa antediluviana... Tinha-se buscado substituil'os por vigilantes d'aço nikelado, que poderá ver nas

galerias de todos museos, na secção dos automatos... Tal tentativa, porém, não foi coroada de exito, porque caiu no ridiculo. Os estudantes d'essa epoca, eivados da velhacaria e estouvamente hereditarios, davam-se a mil facecias na pessoa do pobre vigilante de metal!... Interrompiam surrateiramente a corrente electrica que o fazia mover a horas certas. Desaparafusavam-lhe os pés, a cabeça ou os braços. Houve até um vigilante — a anedocta passou á historia — que foi desmontado peça por peça, por alguns estudantes indelicados, e vendido a um ferro-velho, que expiou depois, devido a severa condemnação, a cupidez e a falta de respeito pelas leis. O governo, — continuo a fallar pela bôcca das memorias do tempo, — viu-se obrigado, em curto prazo, a reformar esses funcionarios tão pouco respeitados pela mocidade irrequieta. O orçamento dos Estados que se haviam lançado n'uma tão perigosa experiencia, soffreram com esta medida um

deficit de algumas centenas de milhões. Os *vigilantes automaticos*, vendidos por baixo preço, foram adquiridos por horticultores para afugentar os passaros que lhes devastavam as cerejas e as peras. Julgavam ter attingido o maximo grao do progresso transformando-os em espantalhos aperfeiçoados. O resultado foi, todavia, deploravel. Os bonecos enfurrujaram com a chuva, tombaram os fructos mal sazoados com os gestos auctoritarios e vandalicos, quebraram os vidros das estufas e viveiros, destruíram as paredes e as sementeiras, e mais teriam feito se não os prendessem mais curto...

— E' interessantissimo o que me conta! — exclamou Marcello, a quem a narrativa divertia.

— Para cumulo do infortunio — proseguiu Blas, sem abandonar a gravidade humorística — esses pobres expulsos da Universidade não conseguiram ser utilizados para coisa nenhuma. Assim, salvo alguns exemplares em perfeito estado, que figuram

nos nossos museos, foram vendidos como sucata... Os passaros, mais intelligentes do que muita gente supõe, habituaram-se ao cabo de alguns dias a distinguir perfeitamente os automatos de metal dos verdadeiros hortelões de carne e osso.

Assim, empoleiravam-se ás dúzias nos hombros e cabeças dos caramonos. Alguns carriços levaram a impudencia, o descaro, a fazer ninho nas orelhas e na bôcca dos automatos...

— E que inventaram depois, para substituir os vigilantes?...

— Voltou-se, por algum tempo, ao methodo antigo... Não tardou, porem, que fosse posto de banda, por inutil... Os estudantes sentem agora maior prazer em estudar, e teem a comprehensão nitida de quanto lhes interessa desenvolver as faculdades intellectuaes, para que se torna necessario vigiál'os... De resto, pode constatar a verdade do que affirmo, olhando em volta...

Marcello observou, com effeito, que todos os seus novos condiscipulos mantinham o mais profundo silencio. Era raro ver alguns consultando-se em voz baixa e tomando mil precauções para não distrair os visinhos...

Marcello Vernoy vira e ouvira, havia duas horas, tantas e tão extraordinarias coisas, que sentia baralharem-se-lhe no cerebro as ideias. Tinha na cabeça um peso intoleravel. Blas comprehendeu o que se passava, e levou o amigo para um dos terraços, d'onde se admirava um vasto horisonte.

— O senhor não pode nem deve começar hoje os seus estudos — disse-lhe. — Contentese em observar descuidosamente esta paysagem inteiramente nova para si. Farei todas as diligencias para responder, o mais claramente possivel, ás perguntas que este espectaculo lhe suggerir.

Marcello encostou-se a um grosso corrimão d'ouro brunido que servia de parapeito ao terraço, e olhou...

Zimborios cor de opala, elegantes edificios de fachadas prateadas, columnas gigantescas rodeadas na parte superior de balcões e de balaustradas, fulgiam, mordidas pelos raios solares, fazendo resaltar o brilho dos cambiantes mais delicados.

Arvores gigantescas, de folhagem esmaltada por flores verdes e azues, erguiam para o infinito os braços herculeos, em toda a pujança e esplendor.

Marcello ficou por muito tempo abysmado na contemplação da paysagem, d'onde emanavam perfumes tão subtis como intensos.

O mau estar que sentira, dissipára-se como por encanto, ao contacto da brisa fresca e olorante.

Respirava, a plenos pulmões, vida e saude.

Em breve, porém, a atenção do excellente moço incidiu sobre os dificios que manchavam de côres

claras o fundo verde e arroxeadado do arvoredado. As torres esguias e altas, rodeadas, no topo, de varandins, e que semelhavam enormes lyrios de oiro, intrigavam-no especialmente.

— Para que servem — perguntou — aquellas columnas altas que se assemelham, posta de parte a fealdade, ás chaminés das fabricas do seculo XX?

— Taes monumentos, meu amigo, não servem apenas para recreio da vista. Têm para nós verdadeira utilidade. E', por ellas, que conseguimos regularisar a temperatura, evitar os exageros do frio e do calor, tão nocivos á hygiene.

— Ser-me-hia agradavel fazer, da maneira como funccionam, uma idea summaria.

— As columnas que o meu amigo vê em tão grande numero e cujo vertice quasi topeta as nuvens, são os nossos modernos aspiradores de electricidade... Graças a taes aparelhos, captamos o fluido da tempestade e utilizamol'o para força

motriz. Apenas chove quando os nossos meteorologistas regionaes entendem que é conveniente... Em casos especiaes, na presença d'uma tromba, d'um cyclone ou de um tufão, as poderosas peças de que estão armadas, no tôpo, as torres que d'aqui vê, disparam sobre o cataclysmo, pulverisam-no, reduzem a nada os effeitos destruidores que podem produzir... Por isto, ficará comprehendendo a razão porque os homens do seculo XXX gostam d'um clima constantemente inalteravel... Ha centenas d'annos que ninguem vê nevões, que não se regista um caso de insolação.

Marcello notou que a perspectiva que lhe era dado contemplar se compunha inteiramente de linhas curvas, ovaes ou serpentinas. A enfadonha linha recta e os angulos brutaes haviam para sempre desaparecido do mundo.

Blas respeitára religiosamente o devaneio do amigo. Esperava complacentemente que fosse elle o primeiro a quebrar o silencio.

— E' realmente maravilhoso de belleza, de simplicidade e de elegancia tudo quanto vejo! — confessou finalmente Marcello — Mas, indubitavelmente, do ponto onde estamos, apenas admiro algum parque excepcional... As cidades com certeza differem...

— Labora n'um erro!... as cidades, como os senhores as comprehendiam ha milhares de annos, já não existem. Os andares, barbaramente amontoados ás cavalleiras uns dos outros; essas cloacas de pedra, sem verdura e sem ar, foram saneadas ha muito tempo. Qualquer cidade é agora uma copada floresta de arvores raras, d'onde emergem, aqui, acolá, sumptuosos edificios. O homem carece, acima de tudo, de oxigenio e de espaço.

N'este momento, a conversação de Marcello e de Blas foi interrompida pelo ruído de um passo surdo sobre o pavimento de grés do terraço.

Voltaram-se ambos e defrontaram com Mastif, enterrado no seu escaphandro isolador de gutapercha.

Levava na mão um globo de vidro, cheio de um gaz esverdeado, e uma grande chave de metal. Sem parecer dar pela presença dos dois rapazes, entrou na sala, seguido por elles, e caminhou para uma das extremidades da quadra, parando em frente d'um aparelho que começou a examinar attentamente.

— E' Mastif, segundo creio?... — interrogou Marcello — O mesmo que ha pouco encontrámos?...

— Em carne e osso — respondeu Blas — é um d'esses pobres diabos a que damos o nome de *interdictos*...

— De *interdictos*?...

— Oh! não me tome o vocabulo na accepção antiga... Aqui, chamamos interdicto áquelle que, naturalmente dotado de intelligencia, recusou dedicar-se a todos os trabalhos de cerebração por absoluto desleixo ou preguiça... Mastif, que o senhor agora conhece, mostrou-se sempre rebelde á sciencia, ás lettras e á philosophia... São poucos os seus pares... Conta-se, quando muito, dois milhões em todo o universo... Todos, como elle, são utilizados para a vigilancia e reparação dos apparelhos... Esta pena a que os condemnamos, — se realmente assim pode chamar-se-lhe — é aqui minima. Os interdictos alimentam-se como o resto dos mortaes. O trabalho que executam não é de maneira nenhuma fatigante, e são-lhes respeitados certos dias de folga. Além d’isto, é-lhes consentido, quando assim o desejam, rehabilitar-se pelo estudo.

— Muito me conta! E eu que lastimava a sorte d’esto pobre Mastif!...

— Pois não o lastime, meu amigo... Como refinadissimo mandrião que é, Mastif escolheu o officio menos difficil e trabalhoso... Os sabios sobre os quaes pesa a responsabilidade da producção das substancias e da sua divisão; da esthetica e da hygiene das habitações, e especialmente a do progresso moral da humanidade, são bem mais dignos das nossas atenções e cuidados, do que esse Mastif que, afinal de contas, talvez não passe de um impotente ou enfermo... Na nossa sociedade universal, quanto maior numero de aptidões se possue, tanto mais se trabalha e maior honra e prazer se sente em exercer todas as faculdades em beneficio do bem estar geral.

— Mas, n'esse caso, os cargos, pensões, sinecuras?...

— Não existem. O commercio, a administração cederam o logar a uma organização logica em que ninguem procura fazer concorrência, e todos os

objectos precisos á vida são abundantemente distribuidos conforme as necessidades.

Marcello mostrou-se deveras surprehendido.

Perguntou:

— Qual é então a recompensa dos ambiciosos, d'esses que exploram a sociedade do anno 3000?

— A ambição é uma palavra riscada do dictionario; substituiu-a a emulação de praticar o bem... Os que exploram, como o senhor diz, a sociedade actual, têm por unica recompensa a satisfação intima da consciencia, o prazer de ser uteis aos mais fracos e menos intelligentes. Comtudo, como os sentimentos mesquinhos difficilmente desaparecem do coração humano, os taes que *exploram*, gosam ainda o triumpho d'isso que os seus contemporaneos, meu caro amigo, chamavam *gloria*, e que nós conhecemos com o nome de *vaidade*; cerca-os a estima, o respeito, e a amisade de todos os homens do mundo.

Marcello reflectia.

Blas proseguiu com entusiasmo:

— Os nossos *interdictos* fazem, em resumo, o que querem. Assiste-lhes o direito de escolher o que entendem mais conveniente ao interesse proprio... Tanto peor se erram... De resto, os progressos da moral, da sciencia e da educação, vão, de anno para anno, reduzindo-os em numero. Podemos até prever o momento em que deixarão de existir entre os homens.

— Mas enquanto o esperam, vão contando, ainda assim, quasi dois milhões, o que não deixa de ser uma bonita cifra... E esses *interdictos*, como lhe chama, estão disseminados por todo o globo?...

— Estão, para fallar verdade, divididos em duas cathogorias. Mastif pertence á primeira. Os da segunda são ainda mais miseraveis, mas nem por tal deixam de ser obrigados a trabalhar... Habitam, no Polo Norte e no Polo Sul, as duas unicas cidades

industriaes que nos fornecem a energia electrica necessaria para o funcionamento das machinas do mundo inteiro...

E uma idéa subita germinou no cerebro de Blas:

— Ora espere! — lembrou — visto que temos algumas horas de descanso e que o senhor parece especialmente interessar-se por tal gente, que diria se o acompanhasse a visitar Artika, a cidade do Polo Norte?... Tenho ali um primo que, infelizmente, nunca passou toda a vida de um mandrião incorregivel. Servir-nos-ha de guia.

VII

Artika

Marcello e Blas sahiram da sala de estudo.

Depois de haverem percorrido durante algum tempo a galeria circular, atravessaram a ponte d'um confortavel ascensor.

Minutos depois, pisavam o terraço mais alto do lycêo.

Constituia-o uma vasta superficie oval, rodeada de balaustrada á italiana e ornamentada de espaço a espaço por enormes vasos onde vicejavam opulentos arbustos.

N'uma das extremas havia uma especie de alpendre onde se viam alinhados uns seis aparelhos de aço, com enormes azas, verticalmente levantadas. Dir-se-hiam extranhos navios com vélas de metal.

— Está vendo, meu amigo — informou Blas — as náos aéreas, os *aeroscaphoides* que vão servir-nos de meio de transporte.

Marcello sentiu-se aterrado aos pensar em tão audaciosa navegação.

— Devo dizer-lhe — notou — que nunca subi n'um balão, nem em qualquer aparelho semelhante... Está bem certo de que não correremos perigo?...

— Nada receie... Os aeroscaphoides são, entre nós, de uso corrente. Não ha familia, estabelecimento publico ou privado, que não possua alguns... Dê-se á curiosidade de verificar a facilidade com que os dirigimos... Uma roda que os põe em movimento e uma simples alavanca fazem trabalhar todo o mechanismo. Feitas duas ou tres experiencias, o meu amigo conhecerá como eu os segredos de qualquer d'este vehiculos do nosso seculo.

Blas e Marcello punham já o pé no taboleiro d'um leve esquife aéreo, quando viram, ao fundo do terraço, um outro rapaz que caminhava despreocupadamente, contemplando a immensa perspectiva que se lhe offerecia á vista.

— Repare! — disse Blas — veja quem para aqui se dirige... E' Sergio, uma das testemunhas — recorda-se? — da sua mysteriosa apparição; um dos amigos que tambem o apresentou a Futural...

— E se o convidassemos a acompanhar-nos?... — propoz Marcello.

— Faça o que entender... Estou convencido de que Sergio sentirá o maior prazer em seguir-nos... Nada abre melhor o appetite e é mais hygienico do que um passeio pelas camadas do oxigenio puro, que se respira nas alturas.

Emquanto Marcello e Blas trocavam estas palavras, Sergio approximára-se. Vendo os dois amigos, saudou-os cortezmente.

— Pelo que vejo — disse — preparam-se para dar um pequeno passeio aéreo...

— Não te enganas... — respondeu Blas — Vou mostrar ao nosso camarada a cidade de Artika, que tem o maior desejo de conhecer... Queres tu acompanhar-nos?...

— Da melhor vontade... Toca a tomar lugar e partamos!...

E os tres passaram o taboleiro de metal, entrando no navio, que tinha o comprimento de cerca de dez metros.

Compunham a carcassa do aeroscaphoide fortes anilhas de aço, que serviam de moldura a vidros grossos, do mais puro crystal.

A' direita, á esquerda, por cima, por baixo, nada impedia o olhar dos viajantes. Podiam contemplar á vontade a terra ou as nuvens, a região que abandonavam e aquella para onde se dirigiam.

Sergio, depois de ter fechado a portinhola de vidro e de metal por onde haviam entrado, installou-se junto da roda. Blas sentou-se perto da alavanca que servia de leme.

— Vamos a isto? — perguntou Sergio a Marcello que, mal disfarçando a commoção que sentia, se conservava n'uma das extremidades do aparelho.

— Sim! — respondeu o filho de Vernoy com voz trémula.

— Partamos! — ordenou Blas.

A tal sinal, Sergio deu duas voltas á roda que segurava.

Produziu-se um movimento oscillatorio.

O aeroscaphoide deslisou lentamente n'um plano inclinado e despenhou-se no vacuo...

Marcello não poudere ter um grito de pavor...

Parecia-lhe agora que o aparelho estava immovel...

Impulsionadas pelo potente motor electrico, as azas agitavam-se com tanta celeridade, que não era possivel vê-lhes o feitio.

— Não tenha medo — socegou Blas, sorrindo — Tudo caminha ás mil maravilhas... Viajamos com a bonita velocidade de cincoenta kilometros por minuto...

Marcello, que se refizera da commoção soffrida, olhou em frente...

As paysagens succediam-se com vertiginosa rapidez...

Tão depressa as via, como inesperadamente desapareciam para dar logar a outras...

Notou, comtudo, que em todas as regiões que atravessavam, como levados por um turbilhão, a terra surgia com o mesmo aspecto de prosperidade, de magnificencia e de beleza.

Dir-se-hia transformada n'um jardim immenso, desenhado por um paysagista de genio, salpicado de

edifícios esplendidos onde o grés, a porcelana e o vidro colorido disputavam o fulgor do ouro, da prata e dos maravilhosos metaes azues, verdes, violetas, que lhe eram desconhecidos.

— Apesar da rapidez com que se desenvolve a perspectiva — disse Marcello — vejo por toda a parte torres elevadas que em nada se assemelham ás restantes construcções. Com certeza as reservam a um fim especial?

— Essas torres, meu amigo — informou Blas — são apenas estações aéreas. Assemelham-se aquella d'onde partimos. Todas teem o alpendre que serve de deposito e de officina de reparação aos aeroscaphoides; um plano inclinado para a partida e a plataforma da chegada... Em muitas estão, além d'isto, instalados essesapparelhos de telegraphia e de telephonia sem fios, que tão rápidas tornaram as communicações entre os homens e graças aos quaes

a diffusão das idéas e das noticias se tornou quasi instantanea...

O aeroscaphoide atravessára successivamente as regiões outr'ora conhecidas com os nomes de Belgica, Hollanda, Dinamarca. Acabava de transpôr o mar do Norte, pequeno charco pardacento rapidamente desaparecido.

Os viajantes pairavam agora sobre os montes Dofrines, em plena Scandinavia.

Com grande assombro de Marcello, aquella cadeia de montanhas que os geographos do seu tempo lhe descreviam cobertas de selvaticas florestas de abetos, sulcadas de sinistras gelerias e enterradas, durante parte do anno, na neve, pareceu-lhe d'uma vegetação tão luxuriante como a dos paizes que acabava de atravessar.

Por toda a parte, sobre as mais altas cumiadas, cujo maior numero fôra utilizado para estações

aéreas, erguiam-se formosas arvores e risonhas habitações.

Foi assim que Marcello poudo convencer-se de quanto eram exactas as informações que, poucas horas antes, ouvira de Blas...

Sim, era realmente verdade! O genio humano tinha, uma vez por todas, triumphado das vicissitudes das estações; tinha harmoniosamente egualado todos os climas e todas as producções da terra.

Nova preocupação veio, porém, absorver por completo o pensamento de Vernoy.

— Porque motivo, meu bom amigo, não encontrámos ainda nenhum aeroscaphoide semelhante ao nosso?... Disse-me, se não estou em erro, que era este um meio de locomoção devéras vulgar...

— E não lhe menti... N'este momento, milhares de aeroscaphoides evolucionam na camada

atmosphérica que atravessamos... Mas, como nós, caminham com tal celeridade, que quasi tornam invisíveis... Repare, comtudo, um pouco, e conseguirá enxergar alguns... Olhe! além... por exemplo!... Não distingue um clarão azulado?...

Marcello olhou com toda a attenção para o ponto indicado.

— Effectivamente... — confessou após alguns momentos de exame — distingo agora como que varias scintillações, sem duvida produzidas pelo reflexo rapido da luz no aço e no crystal...

E, feita uma pausa, accrescentou:

— E' realmente assombroso!...

O aeroscaphoide pairava n'aquelle momento sobre o mar.

Marcello notou que Blas, sempre sentado ao leme, amortecia a marcha do apparelho.

Com certeza se approximavam de qualquer estação aérea. De todos os lados, os aeroscaphoides

tornavam-se visíveis, devido certamente a que tinham também diminuído de velocidade. Viam-se agora cruzar os ares, ás centenas, semelhantes a andorinhas.

Bruscamente, aos olhos de Marcello surgiu, por baixo do horisonte, uma babelica muralha, cuja base immergia no mar, e cujo vastissimo parapeito, erguido cem metros acima da linha d'agua, estava coberto de torres e edificios de toda a especie.

— Chegamos — informou Sergio — Apenas nos separam de Artika sessenta kilometros... A muralha titanica que o senhor acaba de vêr, chama-se Muralha Polar...

— Que extranho nome!

— Mas que, indubitavelmente, dá a significação exacta do que representa... Esta muralha, que deixa a perder de vista as Pyramides do Egypto, unico monumento das edades priscas que lhe pode ser comparado, custou á humanidade mais de um seculo

de rude labor. Todavia, foi graças a ella que se iniciou a supressão do trabalho manual em todo o universo, pela utilização da enorme força de congelação dos gelos polares. Não ha mais de duzentos annos que os nossos antepassados renunciaram ao uso de tal processo ainda imperfecto... Conservamos esta muralha apenas como um monumento da historia e da sciencia...

«Aproveitámol'a tambem — accrescentou Blas — para installar n'ella numerosas estações aéreas e telegraphicas... E' esta, actualmente, a unica utilidade pratica que tem...

Blas mal acabára de dizer taes palavras, quando o aeroscaphoide vibrou n'uma trepidação.

Acabava de pousar no terraço d'uma das estações aéreas de Artika.

Os tres rapazes saíram do aeroscaphoide e installaram-se no ascensor.

Por conselho de Blas, que viéra muitas vezes a Artika, entraram n'um vestiario installado á sahida da torre.

Ali, envergaram os escaphandros de gutta-percha, que, isentando-os do perigo, os deixariam impunemente percorrer aquelle inferno da electricidade.

Minutos depois, estavam n'uma praça enorme, onde se agitava a multidão, vestida, como elles, deapparelhos isoladores.

Atravez das lentes de crystal da mascara, Marcello olhou em volta...

A cidade que se lhe offerecia á vista, em nada se assemelhava ás estheticas paysagens que até aquelle momento contemplára.

Era uma coisa bizarra, monstruosa, repugnante...

Todavia, tudo ali respirava o mais admiravel aceio...

As ruas largas e os vastos monumentos mostravam que, n'aquella capital puramente industrial, se observavam os mais rigorosos preceitos hygienicos.

A esse tempo, Marcello e os dois amigos, encostados á balaustrada d'um passeio volante, deixavam-se levar rapidamente na direcção da rua Marconi, onde morava o primo de Blas.

Pela frente d'elles desfilavam construcções d'uma architectura estranha.

Eram torres de aço gigantescas, sem nenhuma ornamentação, e cujos vertices brilhantes eram delgados como punctões.

Um pennacho de luz electrica azulada fluctuava no tôpo, como auriflamma chammejante.

Mais longe, viam-se espheras enormes como zimborios de cathedraes e collocadas sobre columnas de vidro.

Em resumo: por toda a parte se admirava uma verdadeira floresta de mastros de metal, de torres em fôrma de helice, girando lentamente em complicados eixos, de taboleiros metallicos estendidos, como enormes mãos, por cima dos edificios...

Advinhava-se que todos aquelles aparelhos estavam poderosamente carregados de fluido electrico. Uns deviam recebêl'o, outros distribuil'o.

Um halo magnetico tornava-se visível em volta de todos, apesar da esplendorosa luz diurna. Além d'isto, desprendiam-se d'elles, crepitando, milhares de faíscas ziguezagueantes.

Marcello comprehendeu de que utilidade eram, para elle e para os companheiros, os aparelhos isoladores em que estavam mettidos.

Sem semelhante precaução, teria sido impossivel dar dez passos em qualquer das ruas de Artika sem immediatamente se cair fulminado.

Outro pormenor surprehendeu Marcello...

Estava habituado, até ali, a vêr reinar por toda a parte um silencio apenas perturbado pelo soluçar harmonioso dos instrumentos musicos. Aqui, porém, o ruido tornava-se ensurdecedor pelo bater continuo dos malhos, tão numerosos que o rumor profundo, por elles produzido, se confundia, fazendo crêr que se estava no pincaro d'uma penedia batida pelo furacão, ou n'um ponto atravessado por algumas dezenas de carruagens.

O capacete de gutta-percha tornava, felizmente, taes ruidos menos terríveis.

— O que está ouvindo — elucidou Blas, indo ao encontro d'uma pergunta prevista — resulta da hulha produzida pelos machinismos que, n'esta cidade de trabalho, occupam uma área de tres kilometros quadrados... E' em Artika, e na sua rival do Polo Sul: Antartika, que se fabrica tudo de quanto carece o resto do universo. E' aqui que se trabalham todos os materiaes e que se fazem todos os concertos.

— Suppunha — objectou Marcello — que entre os senhores, ninguém, mesmo em Artika, trabalhava manualmente...

— O que lhe disse — explicou Blas — é a expressão da verdade. Os interdictos que residem na cidade, nada mais fazem do que vigiar de perto osapparelhos automaticos; amassam e affeioam o grés e o vidro, forjam, fundem e trabalham os metaes.

— Estava longe de pensar que se tivesse chegado a tamanha perfeição — murmurou Marcello.

— Este progresso — explicou Sergio — operou-se naturalmente... Em epocas relativamente remotas, adoptava-se a divisão do trabalho. Cada operario, executando continuamente a mesma tarefa, ganhava tempo e tornava-se mais habil. O movimento acabava por tornar-se n'elle inconsciente e reflexo. A vontade deixava de exercer-se no trabalho... D'aqui a substituir o productor por um automato que executasse eguaes movimentos, distava um passo...

Durante o dialogo, os tres excursionistas, sempre levados, sem o menor solavanco, pelo passeio volante, tinham chegado a um bairro onde nenhuma machina gigantesca ou de grande configuração pejava as ruas. Estas estavam marginadas de bellos edificios de grés branco e de simples e severa construcção.

— Acabamos de atravessar — confirmou Blas — o bairro onde trabalham os interdictos. Entramos agora n’aquelle onde habitam. Meu primo Julio, a esta hora está com certeza em casa.

Passados momentos, os tres rapazes pararam e entraram n’um vestibulo cujas paredes de porcelana estavam ornamentadas de quadros que reproduziam scenas da historia e da sciencia.

De espaço a espaço, liam-se nomes inscriptos em lettreiros indicadores; por baixo de todos estes lettreiros havia um aparelho telephonico.

Blas parou em frente d'aquelle onde se lia o nome de Julio.

Pondo o auscultador no ouvido, chamou:

— Julio!... Julio!... Sou eu, teu primo Blas... Venho ver-te e acompanharm-me dois amigos.

— Espera um momento; já ahi vou! — respondeu uma voz distante, mas perfeitamente distincta.

E, passado um minuto, Julio abria a porta do ascensor situado ao fundo do vestíbulo e apertava calorosamente a mão de Blas. Este fez as apresentações do estylo.

— Caem como a sopa no mel! — exclamou jovialmente o interdicto — Só d'aqui a uma hora volto para o trabalho... Até lá disponham de mim...

Utilisaram outro passeio volante... Enquanto faziam o percurso, Marcello perguntou a Julio:

— Queira ter a bondade de explicar-me — pois que o pode fazer melhor do que qualquer outra

pessoa — de que maneira as machinas de Artika captam a força e a repartem?

— Com todo o prazer... Não entrarei na pormenorisação dosapparelhos complicados de que nos servimos... Julgo que o interessará apenas conhecer idéas geraes sobre o assumpto... No seu tempo sabia-se já que o globo gera, pela razão unica do perpetuo movimento de rotação, consideravel energia electrica. Esta electricidade, cujo centro de producção mais intenso existe no Equador, accumula-se nos dois polos. Foi esta inextinguivel força que os nossos homens de sciencia acharam meio de captar e que, de Artika e da sua rival do Polo Sul, Antartika, se espalha pelo resto do mundo, consoante as necessidades da humanidade. Os poderosos accumuladores, que estão a nosso cargo, reteem o fluido que existe simultaneamente na atmosphaera, na agua e no solo. E' graças á potencia

calorica infinita de que dispomos, que os polos deixaram de congelar-se.

— Agora comprehendo — exclamou Marcello — a razão porque a temperatura se mantem presentemente tao igual... Sendo a electricidade do Equador constantemente absorvida pelas officinas polares que os senhores possuem, os tufões, as trombas e as tempestades de toda a especie desapareceram.

Sergio accrescentou:

— Accresce que, mantendo-se agora as aguas polares n'uma temperatura normal, os Groenlandezes, os Irlandezes e os habitantes da Siberia gozam actualmente d'um clima temperado.

O passeio volante passava n'este momento em frente d'uma arcada abobadada, alta e espaçosa como a fachada de gigantesca cathedral.

De espaço a espaço, viam-se electricistas cuidadosos, de olhar fito nos electrometros, envergando a couraça isoladora de gutta-percha.

E tinha o seu tanto de phantastico ver taes homens evolucionar por entre osapparelhos de crystal.

Julio empurrou uma porta...

Achavam-se n'aquelle momento debaixo de uma cupula immensa, onde reinava a semi-obscuridade.

— E' aqui — informou Julio — que utilisamos o *fluido radiante* descoberto, ha um milhar de annos, pelo sabio Crookes.

Na penumbra, Marcello enxergou, effectivamente, séries de gigantescas rodomas de vidro, debaixo das quaes os helices volteavam sem ruido, com vertiginosa rapidez.

Quando sahiam da officina de radiogenenia e atravessavam uma outra galeria de acumuladores,

viram dois homens que, usando de mil precauções, transportavam n'uma maca o corpo inanimado de um companheiro.

Marcello estremeceu.

— Que é isto? — perguntou a Julio, em voz baixa.

O interdicto respondeu tristemente:

— O resultado de qualquer accidente... Como por infelicidade succede algumas vezes, um dos nossos companheiros acaba de ser fulminado... praticou sem duvida a imprudencia de tirar o capacete, de se approximar levianamente de qualquer accumulador, ou de envergar uma couraça que tinha algum rasgão imperceptivel, e o resultado não se fez esperar...

— Estes desastres são vulgares?...

— Raras vezes se dão... Comtudo, tenho já tido occasião de assistir a alguns de temiveis consequencias.. Por vezes, o fluido electrico deixa

apenas, na passagem, um cadaver carbonizado, de rosto ennegrecido, horrivel de ver. Mas os estragos nem sempre são mortaes. Muitas vezes, os que são attingidos, apenas sentem abalos violentos que os deixam absolutamente indemnes. Outros, ficam com a barba, o cabelo e as sobrancelhas queimadas. Existem ainda terceiros que, em resultado do choque, adquirem paralysias ou doenças nervosas. Devo dizer-lhe que Artika possui para essas victimas do trabalho hospitaes installados segundo as mais modernas conquistas da sciencia. Quando um trabalhador não encontra morte fulminante, é raro que não o curemos.

Mas approximava-se a hora em que Julio devia voltar ao trabalho. Acompanhou os amigos até ao passeio volante e despediu-se d'elles.

Quando o viu desaparecer, Marcelo não poude deixar de perguntar a Blas:

— Como supporta seu primo a vida que lhe foi imposta? Sente-se infeliz n'este meio?

— De modo nenhum. As horas de labuta, exigidas aos interdictos, passam rapidas. Estão confortavelmente installados e alimentados; gosam de ampla liberdade. Muita gente rica e ditosa do seu tempo, meu caro amigo, invejar-lhes-hia a sorte, se a conhecessem...

Os viajantes tinham chegado novamente á estação aeria.

Os perfis extravagantes das machinas phosphoreciam na luz crepuscular.

Marcello e os dois companheiros deram-se pressa em mudar de trajo e subir ao terraço superior onde tinham deixado o acroscaphoide.

Blas accendeu o pharol electrico da machina e installou-se no logar em que viéra.

Conduzido pela mão habil do rapaz, o apparelho lançou-se novamente no espaço...

Pensativo, immerso n'um profundo cogitar, Marcello via empallidecer, na extrema linha do horisonte, a nuvem de bruma luminosa que pairava, como garça gigantesca, por sobre as cupulas e torres de Artika.

Os fanaes dos aeroscaphoides, cruzando-se nas alturas, em todas as direcções, formavam em volta dos viajantes como que uma chuva de estrellas cadentes...

VIII

Accidente de laboratorio

O aposento para onde Marcello Vernoy — adormecido pela influencia do maravilhoso elixir do Doutor Belzévor — fôra transportado, ficava no segundo andar da ala direita do castello do Montbarzy.

Simplesmente mobiliado, de uma sobriedade de ornamentação impecavel, conheciam-no no castello pelo nome de *sala azul*, devido certamente á côr que predominava por todo elle.

Tudo, effectivamente, ali era azul, desde as tapeçarias e os reposteiros, até aos moveis *arte nova*, laccados de azul pallido. Os vidros da larga janella que abria para a floresta tinham o mesmo cambiante, que Belzévor, com ou sem rasão, suppunha o mais proprio ás evocações do ideal.

Os criados, depois de deitarem Marcello, inteiramente vestido, no leito, e de accender a lampada que ardia, suspensa do tecto, n'um globo de crystal, haviam-se retirado.

Momentos depois, Belzévor entrava na *sala azul*. Seguiam-no os Vernoy, ainda impressionados pela surpresa occasionada em resultado da maneira quasi fulminante como Marcello cahira n'um extranho somno que, na opinião do sabio, devia operar a cura radical do rapaz.

— Dormirá durante muito tempo? — perguntou Vernoy.

— Apenas algumas horas — respondeu o doutor Belzévor — até de madrugada... Mas as visões do tempo futuro succederão tão rapidamente no cerebro de seu filho, que julgará ter vivido muitos annos... Uma das propriedades mais caracteristicas da *Belzévorina* é a de modificar completamente as sensações do tempo e do espaço... Ha apenas

momentos que parece dormir, e todavia o pensamento de Marcello transpoz já incalculaveis distancias...

— Disse-me, doutor — observou anciosamente a senhora Vernoy — que nenhum perigo ameça meu filho durante o tempo que a experiencia durar...

— Disse e repito as minhas primeiras affirmações — respondeu Belzévor — Pode a tal respeito conservar-se absolutamente tranquilla.

E, debruçando-se sobre o corpo immovel de Marcello, accrescentou:

— Repare, minha senhora... Veja o sorriso que paira nos labios de seu filho... Sente-se n'este momento o mais feliz dos mortaes. Acredite-me... se assim não fosse, se soffresse, o semblante não offereceria esta expressão de serena tranquillidade...

— Espero que nos consentirá, doutor — sollicitou Vernoy — que fiquemos junto de Marcello enquanto se opera a maravilhosa cura...

— Mas certamente... — acquiesceu Belzévor —
Esteja á sua vontade... Pegue n'um livro, sente-se a
esta mesa.... leia, escreva, faça o que quizer.. Quanto
a mim, vejo-me obrigado a deixál-os... Preoccupa-
me n'este momento uma experiencia
interessantissima... vejo-me forçado a voltar para o
laboratorio... Voltarei para assistir ao despertar de
Marcello...

O medico déra já alguns passos na direcção da
porta, quando de subito parou, como se lhe
occorresse uma idéa:

— Mas agora me recordo!... — disse, batendo
uma palmada na testa — E' isto! quando estou
preoccupado pelo trabalho, esqueço tudo... As horas
passam, por assim dizer, sem que eu dê por tal... E'
possivel que me esqueça de voltar no momento
opportuno... N'este caso, eis o que é necessario
fazer... Este frasco contém algumas gottas da
substancia que deve despertar Marcello...

Se amanhã, ás cinco horas, eu não estiver de volta, acordem-no...

— E como usaremos d'este elixir?

— Da maneira mais simples d'este mundo!...

Vasarão o conteudo do frasco n'um lenço, humedecendo depois a testa e as fontes de Marcello... Descerrará as palpebras, acordando immediatamente... Ordenarei que tenham uma carruagem posta para os levar a Montbarzy... Até logo; volto ao meu laboratorio...

Vernoy pegou no pequeno frasco de crystal e, cautelosamente, collocou-o na pedra do fogão de sala.

Sentou-se depois á cabeceira do leito do filho, ao lado da senhora Vernoy.

Os dois entabularam seguidamente uma conversação em voz baixa, lançando, de vez em quando, um olhar amavel para o estudante, que conservava a respiração serena e o rosto sorridente.

Ambos estavam inteiramente socegados e aguardavam com impaciencia a hora do despertar.

No castello não se ouvia o menor rumor. Tudo parecia ter cahido n'um somno profundo. O marmurio do vento nas copas das arvores perturbava apenas de vez em quando o silencio da noite.

Pela janella entreaberta entrava o ar fresco, perfumado pelo aroma das flores campestres. O ceu, sem o mais ligeiro farrapo de nuvem, estava recamado de milhares de estrellas fulgurantes.

Era uma d'essas lindas noites de verão, transparentes e tépidas, em que, na natureza, tudo respira calma e serenidade.

Os Vernoy sentiam o encanto do mysterioso momento. Pouco a pouco haviam-se remetido ao silencio, abandonando-se a uma especie de devaneio repleto de esperanças, entre as quaes avolumava a da possivel cura do filho...

De subito, uma detonação, tão violenta como a de peça de artilheria, fez estremecer as paredes e os vitraes com o estampido ensurdecedor.

Simultaneamente produziu-se um vivo clarão, que illuminou por momentos o castello e a floresta.

Atterrados, os Vernoy correram para a janella...

— Meu Deus! — exclamou Vernoy — acaba de dar-se qualquer desastre!

Effectivamente, a ala opposta do castello, precisamente aquella onde estava estabelecido o laboratorio, surgia envolta em chammass.

— Corramos em soccorro do doutor! — exclamou a senhora Vernoy.

E ambos saíram precipitadamente do aposento.

Todavia, antes de deixarem a sala azul, puderam ver que, apesar do medonho estampido da explosão, Marcello continuava a dormir n'um somno calmo. A *Belzévorina* tornára-o insensivel a tudo que não fosse

a contemplação extatica que lhe punha nos labios um sorriso de felicidade.

Quando os Vernoy chegaram junto do Laboratorio, encontraram a pé todo o pessoal do castello. Homens e mulheres occupavam-se com denodo a combater o incendio que, alimentado pelos garrações de alcool e ether, jorrava torrentes de chammas azuladas e brancas.

O doutor Belzévor, desmaiado, cabellos e sobancelhas queimadas, fôra pouco antes retirado do laboratorio.

N'um quarto proximo prestavam-lhe os primeiros soccorros; curavam-lhe as mãos e o rosto ensanguentados e cruelmente lacerados pelos estilhaços de vidro.

O terror e a commoção reinavam entre a creadagem.

Felizmente, o castelo de Montbarzy possuia uma bomba de incendio.

Foi posta a funcionar junto do lago.

Passada uma hora de trabalho improbo, o incendio estava dominado.

O castello pouco soffrera; mas do laboratorio, da bibliotheca e do gabinete de trabalho restava apenas um montão de cinzas lodosas, de frascos e retortas quebradas, de moveis carbonizados.

— Tratemos de salvar a vida de Belzévor — disse Vernoy — o resto pouco importa...

Esperava-se anciosamente a vinda do medico, que um creado fôra chamar a toda a pressa á aldeia proxima, montado n'um cavallo e correndo á redea solta pela estrada.

O clinico chegou quando deitavam os ultimos baldes d'agua nos escombros...

Declarou que os ferimentos de Belzévor eram muitos e de bastante gravidade, mas que nenhum, pelo menos n'aquelle momento, punha em risco a existencia do sabio.

Procedeu seguidamente á extracção dos pedaços de vidro e fragmentos de madeira que se tinham cravado no corpo do collega, fez um ligeiro curativo, escreveu uma receita, e partiu, promettendo voltar na manhã seguinte.

Vernoy quiz ficar junto do enfermo.

Quanto á senhora Vernoy, voltou para junto do filho, anciosa de o ver despertar do extranho somno em que estava immerso.

Emquanto procediam ao curativo, Belzévor readquiriu os sentidos perdidos; afflorou-lhe aos labios um leve sorriso quando viu Vernoy.

Até retirar o medico, guardou o mais absoluto silencio; mas quando elle saiu, perguntou com voz debil como um ligeiro sopro:

— E o incendio?

— Socegue... respondeu o archivista — apagámol-o já... está completamente extincto...

— E o laboratorio?

— Soffreu graves perdas... mas é inoportuno o momento de nos occuparmos de semelhante assumpto... Tratemos agora do senhor...

No ferido produziu-se um movimento de crispação nervosa...

— Que não me occupe de semelhante assumpto, diz?!... Ah! o senhor falla como quem se desinteressa do facto!... Mas as minhas descobertas são-me tão preciosas como a vida!...

Os olhos do ferido fulgiam febris. Alimentava-o n'aquelle momento facticia energia...

— Quero — ordenou — saber immediatamente as perdas que soffri!...

— Mas o senhor não pode mexer-se...

— E que importa?... Que me transportem em braços ao laboratorio! Chame os criados, Vernoy!...

Surdo ás observações do archivista, Belzévor persistiu no capricho, e foi necessario satisfazer-lh'o.

Com precauções infinitas, sentaram-no n'uma cadeira de braços, guarnecida de almofadas, e levaram-no assim até ás ruínas do laboratorio.

Como um general mortalmente ferido se faz transportar pelos soldados ás posições inimigas, enquanto lhe resta um sopro de vida, assim o doutor Belzévor queria lutar até ao ultimo momento.

Vernoy seguia-o assombrado por tanta coragem, mas inquieto pelos resultados.

Ao clarão dos archotes, o laboratorio, ainda empestado de vapores humidos e acres, offerecia um espectáculo desolador. Tudo ali fôra destruido pelo incendio.

— Como succedeu o accidente? — não poude impedir-se de perguntar Vernoy.

— Oh! — murmurou Belzévor — por uma imprudencia verdadeiramente imperdoavel da minha parte, imprudencia que o mais réles ajudante de laboratorio não praticaria... Esqueci rolar o

frasco do ether... Ao lado estava a luz... Advinha o resultado, não é assim?

Dada esta explicação, Belzévor volveu ao silencio.

Constatando, porém, a perda total, irremediavel, de dez annos de experiencias e de trabalho, lagrimas de raiva e de desanimo rolavam pelo rosto crispado do sabio.

A estante envidraçada, que guardava os elixires especiaes preparados pelo doutor Belzévor, ficára pulverisada.

Os olhos lacrimosos do desventurado chymico buscavam baldadamente qualquer frasco, o mais insignificante caderno de formulas que tivesse escapado ao incendio.

Inesperadamente fugiu-lhe dos labios um grito de jubilo...

Acabava de ver, jazendo por terra, desrolhado, mas ainda metade cheio, um pequeno frasco de *Belzévorina*.

Mandou que o apanhassem, que lh'o déssem, e o olhar immobilizou-se-lhe com extranha fixidez, com fulgores de demencia n'aquelle insignificante despojo de toda uma existencia de trabalho improbo.

Belzévor foi novamente transportado para o quarto, levando apertado nas mãos crispadas o frasco do elixir.

Quiz que o collocassem junto do leito, ao lado das poções e unguentos que um criado trouxera; não cessava de o contemplar extasiado.

Parecia n'aquelle momento mais calmo, Vernoy, que o observava, julgou que o podia deixar por momentos e voltar á sala azul, onde Marcello continuava a dormir serenamente.

Minutos depois do archivista ter sahido o estado do enfermo peorou.

Como o medico previra, produzia-se nova crise.

Belzévor começou a delirar...

Correndo o perigo de desatar as ligaduras que o envolviam, sentava-se no leito e proferia, descrevendo com os braços largos gestos, palavras incoherentes, phrases entrecortadas...

O criado, que substituíra Vernoy junto do sabio, fôra industriado no que devia fazer a cada nova crise do doente. Obedecendo ás prescripções do clinico tinha de administrar a Belzévor uma poção calmante.

Haviam-lhe dito que tal poção estava no frasco de maiores dimensões.

O serviçal, bem intencionado, mas ignorante, escolheu effectivamente o maior frasco, d'entre os que viu sobre a mesa, e fez ingerir ao enfermo tudo quanto restava da *Belzévorina*!...

O effeito do elixir foi instantaneo...

A excitação acalmou como por encanto, a febre desapareceu, e não tardou que Belzévor caísse no mais profundo somno...

Por sua vez, o sabio ia n'aquelle momento a caminho dos reinos do Futuro..

IX

O salão dos Athletas e o salão das Musas

O aeroscaphoide que transportava Blas, Sergio e Marcello, veio assentar de manso no terraço da estação aérea do lyceu.

Os tres amigos regressavam satisfeitos do passeio e não sentiam a menor fadiga.

Pessoalmente, Marcello verificava com assombro que no seculo trinta uma viagem de Paris ao Polo se fazia mais commodamente, e com maior rapidez, do que em tempos idos de Paris a Saint-Cloud.

O aeroscaphoide, celere como o raio, confortavel e de facil manejo, deixaria a perder de vista os *steamers* e os caminhos de ferro d'outro tempo, de andamento tão lento e simultaneamente tão rudimentar e complicado.

Marcello cada vez se sentia mais feliz na companhia e intimidade dos seus novos companheiros.

Quando comparava, pela reminiscencia, Blas e Sergio aos estudantes do seculo vinte, estes pareciam-lhe a todos os respeitos dignos de lastima.

Os collegiaes do seu tempo, turbulentos, preguiçosos, entregues a mil futilidades e verdadeiros poços de ignorancia, tinha-os agora na conta de idiotas chapados e ridiculos.

Intimamente, perguntava-se com surpresa como pudéra, outr'ora, deliciar-se com a camaradagem de semelhantes energúmenos, tomar interesse por figurinhas de tão tacanha intelligencia e tão minguada educação.

Dando assim largas ao raciocinio, Marcello peccava um tanto ou quanto por vaidade; deixava absolutamente de reconhecer que, elle proprio, havia

pouco, em nada differia dos que, presentemente, tratava com desdem, por cima do hombro.

O facto era que a familiaridade com Blas e Sergio, rasgando-lhe, sobre todos os grandes problemas, horisontes novos, fizéra-o medir o abysmo da propria ignorancia.

A bondade e extrema sensibilidade de que era dotado, obrigavam-no a corar do seu egoismo, dos seus arrufos e injustificados assomos de colera.

Apezar dos esforços que fazia para manter-se na conversação á altura da craveira intellectual dos seus companheiros do anno 3000, sentia a todo o momento quanto lhes ficava inferior. A indulgencia delicadamente fraternal com que o tratavam, servia para lhe tornar mais cruel a humilhação.

O que mais o surprehendera em Blas e Sergio, fôra a isenção de vaidade de que os dois amigos davam irrefutaveis provas.

Nenhum ensejo tinham até aquelle momento aproveitado para se collocarem em evidencia, para se fazerem valer.

Quando erravam, davam-se pressa em confessar o erro, sorrindo, sem a menor sombra de despeito, de mau humor.

Marcello estava longe de compartilhar tantas perfeições.

Dotado de character propenso á susceptibilidade, sentia-se por vezes profundamente vexado quando Blas ou Sergio, n'uma phrase simples, o obrigavam a constatar, sem ironia, sem azedume, a falta de logica ou irreflexão. De resto, os dois rapazes tomavam infinitas precauções para não o melindrar com qualquer commentario que fosse tomado á conta de gracejo.

Marcello, perante tal delicadeza de sentimentos, sentia-se profundamente grato pela amistosa indulgencia que os dois amigos lhe dispensavam.

A amizade sincera, que não tardou a prendê'os em apertados laços, em nada se parecia com a affeição outr'ora dispensada aos seus condiscipulos. Formava um composto de seducção, de respeito e de sympathia.

Quando Marcelo, seguido de Blas e de Sergio, saiu do ascensor e entrou na galeria circular do lyceo, os tres companheiros encontraram-se com dois outros collegiaes: Fritz e Lucius.

Sergio saudou-os a distancia.

E Fritz e Lucius, reconhecendo Marcello, que de tão extraordinaria maneira tinham visto surgir no meio em que viviam, deram-se pressa em correr ao encontro dos recém-chegados.

Delicadamente, inquiriram de Marcelo se lhe pesava ter abandonado os habitos e gostos do seu tempo, e que idéa fazia do systema de educação moral e physica do seculo trinta.

— Eil’o em tudo semelhante a qualquer de nós!
— exclamou Fritz, apreciada a opinião do moço Vernoy — Ao vêl’o e ouvil’o, ninguém dirá que o senhor chegou aqui provindo da epoca das locomotivas!...

— N’esse caso — replicou Marcello, lisongeados — já não se percebe muito que sou um barbaro?..

Todos riram.

— E’ certo, meu amigo, que lhe falta ainda um pouco de musculo e de cerebro... No seu tempo, não se sabia exercitar convenientemente os órgãos. Mas, com os novos methodos de ensino racional, não lhe será difficil egualar-nos...

Marcello fôra outr’ora um entusiasta do *cricket*, do *tennis* e do *foot-ball*. A palavra *musculo* suggeriu-lhe uma série de recordações.

— Estimaria saber — disse — a que exercicios physicos os senhores se entregam de preferencia, e de que maneira comprehendem a gymnastica.

— Não tardará que satisfaçamos a sua curiosidade — respondeu Sergio — Acompanhal'ohemos á Sala dos Athletas... Mas, pelo que vejo, esquece-se de que ainda não jantámos...

— E nós também nos iamos esquecendo... — accrescentou Lucius — Jantaremos juntos, se tanto lhe apraz...

Os cinco rapazes, não sahindo da galeria circular, que as lampadas electricas, suspensas dos capiteis, inundavam de luz, dirigiram-se para a sala onde de manhã Marcello almoçára.

Nas mesmas terrinas e nos mesmos jarros de diamante, saborearam a mesma massa azulada e beberam o mesmo elixir reconstituente.

Finda a refeição, que foi devorada em poucos minutos, desceram os degraus d'uma escada de onix que dava accesso ao jardim central.

Dir-se hia que os macissos de verdura estavam illuminados por milhares de pyrilampos, de tal maneira a luz fôra habilmente distribuida e graduada.

Uma especie de penumbra phosphorescente, que não feria nem magoava os olhos, envolvia os tufos de plantas, os tapetes de relvedo, as bardas dos arbustos trepadores.

Pelas ruas passeavam grupos de rapazes, galhardamente aprumados nas chlamides brilhantes. Caminhavam a passo vagaroso.

Marcello, passando por elles, apanhava phrases soltas... Os noctambulos passeantes, tal como os discipulos de Platão nos jardins de Académus, discutiam animadamente, mas sem colera, os mais sublimes problemas da arte, da philosophia e da moral.

— Pelo que vejo, estuda-se aqui dia e noite! — observou Marcello.

— Os companheiros que n'este momento passam por nós — respondeu Sergio — não se entreguem agora a locubruções de nenhuma especie. Entreteem-se unicamente em cavaqueiras amenas, abordando os assumptos que mais lhes interessam.

Entretanto tinham chegado á parte do jardim mais esplendorosamente illuminada.

De columnas de porphyro pendiam poderosas lampadas. Os raios de luz intensa cruzavam-se em todos os sentidos, formando uma verdadeira abobada luminosa, composta de uma serie de arcos illuminantes de côres variegadas.

Dir-se-hia que se caminhava por baixo da nave immensa d'uma cathedral, construida de arco-iris. Mas tantos focos, embora resplandescentes, nada tinham d'esse brilho cru e brutal que caracterisava, no seculo vinte, as lampadas electricas e os bicos de incandescencia, causadores de tantas opthalmias.

Ao fim da extensa rua fulgurante, uma fonte monumental jorrava ondas luminosas que, de momento para momento, mudavam de cambiantes.

— Esta fonte — informou Blas — é devida á collaboração de artistas e de sabios celebres. Dispõe de um tão maravilhoso machinismo que, ora representa um terraço florido, onde de cascatas grandiosas, jorram pétalas perfumadas, ora scenas mythologicas... Chymeras vomitam chammas das fauces escancara-das, mas logo desaparecem, substituidas por enxames de genios alados que ascendem ao infinito batento as azas de fogo...

Marcello quedou-se extasiado por muito tempo em frente da fonte luminosa. Foram os amigos que o arrancaram, porém, á muda contemplação, fazendo que Blas lhe dissesse:

— Esquece, meu amigo, que nos esperam na Sala dos Athletas... O tempo corre e urge que nos apressemos para não perder nada do espectáculo...

Marcello a muito custo voltou costas ás maravilhas d'aquelle verdadeiro jardim de fadas.

Seguindo os amigos, entrou finalmente na Salla dos Athletas.

Era um enorme circo, apresentando no centro uma arena coberta com pó de mica.

Em volta d'esta arena, sobre a qual se erguia um zimborio de grande altura, largos portões communicavam com salas differentes destinadas a varios exercicios.

Na arena central, um grupo de rapazes, vestindo simples fatos de meia colleantes, faziam saltos arrojados. Uma vara graduada deixava comparar as alturas alcançadas por cada um dos habeis gymnastas.

Os olhos de Marcello esbugalharam-se de surpresa quando viu alguns dos saltadores attingir sem esforço apparente, seis e sete metros de altura.

— Mas como conseguem chegar a semelhante resultado?...

— Embora os nossos camaradas — respondeu Blas — tenham musculos verdadeiramente elasticos, não conseguiriam saltar da maneira que vê, se não os auxiliassem uns borzguins especiaes que trazem nos pés... Taes borzeguins, como poderá verificar, reparando, teem solas dobradas e estão munidos de poderosas molas. Basta um ligeiro impulso do saltador para o levantar como verdadeira bola elastica. E' devido ainda aos mesmos borzeguins que podemos, quando o desejamos, saltar de um pulo do alto de qualquer torre, ou transpor um largo veio d'agua. Graça a tão engenhoso apparelho, o pezo do corpo fica sensivelmente diminuido.

Marcello deu-se ao prazer de calçar um par dos famosos borzeguins e executar uma série de saltos que, no seu tempo, teriam causado inveja aos mais celebres *clowns*, aos mais adestrados gymnastas.

Comtudo, sentiu-se humilhado. Apesar de todos os esforços, não conseguiu attingir metade da altura alcançada por Blas, Sergio ou qualquer dos que o acompanhavam.

— Decididamente, sou-lhes em tudo interior! — disse, procurando dissimular uma pontinha de despeito.

— Não deve causar-lhe surpresa que tal succeda — respondeu Sergio — Examine a nossa musculatura e compare-a com a sua.

— E' certo — constatou Marcello, examinando com certo respeito os formidaveis biceps dos companheiros; os senhores têm todos uma musculatura que faria morrer de inveja o proprio Milon de Crotona.

E Marcello olhava-se com verdadeira amargura. Reparava nos braços magros e ossudos, nas pernas mirradas de parisiense anemico.

— Comtudo — notou com surpresa — outr’ora, no collegio, era um dos mais classificados em todos os *matches*... Vejo agora que, ao lado de qualquer dos senhores, não passo d’um João Ninguém.

— Não se amofine por isso — ponderou Blas. — No seu tempo, ignorava-se a arte de desenvolver artificialmente os musculos, de lhes conservar a robustez praticando exercicios adequados.

— Como?!... Pois os senhores desenvolvem artificialmente os musculos?... Oh! confesso-lhe que não comprehendo absolutamente nada...

— Comtudo, se não me engano, é uma descoberta cujas origens remontam ao seculo vinte... Um medico americano, electrizando o braço d’uma menina atacada de rheumatismo, viu que, findo o tratamento, o biceps adquirira quasi o dobro do primitivo volume... A partir de tal epoca, aperfeiçoou-se a primitiva descoberta... Presentemente, qualquer de nós desenvolve o biceps conforme quer...

— Mas para que desejam os senhores ter musculos tão vigorosos?

— Estando o nosso cerebro consideravelmente hipertrophiado, se não tivéssemos o systema muscular tão desenvolvido, o desequilibrio seria manifesto. Possuiríamos a mesma intelligencia que nos distingue; mas estaríamos irremediavelmente condemnados á neurasthenia, ao nervosismo; seríamos doentes chronicos. Assim, como já teve occasião de verificar, gosamos de perfeita saude physica e moral.

N'este momento Marcello ouviu um ruído por cima da cabeça.

Ergueu os olhos...

Por uma das grandes janellas abertas do zimborio viu entrar, batendo pesadamente as enormes azas, um ser quasi phantastico, uma especie de morcego, que veio pousar brandamente na arena.

Marcello, como de costume, pediu immediatamente explicações.

— O que vê — explicou Sergio — é simplesmente um cyclista aéreo, que volta de um passeio nocturno por cima dos jardins.

— Julguei que, com aeroscaphoides tão perfeitos como são os que os senhores possuem, tal apparatus seria intuil — ponderou Marcello.

— E não errou... Conservamol-o apenas como brinquedo sportivo... Devo, porem, observar-lhe que a *byciclette aérea* é uma machina devéras complexa... Desempenha simultaneamente as funcções de balão, de papagaio e de pára-quedas. Apenas comporta uma pessoa que, reccorrendo aos pés, põe em movimento uma helice. Uma véla pára-quedas assegura a direcção do apparatus e serve para evitar accidentes... O *aérocyclo* é especialmente utilizado para os passeios de curta duração ou viagens de simples recreio a qualquer arredor.

Qualquer dia terá occassião de nos vêr partir, montados em taes machinas, n'uma excursão ao campo, onde iremos recolher collecções herbivoras.

— E nunca succedem desastres com machinas tão frageis ?...

— Nunca... O mais que pode succeder ao desastrado que não saiba dirigir o aérocyclo, ou áquelle cujo apparelho se quebra, é vir tocar em terra sem soffrer o menor choque, levado pelo pára-quedas... Seria necessario andar com verdadeira infelicidade, em semelhante conjunctura, para vir cair na agulha de qualquer zimborio ou tocar n'alguma torre electrica. Desde que me entendo, nunca presenciei semelhante desgraça...

Emquanto durára este curto dialogo, legiões de aerocyclos entravam e sahiam pelas janellas do grandioso zimborio.

Marcello reparou com attenção na maneira como se operava a partida... Todos calçavam borzeguins de

mólas. Dando com o calcanhar forte pancada no pavimento, levantavam-se ao ar com a machina; punham depois a helice em movimento e não tardavam a desaparecer...

Vivamente interessado, Marcello visitou as salas onde estavam installados outros aparelhos: trapezios, barras fixas, paralellas e altéres.

Parou por momentos junto do lago reservado aos exercicios de natação.

Blas fez-lhe examinar depois uma machina dynamometrica, que media rigorosamente, em kilos, a força humana, permittindo aos alumnos verificar dia a dia os progressos que faziam na gymnastica.

Quando sahiam da sala onde estava o dynamometro, defrontaram com Futural que, seguido da esposa, se dirigia para a Sala dos Athletas.

Futural approximou-se de Marcello e, benevolmente, perguntou-lhe se estava satisfeito.

— Devo as mais captivantes atenções a todos os meus camaradas — respondeu o rapaz — Teem-se mostrado realmente encantadores comigo... Pesa-me porem — accrescentou sorrindo — constatar que lhes sou inferior em tudo — na propria força muscular, como ha pouco tive occasião de vêr...

— Não se amofine por tão pouco — aconselhou Futural — Vivendo aqui, breve fará progressos... O vigor physico, bem como a intelligencia, depende em grande parte da hygiene...

— Como parece não sentir grande prazer por estes exercicios physicos — interveiu a senhora Futural — recommendo-lhe os nossos espectaculos artisticos...

— Sim, tens razão.. — aprovou o marido.

E voltando-se para Blas, accrescentou:

— Peço-lhe que acompanhe Marcello á Sala das Musas... Será para ambos agradavel fechar com chave de oiro uma noite deliciosamente passada...

Futural exprimira se mais no tom do amigo que aconselha, do que no do professor que ordena.

E despedindo-se com ligeiro gesto dos rapazes que rodeavam Marcello, entrou na Sala dos Athletas.

Deixando Sergio, Fritz e Lucius entretidos em animada conversação, Marcello e Blas dirigiram-se para Sala das Musas.

Estava installada n'um elegante pavilhão de porcelana verde e branca, que emergia de um macisso de aloendros e rhododendros. Decoravam as paredes preciosos baixos relevos, reproduzindo scenas da historia, das artes e das letras.

N'um d'elles via-se Homero, rodeado de heroes, declamando com largos gestos a *Iliada*; n'outro Shakespeare tomando conta dos cavallos dos grandes senhores á porta do theatro do Globo; um terceiro mostrava Victor Hugo, sonhador, contemplando o mar, sentado no rochedo de

Guernesey; um quarto o grande musico Arachnus compondo a sua cantata, *Scienza redemptora*, tão universalmente conhecida.

Grande numero d'outros baixos relevos, todos baseados na historia dos pintores, esculptores e maestros illustres, ornamentavam a fachada polychroma.

Sem perder tempo em sollicitar de Blas explicações, Marcello entrou na piugada do guia no grandioso vestibulo da Sala das Musas.

Na primeira quadra, quatro rapazes executavam os ultimos compassos de um quartetto harmonioso.

Marcello que, acompanhado do pae, frequentára em Paris assiduamente os grandes concertos do domingo, notou que os musicos tocavam com extraordinaria pureza de execução, brilho e sentimento inexcetiveis.

— Grandes artistas! — exclamou involuntariamente, dando largas á admiração.

— Exagera, meu amigo. Trata-se tão somente de principiantes que se distraem dos estudos, entretendo horas vagas na execução de alguns trechos escolhidos.. Mas, como vê, fazem progressos...

Marcello, por vontade propria, ter-se-hia demorado para ouvir qualquer outro trecho; Blas, porem, notou-lhe que se fazia tarde, e, sempre seguido pelo filho dos Vernoy, passou á sala proxima onde um rapaz modelava o busto d'outro.

Marcello observou que, embora tivessem decorrido seculos, as mesas, os desbastadores, todas as ferramentas do esculptor poucas modificações tinham soffrido.

Assim o declarou a Blas.

— Todavia — esclareceu o estudante do anno 3000 — realisámos um progresso: servimo-nos actualmente da machina de tirar medidas.

E apontou para um dos cantos da casa, onde se via um singular apparelho composto de hastes

aguçadas seguras por parafusos, e que se reuniam ou distanciavam umas das outras por meio de engenhoso mechanismo.

— Possuimos tambem — accrescentou machinas de esculpir, cujos cinzeis mechanicos, com pontas de diamante, talham estatuas no granito mais resistente... Inutil será dizer-lhe que taes machinas não substituem os artistas... Facilitam, porem, e muito as reproducções das obras primas...

Entrando na sala immediata, Marcello sentiu-se profundamente emocionado. Uma voz forte, admiravelmente timbrada, recitava n'aquelle momento versos de Corneille.

Marcello, até ali, ouvira tão sómente fallar o neo-latino. Os sons puramente emittidos da lingua mãe feriram-lhe deliciosamente os ouvidos.

— Julgava — observou a Blas — que a nossa lingua não era fallada entre os senhores.

— Não é, actualmente, de uso corrente; somos, porém, obrigados a sabê-la para poder ler no texto as obras primas da litteratura classica... Se ouvil'a lhe dá prazer, venha aqui todas as noites... Como vê, esta sala é destinada á declamação, á leitura e á dicção. E' uma das mais frequentadas.

Havia ainda grande numero de dependencias a visitar. Blas, porém, contentou-se em fazer ver ao amigo a reservada aos amadores de pintura.

Marcello verificou que os processos materiaes da arte pictorica estavam inteiramente mudados.

A maioria dos artistas pintava com côres misturadas em cêra derretida; por baixo das palletas tinham escalfadores electricos.

— Este processo — esclareceu Blas — remonta á mais alta antiguidade... Os frescos de Pompeia e de Herculanium foram, no maior numero, executados por este processo... E' mais duradoiro que a pintura

a oleo, a qual muitas vezes em menos de um seculo ennegrece e deteriora-se.

N'esta sala, como nas outras que tinham atravessado, alguns rapazes pintavam em porcellana, servindo-se de finissimos pós de oxidos metallicos.

Em frente d'elles estava uma especie de forno electrico.

Executado o quadro, bastava tocar n'um botão e as côres immediatamente ficavam vitrificadas com perfeita egualdade.

— Tudo isto me interessa sobremaneira! — disse Marcello — Confesso, porém, que estou fatigado... Admirei hoje tantas maravilhas ignoradas, conheci tantas e tão extraordinarias coisas, que sinto a cabeça estonteada, como se tivesse esvasiado algumas garrafas de vinho.

— Poucas horas de repouso bastarão para o acalmar... — respondeu Blas — Vou acompanhá-lo até ao quarto que lhe está reservado... Amanhã, á

hora habitual a que costumamos levantar-nos, virei bater-lhe á porta...

Logo que ficou sósinho no luxuoso aposento onde n'aquella manhã despertára, Marcello sentiu a mais profunda tristeza apossarse d'elle.

Pensava nos paes, que talvez nunca mais voltasse a ver, e que sem duvida choravam ainda a sua mysteriosa desapareição. Censurava-se amargamente de não ter, quando junto d'elles, seguido os concelhos que lhe davam e evitado desgostál'os, orientando-se pelo errado caminho das mais desmedidas e condemnaveis ambições.

Deitou-se, sentindo o coração alanceado pela amargura. Estava, comtudo, tão extenuado que mal se deixou escorregar entre os sedosos lençoes tecidos de vidro e repousou a cabeça no grande almofadão do leito, sentiu as palpebras cerrarem-se e ficou immovel..

Adormecera...

X

Paris no anno 3000

Como na vespera, Marcello foi despertado do somno em que estava immerso pelas harmonias caricantes e mysteriosas de uma orchestra invisivel.

D'esta vez não o perturbou, porém, a menor commoção. Sentiu que lhe seria facil habituar-se á nova existencia que lhe fôra talhada.

Comtudo, uma nuvem toldava o céu da sua facticia felicidade. Intimamente perguntava-se com mal disfarçado aneio se nunca mais lhe seria dado voltar a ver os paes e esse mundo do vigessimo seculo, tão imperfeito e barbaro, mas a que o ligavam laços indissolveis de carinhoso amor.

Que fazer, porem?... Era impossivel volver atraz, ao passado!...

Pensou que o melhor seria esquecer, resignar-se...

Confiou ao destino a probabilidade de voltar talvez a singrar de novo o oceano dos seculos idos no mesmo ignorado batel que o transportára ás edades futuras.

Saltou pois do leito, envergou a chlamide tecida de vidro, e deu-se ao facil trabalho de fazer as necessarias abluções electricas.

Mal acabava de vestir-se quando Blas entrou na quadra e o saudou cordealmente.

— Então — interrogou com interesse — passou bem a noite?... Sente os musculos e o cerebro menos agitados?...

— Sinto-me na melhor das disposições, meu amigo, e agradeço lhe a sollicitude... Estou resolvido a segui-lo até onde a sua phantasia quizer levar-me...

— O essencial para o senhor, segundo penso, antes de se dedicar a estudar o que mais lhe aprouver, é conhecer a maneira como funciona o nosso mecanismo escolar... Assim, iremos esta manhã

visitar um dos mais celebres professores de anthropologia... Mais tarde, acompanhá-lo-hei ao palacio onde se centralizam automaticamente, as lições e cursos de todos os professores, para d'ali serem distribuidos pelo universo inteiro...

— Que meio de locomoção utilizaremos?

— Se tanto lhe apraz, iremos a pé, com todo o nosso vagar... Creio que o senhor sentirá grande prazer em verificar pessoalmente no que se transformou, atravez os seculos, a velha capital parisiense, que as suas reminiscencias devem mostrar-lhe como uma accumulacão desorganizada de pesadas construcções e fabricas... Verá como a tornámos mais garrida sob o ponto de vista artistico e monumental...

Blas e Marcello puzeram-se a caminho. N'uma das extremas da oval formada pela galeria circular, passaram um largo portico de grés, que nenhuma

grade fechava, que nenhum porteiro vigiava, e acharam-se no parque do lyceo.

Em frente rasgava-se uma larga avenida marginada de tulipeiros floridos e de eucalyptos.

Marcello deixou escapar dos labios uma exclamação de assombro vendo projectar, ao fundo da avenida, as torres gothicas de Nossa Senhora.

Saudou a velha cathedral com tanta alegria e emoção como se lhe deparasse em região extranha um amigo de infancia.

— Nem tudo desapareceu do velho mundo! — bradou entusiasmado.

Instinctivamente, procurou orientar-se. Olhou em volta. Mas, exceptuada a basilica, não reconheceu nenhum outro edificio.

— Em que bairro do velho Paris d'outr'ora foi construido o nosso lyceo? — perguntou.

— Occupa, quasi inteiramente, a collina que outr'ora chamavam a Butte Montmartre... A torre

que serve de estação aerea aos nossos aeroscaphoides foi construida precisamente sobre os alicerces da egreja do Sagrado Coração... Perccorreremos a avenida que, em declive suave, nos levará até o Sena, até junto da cathedral que ha pouco lhe causou tamanha impressão...

— E' tudo quanto resta do Paris do seculo vinte?
— inquiriu Marcello, que se sentia invadido por subita tristeza.

— Não — respondeu Blas — Ainda existe, proximo do sitio onde agora estamos, um grande arco ornado de esculpturas, que os nossos historiadores affirmam ter sido construido por um celebre guerreiro do seculo dezenove, chamado Napoleão... Creio, salvo erro, que tal era o nome do grande conquistador...

Marcello quedou-se silencioso.

Innumeros pensamentos lhe tumultuavam no cerebro.

Sentia que o dominava a vertigem dos seculos...

Sem proferir palavra, continuou a percorrer, em companhia de Blas, a avenida que conduzia a Nossa Senhora de Paris.

De espaço a espaço, grandes rotundas ornamentadas de fontes e de estatuas de marmore, gesso e massa de vidro, quebravam a uniformidade da perspectiva.

A' direita e á esquerda, Marcello via, emergindo de tufos de folhagem glauca, edificios de grés e de porcelana, que apenas differiam d'aquelle onde estava installado o lyceo pela elegancia e sumptuosidade.

Chegaram finalmente á soberba cathedral.

Marcello reparou que as esculturas estavam admiravelmente conservadas e reluziam mordidas pela luz solar, como se estivessem envernizadas.

— Não se admire — disse Blas — de vêr n'um estado de tão perfeita conservação estas esculturas

cinzeladas em pedra macia e friavel. Ha já algumas centenas de annos que tomámos a precaução de revestir todo o exterior d'este monumento historico com uma leve camada de vidro fundido que o põe, para sempre, ao abrigo da destruição... E' um processo de conservação de uso vulgar nos nossos museos.

Outro facto que causou grande pasmo a Marcello foi a belleza e a limpidez das aguas do Sena. O rio lodoso, fetido e negro que conhecera, tornára-se de crystallina limpidez.

Entre os caes monumentaes, ornados de candelabros de oiro brunido, o leito do rio, lageado de ceramica de côres berrantes, viase distinctamente. As pontes, de um unico arco, eram de uma elegancia e arrojo incomparaveis.

Os dois rapazes caminharam durante algum tempo pela margem do Sena.

Aqui, acolá, encontravam transeuntes que lhes retribuiam com requintada delicadeza os cumprimentos.

— Porque será — perguntou Marcello — que não encontrámos ainda ninguém mal vestido, nenhum aleijado ou enfermo?...

Blas, a tal pergunta, não dissimulou um certo assombro.

— Pois que!? — exclamou — Ainda suppõe que, em qualquer sociedade humana, possam existir pobres e enfermos?... Oh! não encontrará aqui nenhum coxo, carcunda ou deformado com qualquer outro aleijão... Taes desgraçados já desapareceram para sempre.

Ha muito tempo que os progressos de hygiene e de medicina supprimiram essas deformidades, de resto muito faceis de curar...

— Perfeitamente... E os desilludidos? e os pobres?...

— Não teem razão de existir... Aqui, ninguém vive descontente com a sorte, por isso que faz cada um o que muito bem entende, a dentro, é claro, da craveira das faculdades proprias... Qualquer gosa dos mesmos direitos, incorre nas mesmas obrigações do seu semelhante. As forças naturaes, secundadas pelo trabalho das machinas, produzem felizmente o bastante para amplamente satisfazer todas as ambições... A sociedade do seculo 3000 poderia tornar-se dez vezes mais numerosa sem que a pobreza, ou mesmo a necessidade de economia se fizessem sentir entre nós...

Marcello e Blas, voltando costas ao rio, tinham continuado a caminhar na direcção do local onde hoje se encontra o canal de S. Martinho.

— Parece-me — observou Marcello — que não seguimos o caminho mais curto e que nos embrenhámos n'um verdadeiro dédalo de ruas, distantes do ponto onde desejamos chegar...

— Como advinhei a profunda emoção que lhe causou a cathedral, quando a viu do parque do lyceo, não o quiz privar do prazer de a contemplar de perto... De resto, não temos pressa... Um passeio á sombra d'estas grandes arvores, por entre as alamedas d'estes parques esmaltados de flores e embellezados de soberbos edificios, é um verdadeiro encanto...

Caminhavam havia uma hora, quando da bôcca de Marcello fugiu nova exclamação de surpresa...

Entre o arvoredó acabava de surgir enorme toalha de agua de crystallina limpidez. Barcos elegantes, feitos de metal refulgente, baloiçavam-se, presos por correntes de prata ás argolas dos caes de porphyro.

— Ha, quando muito, quinhentos annos que por toda a parte se installaram fornos electricos para calcinar os detricitos. Se quizer, poderemos d'aqui a pouco visitar o soberbo canal subterraneo que,

outr'ora, levava directamente de Paris para o mar as aguas dos exgotos, fertilizando na passagem os campos. Os progressos da hygiene e da agricultura fizeram pôr de parte semelhantes processos... Agora apenas serve para installação de machinas electricas...

Blas e Marcello entraram n'um grande jardim, em cujo centro se erguiam duas ou tres torres de porcellana, ornadas de graciosas varandas e rematadas por soberbos zimborios prateados.

— Estamos em terreno que pertence ao grande sabio Talab, celebre professor de anthropologia — informou Blas — Vou indagar se não nos tornamos importunos sollicitando que nos receba.

Blas entrou no vestibulo e approximou-se d'um apparelho telephonico que uma admiravel estatua de grés sustentava risonhamente nas mãos.

— Meu caro e venerando mestre — disse o collegial — o moço estrangeiro do seculo XX, que

actualmente se encontra entre nós, e de quem o sr. Futural já lhe fallou, deseja que eu o apresente... Poderá receber-nos no seu gabinete de estudo?

A resposta não se fez esperar.

Uma voz reveladora de singular affabilidade, que parecia cair da propria bôcca da estatua, respondeu claramente:

— Podem subir; não me incommodam.

Marcello e Blas passaram o taboleiro do ascensor, que os depoz n'um patamar quadrado, ornamentado de vasos de alabastro cheios de flores. Correram um reposteiro e entraram n'uma sala espaçosa rodeada de caixilhos de vidro.

Talab era um homem de elevada estatura. Moldurava-lhe o rosto negra barba cortada á moda assyria.

Recebeu os visitantes com bondade não isenta de curiosidade quanto á pessoa de Marcello.

— Vejo — disse — que já assimilou os nossos costumes e usos... Sinto muito não o observar vestido como quando aqui chegou, ha tres dias... Graças, porem, ao senhor, conseguirei resolver alguns problemas archeologicos que, confesso, me teem dado agoa pela barba... Responda primeiro: porque razão, no seu tempo, existia a mania de endurecer as tunicas de baixo, que então se chamavam camisas, com uma gomma de amido que, seccando pela acção do fôgo, as tornava duras e lustrosas, transformando-as indubitavelmente em verdadeiros instrumentos de supplicio?... Possuo no meu museu a guilhotina engommada d'um elegante do seculo XX, e constantemente me pergunto como então se podia supportar semelhante colleira... Tal uso devia ter necessariamente qualquer utilidade, qualquer razão de existir?...

— Posso garantir-lhe, senhor — respondeu Marcello, tornando-se um pouco corado — que,

usando as camisas engommadas a que se refere, não se tinha em mira qualquer intuito pratico... Vestia-se de tal maneira, porque era essa a moda... Todos as achavam bonitas, elegantes...

— Extranha aberração! — resmungou o professor — Essas golas ponteagudas deviam comtudo ferir o pescoço e cortar as orelhas dos que as punham... Agradeço-lhe, todavia, a explicação... Pensava que o panno gommado possuia certas propriedades medicinaes, ou outras que fossem de reconhecida utilidade... Apraz-me vêr desfeito o erro em que laborava...

Indicando depois a Marcello um armario envidraçado:

— Repare — accrescentou — Aqui tem um dos seus contemporaneos, cujo vestuario conseguimos reconstituir rigorosamente... Nem mesmo lhe falta o capacete cylindrico, cheio de pellos, a que os

senhores davam, n'essa epoca, o nome de chapéu alto.

Marcello voltou-se e viu com assombro, em frente d'elle, um manequim de cera, com olhos de vidro, trajando casaca e em quasi tudo semelhante áquelles que outr'ora se exhibiam nas montras das alfaitarias.

O archeologo não omittira o mais insignificante pormenor. As mãos estavam enluvadas, o bigode retorcido e frisado a ferro, e nem mesmo faltava no peitilho da camisa um botão de oiro com um diamante.

Marcello sentiu se um pouco humilhado por ver que a ridícula personagem de cêra provocava a critica zombeteira do professor.

— Palavra — disse Talab — não sei como os homens puderam outr'ora envergar um vestuario tão pesado e tão ridiculo!... Especialmente o chapéu dá-me que pensar... Quando o examino, não me admiro

de que a sua epoca tenha sido essencialmente industrial... Dir-se-hia um pedaço de chaminé d'uma fabrica pintado de preto...

O professor dirigiu ainda a Marcello um sem numero de perguntas.

Para não esquecer nada do que ouvia, collocára junto do rapaz um audiphone registador.

Todas as respostas se inscreviam fielmente nas laminas do aparelho.

— Senhores — disse por fim o professor — apesar do interesse que para mim tem a nossa conversação, vejo-me obrigado a deixál-os. Chegou a hora do meu curso...

Blas e Marcello cumprimentaram respeitosamente e trataram de sair precisamente quando, sem já reparar n'elles, Talab se sentára á mesa de trabalho, em frente d'uma larga lamina vibrante.

Com voz segura e pausada começou:

— Senhores: expliquei-lhes na minha lição precedente ter sido a grande importancia que se ligou outr’ora a um metal inoxidavel, hoje vulgarissimo, — o oiro — uma das causas que por mais tempo retardou os progressos da familia humana.

«Este metal, convertido em parcellas curiosamente gravadas e chamadas *moedas*, serviu por muito tempo de meio de permuta nas transacções.

«Nas sociedades antigas, aquelle que, de qualquer maneira, conseguia amontoar certa quantidade de taes moedas, ficava dispensado, por semelhante facto, de todo o trabalho e iniciativa.

«O oiro deu causa a crimes e guerras innumeras. A chimica, produzindo o oiro por vil preço, mudou, porém, a face das coisas...»

Marcello e Blas sahiram na ponta dos pés.

Quando o ascensor os depoz no vestibulo da casa do professor, Blas disse a Marcello:

— Como acaba de vêr, entre nós o professor faz as prelecções a grande distancia dos auditores... Isto nenhum inconveniente offerece, devido a meios aperfeiçoados que possuimos de transmitir a voz humana. Talab tem discipulos que residem a milhares de leguas d'aqui. Nem por tal deixam de estudar e prestar a maior attenção ás lições.

— Explique-me como se consegue semelhante maravilha...

— Cada professor, como este que acabamos de deixar, pronuncia a prelecção em frente da placa d'um poderoso apparelho transmissor. Todas as lições que dá são recebidas no Palacio Central dos Estudos, e d'ali saem para o mundo inteiro, de maneira que á mesma hora innumerous estudantes espalhados por toda a superficie do globo podem ouvir as mesmas lições, tão claramente como se apenas distassem alguns passos do professor.

— Se tanto fosse possível, não desgostaria de visitar esse Palacio Central dos Estudos.

— Nada mais facil, meu amigo. Vou immediatamente satisfazer o seu desejo.

Pouco depois, os dois amigos chegavam a uma vasta agglomeração de construcções, compostas de numerosas torres de excessiva altura.

Os terraços superiores serviam de instalação aos aparelhos de telephonia sem fios e punham o Palacio Central em communicação com todos os lyceos do universo.

O interior offerencia á curiosidade do visitante uma série de salas cheias de aparelhos receptores e transmissores, vigiados por dois ou tres homens vestidos, como os habitantes de Artika e como Mastif, de fatos isoladores de gutta percha.

Blas e Marcello apenas visitaram uma ou duas salas.

— E' inutil ver as outras — informou Blas —
Todas obedecem a identica disposiçã... Vamos
agora, se isto não o contraria, regressar quanto antes
ao lyceo. Para chegarmos mais depressa, servir-nos-
hemos de um meio de locomoção que lhe é ainda
inteiramente desconhecido, porque o senhor
pertence ainda a epoca do Metropolitano.

— E esse meio de locomoção é...

— O wagon-pneumatico.

Um ascensor levou os dois rapazes até uma sala
subterranea, onde vinham dar numerosos tunneis
cylindricos, e que um silvo continuo enchia de
perpetuo ruido.

Não tardou que o silvo se accentuasse,
extinguindo-se depois ao longe...

E uma especie de projectil surgiu, sem o menor
ruido, na entrada de um dos tunneis...

— Aqui tem o wagon — disse Blas.

E, rapidamente, abrindo uma portinhola que se via na face exterior do projectil, fez que Marcello entrasse primeiro e deu-se pressa em segui-lo.

Um viajante complacente, que já se encontrava dentro do curioso aparelho, fechou a portinhola.

O interior do wagon, illuminado por pequenas lampadas electricas, continha meia duzia de pessoas sentadas em confortaveis poltronas. Uns dez logares estavam ainda vagos.

Pouco depois, o silvo recommçou e Marcello sentiu que era levado, com prodigiosa celeridade, atravez das paredes d'um tubo enorme.

Começava a comprehender...

O wagon em que viajava era construido seguindo o mesmo modelo d'esses aparelhos automaticos que, no seu tempo, serviam para a transmissão rapida das cartas a pequenas distancias:

Collocam-se as mensagens no interior de um embolo concavo. Esta especie de caixa cylindrica é

seguidamente mettida n'um tubo onde se ajusta perfeitamente. Com o auxilio d'uma bomba, faz-se o vacuo n'uma das extremidades do tubo e a pressão do ar basta para levar com rapidez o embolo até á extremidade opposta.

Passados minutos, Marcello e Blas sahiam do wagon pneumatico e entravam no atrio do lyceo.

XI

Uma futura Sorbonna

Emquanto descansavam um pouco, Blas deu a Marcello informações complementares sobre o professorado do seculo XXX.

— Entre nós — informou — os professores occupam situações invejaveis. Vivem com independencia igual aos administradores do Estado, aos quaes incumbe a repartição cuidadosa e equitativa das riquezas naturaes, e que são responsaveis pelo bem estar de todos. Vivem a mesma vida dos artistas, dos poetas e dos philosophos, que decretam as transformações estheticas na paysagem, na educação e na decoração interna dos edificios... São venerados e respeitados pelos seus concidadãos, pela responsabilidade e trabalho que accumulam.

— Terá a bondade de dizer-me, meu caro Blas, o que é necessario fazer para alcançar o gráo de professor?

— E' necessario dar não sómente provas publicas, mas passar por exames severissimos, de memoria e intelligencia; mostrar que se conhece, de maneira impeccavel, idéas e factos, ser-se auctor de qualquer descoberta ou theoria original importante na série dos acontecimentos que se pretende professar... Será inutil dizer que, entre nós, de nada servem a intriga, o favoritismo e as protecções. Os nossos examinadores são de uma absoluta imparcialidade. Nem mesmo conhecem aquelles que são chamados a apreciar...

— Custa-me a crer que, por vezes, não haja um fraco por este ou aquelle...

— Asseguro-lhe que nunca succede semelhante coisa .. O candidato ignorante e o examinador venal que o protegesse, seriam alvo de tamanho desprezo,

seriam objecto d'uma tão insultante commiserção, que ninguem ousaria expor-se... Accresce que as habilitações exigidas aos candidatos tornam-se de tal maneira complicadas, que qualquer fraude seria immediatamente reconhecida... Mais — accrescentou Blas, passado um momento de silencio — que interesse haveria em proteger candidatos incapazes de exercer distinctamente os seus cargos? Os logares e as distincções não produzem, no nosso meio, para aquelles que as procuram, nenhum accrescimo de conforto ou opulencia. Pelo contrario: obrigam-nos a um trabalho mais extenuante.

«Assim, os preguiçosos e os mal dotados no ponto de vista intellectual, evitam sujeitar-se ás tremendas provas do professorado. Satisfazem-se com prestar serviços á sociedade na medida das suas faculdades e energia.

— E como procedem os senhores para seleccionar os administradores e artistas de que ha pouco me fallou?

— Utilizamos o mesmo systema que usamos para os professores... Nomeia-se administrador aquelle que publica uma lista de divisão das riquezas mais equitativa, mais rapida e engenhosa que a dos seus predecessores... O mesmo succede pelo que respeita os artistas. Os que acham novos meios de simplificar ou desenvolver a concepção da Belleza, são immediatamente admittidos a dar opinião no Grande Conselho, instituição de cuja approvaçãõ dependem os embelezamentos das habitações e das paysagens:

— Perfeitamente... Mas em que se transformam então as rivalidades politicas, as divergencias de opinião?

— Ha muito que renunciámos a essas tolas questiunculas... A sociedade actual constitue apenas

uma grande familia fraternalmente administrada pelos mais intelligentes e honestos.

— E' grande o numero de professores?... Devo crê-l'o, attentos os progressos que os senhores teem feito na sciencia...

— Pois illude-se redondamente, meu amigo... As provas exigidas para o professorado, restringe o numero dos que pretendem educar... Toda a sciencia do passado nos é ensinada pelos phonographos... Os professores fallam a todos os estudantes do universo graças aosapparelhos que lhe foi dado ha pouco apreciar... Não tarda que visitemos as salas dos diversos cursos... Ouvirá repetir, pelas nossas machinas fallantes, as lições que dão, sem sair dos seus gabinetes de trabalho, os professores do mundo inteiro... Sómente, ao contrario do que se passava outr'ora, os cursos a que vai assistir não constituem simples exercicios de memoria e de applicação. Qualquer prelecção dos nossos professores, quando

não nos inicia n'uma nova descoberta renovadora, faz-nos conhecer, pelo menos, um aperfeiçoamento das theorias precedentemente adoptadas.

— Depois de o ouvir, meu caro Blas, e de pesar os resultados de semelhante systema, pergunto a mim proprio no que se transformaram essas cidades outr'ora tão celebres pelas suas universidades: Florença, Heidelberg, Oxford, Salamanca, Philadelphia.

— Taes cidades apenas existem em nomes e como recordação. Ha muito tempo que o desenvolvimento dos meios de communicação e a rapida diffusão das idéas lançaram por terra o pessimo systema de centralisação usado pelos senhores... No mundo, apenas existem actualmente tres grandes agglomerações de habitantes: o Velho Continente, a America e as Provincias Oceanicas... O universo forma apenas, para assim dizer, uma

capital unica, ou se prefere a definição, um unico territorio.

— Confesso que não comprehendo muito bem...

Blas explicou:

— Quero dizer que, como de resto poudes ver durante o passeio que démos esta manhã pelas ruas de Paris, as agglomerações inconfortaveis e insalubres desapareceram completamente... E isto explica-se... Porque rasão os homens d'outr'ora construiam cidades e procuravam approximál'as tanto quanto possivel?... Naturalmente para com maior facilidade se socorrerem, para permutar, com maior rapidez, idéas e invenções uteis á communiidade... Agora, porém, as cidades tornaram-se inuteis... O telephone sem fios permite que eu dicuta livremente com os meus condiscipulos da Patagonia ou da Australia os mais intrincados problemas, e o aeroscaphoide facilita-me os meios de os visitar n'uma rapida viagem de algumas

horas... Actualmente o solitario perdido no mais recondito valle dos Alpes ou do Himalaya, goza das mesmas vantagens, das mesmas facilidades de existencia, dos mesmos requintes de civilisação que o opulento citadino das mais ricas capitaes d'outr'ora... As cidades, no sentido em que os senhores as comprehendiam, cessaram de existir, porque se tornaram inuteis.

Conversando sem interrupção, Marcello e Blas, que tinham recommçado o passeio, defrontaram com uma magestosa série de porticos, que davam accesso ás differentes salas de estudo.

Entraram silenciosamente n'um amphitheatro, já cheio de alumnos attentos. Todos elles estavam sentados em amplas cadeiras de procelana branca e tinham em frente pequenas mesas munidas de phonographos destinados a substituir os rudimentares cadernos de apontamentos dos tempos idos.

A sala, de paredes inteiramente nuas, apenas estava decorada com algumas pinturas sobre porcelana.

— Vamos assistir a uma lição de historia, — segredou Blas — Repare nos frescos que ornamentam esta sala; como vê, não representam qualquer acto individual... São todos consagrados a rememorar manifestações collectivas da vontade humana... Aqui tem, por exemplo, o combate dos Spartanos no desfiladeiro das Thermopylas — os christãos correndo em massa aos supplicios do circo — a nobreza franceza renunciando generosamente aos privilegios feudaes, na celebre noite de 4 de agosto — o congresso da Paz decretando, no anno 2400, a suppressão definitiva dos exercitos permanentes.

Com grande surpresa de Marcello, a lição de historia decorria no meio do mais profundo silencio. Não se fazia ouvir a voz de qualquer professor.

Mas, n'um quadro branco, ao fundo da sala, em frente d'um hemicyclo, as fitas cinematographicas succediam-se lentamente, revestidas das côres e de todas as apparencias da vida.

Marcello julgou assistir a uma verdadeira batalha...

Em frente d'elle estendia-se a perder de vista uma collina, cujos extremos occupavam dois exercitos belligerantes.

No primeiro plano, dirigidos por alguns officiaes e engenheiros, os soldados installavam uma bateria. Os canhões e caixões automoveis chegavam rapidamente e vinham collocar-se em linha de combate.

Entretanto, os soldados, utilizando as pás e as picaretas, construiam rapidamente uma especie de trincheira que fortificavam com fachinas e troncos d'arvores derrubadas.

Pouco depois, disposta a bateria, os canhões começavam a disparar... Ligeira bruma esbranquiçada pairava por sobre o campo de batalha... Via-se as companhias e os regimentos ser dizimados pela metralha... Os fugitivos buscavam o abrigo d'um bosque ou d'uma aldeia, d'onde voltavam formando novos pelotões. Os cavalleiros, erguidas as espadas faiscantes, accorriam como tromba e vinham esbarrar nas faces dos quadrados resistentes da infantaria, cravando-se homens e animaes na floresta das bayonetas reluzentes.

Via-se os soldados cair das sellas e os cavallos, estripados e estertorizantes, debaterem-se em lentas agonias. O ribombar surdo dos canhões dominava o silvo incessante das balas.

A bateria do primeiro plano era constantemente varada pela chuva dos projectis. De instante a instante tombava um artilheiro ou um official, bôcca contorcida, lábios espumantes de sangue...

Um obus bateu n'um dos caixões, que explodiu. O maior numero dos serventes caiu para não mais se levantar. Das oito peças da bateria apenas duas continuavam a disparar, mas de espaço a espaço, com lentidão, como fatigadas de vomitar a mortifera metralha.

A voz estridente dos clarins fez-se ouvir...

Uma companhia procurava occupar á bayoneta a posição.

Os ultimos artilheiros foram dizimados pelas balas... E os infantes, d'olhar feroz e allucinado, soltando brados de victoria, irromperam nas ruinas da bateria, saltando por sobre montes de cadaveres, ennegrecidos pela polvora, manchados de sangue...

Marcello seguia o espectaculo, o peito oppresso pela commoção...

— E' horriavel! — murmurou a meia voz.

— Todavia, era assim que no seu tempo se fazia a guerra — respondeu Blas — A arbitragem acabou

por substituir estas cruentas luctas até que, pela força das circumstancias, venha tambem, por sua vez, a tornar-se inutil...

Entretanto, o quadro mudára.

Uma estatistica minuciosa offerecia n'aquelle momento a lista synoptica, em grandes caracteres, do numero dos feridos e dos mortos na batalha a que os alumnos acabavam de assistir.

Por ultimo, como conclusão, a voz d'um phonographo explicou as causas reaes da guerra, enunciou e commentou o texto dos tratados de commercio impostos pela nação victoriosa á nação vencida.

Marcello, porém, não prestava attenção ás cifras. Ficára profundamente emocionado com o espectáculo da batalha. Soavam-lhe ainda aos ouvidos os gritos e os estertores dos moribundos...

— Retiremo-nos, peço-lhe — disse a Blas —
Vejo que os senhores comprehendem o estudo da
historia de uma maneira devéras notavel...

— Passemos então á aula de litteratura — propoz
Blas — A cadencia dos formosos versos, a harmonia
dos mais puros pensamentos exercerão sobre o
senhor salutar influencia... Acalmar-lhe-ha os
nervos...

Marcello sentiu, effectivamente, o maior prazer
em assistir á lição de litteratura.

No pouco tempo que ali esteve, notou que os
estudantes do anno 3000 não se contentavam com
estudar as obras primas gregas, latinas e francezas,
mas dispensavam a mesma attenção á philosophia e
á poesia dos Hindus, dos Chinezes, dos Assyrios, dos
Egypcios e dos Incas... Ouviu o fragmento d'uma
das epopêas heroicas de Valmyki e uma harmoniosa
canção de Li-Toï-Pé.

Do curso de litteratura passou ao de mathematica e seguidamente ao de philosophia.

No primeiro, admirou as assombrosas *machinas de calculo* que, evitando á intelligencia dos alumnos todas as difficuldades inuteis, lhes consentia fazer rapidos progressos e resolver sem nenhum esforço ou fadiga mental os mais intrincados problemas.

No segundo, observou uma *machina de pensar logicamente*, muito superior na perfeição ás que vira na sala de estudo.

— A maneira como se manuseiam estesapparelhos — informou Blas — é de uma simplicidade espantosa... N'este momento, porém, a explicação ser-lhe-hia talvez inutil... Vamos passar á aula de geographia, que o interessa muito mais...

A sala onde entraram offerecia disposição quasi identica á de historia.

A cadeira do professor estava substituída por um quadro em branco, voltado para um hemicyclo em cujos degraus os alumnos se sentavam.

— N'este momento, os nossos condiscipulos assistem a uma lição de geographia historica... Repare...

Marcello viu desenharem-se no quadro as abobadas sombrias d'uma floresta tropical, onde vagueavam selvagens e feras.

Insensivelmente, a floresta foi-se illuminando. Longas aberturas deixavam vêr florescentes culturas de arroz, de chá, de cacau, de cautchouc... A's culturas succedeu uma cidade de casas muito caiadas, atravessada por dupla linha ferrea.

Os negros viam-se substituidos por soldados e por colonos com capacetes de linho e vestidos de cotim.

Até ali, Marcello não se sentia deslocado do meio d'onde viera. Compreendera que acabava de assistir á evolução de uma colonia.

Vira a paysagem *antes, durante e depois*.

Mas não tardou que o quadro se lhe tornasse incomprehensivel...

O espaço encheu-se se aeroscaphoides e de balões. Locomotivas sem rodas, correndo sobre um unico rail, substituiram aquellas que conhecera; e, pouco a pouco, a propria cidade desapareceu dando logar a uma paysagem deslumbrante, onde se viam disseminadas soberbas arvores e magnificos edificios de porcelana quasi semelhantes aos que observára depois de chegar ao universo do anno 3000.

Emquanto se operára a transformação, a voz sonora do phonographo fôra explicando succintamente as riquezas geologicas do solo d'essa

parte da terra, as producções vegetaes e as diversas raças de homens que por elle haviam passado.

— Como vê — esclareceu Blas — conseguimos tornar o estudo de geographia tão interessante como qualquer dos outros a que assistiu... Não é, como no seu tempo, uma amalgama indigesta de vocabulos incomprehensíveis, de nomes proprios e de datas... O estudante que uma vez conheceu qualquer região pelo nosso methodo cinematographico, jámais esquece o que viu...

— De tudo a que tenho assistido, deprehendo que o cinematographo representa papel importante na educação dos senhores.

— Engana-se; apenas nos servimos de tal apparelho para o estudo da geographia historica... Nos outros cursos, utilizamos o *téléphote*, que é para a visão aquillo que o telephone é para a audição... A proposito: repare... Aqui tem annuciado no programma que affixaram ao lado do quadro um dos

pontos sobre que versará a lição de hoje... Os alumnos estudarão a cidade de Artika... O senhor vai ter occasião de a ver melhor, e com maior copia de pormenorisação, sem se mover do seu lugar, do que quando a visitámos no aeroscaphoide...

Momentos depois, Marcello viu effectivamente destacarem-se, como de um nevoeiro que lentamente se desfaz, as agulhas de aço e os zimborios da sombria cidade polar.

Saiu da aula de geographia absolutamente maravilhado.

— Fiz que o senhor visse tudo quasi a correr — observou Blas — E', porem, necessario que tenha uma idéa geral do nosso systema de ensino, para mais facilmente poder assimilar os nossos costumes e habituar-se á nossa vida... Chegámos ao amphitheatro de anatomia e de physiologia...

— N'esse caso cultivam ainda a dissecção?...

— De modo nenhum... A tarefa repugnante da dissecção foi ha muito tempo posta de parte... Graças aos antigos raios Roentgen, conhecemos os órgãos do corpo humano muito melhor que os nossos antepassados, e sem que para tanto sejamos obrigados a sujeitar-nos ao mecabro trabalho dos velhos physiologistas... Repare, meu amigo... Vai poder estudar o esqueleto d'um dos nossos condiscipulos...

Marcello seguiu o gesto de Blas. Um estudante complacente collocára-se em frente d'um aparelho de raios Roentgen, e o esqueleto d'elle, consideravelmente augmentado, projectou-se n'uma placa escura.

Marcello notou que, não sómente a ossatura se desenhava com todos os relevos, mas ainda com as cores naturaes. Os ossos appareciam rosados por baixo do periosteo azulado, com os ligamentos nacarados das articulações.

— Não o deve admirar o que vê — respondeu Blas — Durante centenas de annos o progresso necessariamente caminhou... Graças aos appparelhos que usamos, não só a dissecação foi banida, mas os medicos nenhuma necessidade teêm de palpar o pulso dos enfermos, de lhes ver a lingua e de os assediar com perguntas importunas... Contentam-se em examinar com attenção cada um dos órgãos; seguidamente, formulam as receitas com verdadeiro conhecimento de causa e sem medo de errar... Accrescentarei que — informou ainda Blas — as enfermidades se tornaram extremamente raras na raça humana, e que o numero dos medicos diminue de anno para anno... Todos se tratam, sem que se torne necessaria a intervenção do clinico... Poucos são os especialistas que vivem pela medecina. A hygiene matou as doenças e tambem as drogas.

Da physiologia, Marcello e Blas passaram á chymica.

O filho dos Vernoy não poudo dissimular o assombro:

— Mas não vejo aqui retortas, balões, fornos, serpentinas... nenhum d'esses objectos que outr'ora pejavam os nossos laboratorios!...

Blas deixou pairar nos labios um sorriso:

— Desculpe-me, e perdoe a minha leviandade — ponderou — Esqueci que no seu tempo ainda se admittia a existencia de uma centena de corpos simples..

— E agora?

— Reduzimol'os a um unico; transformamos como queremos qualquer corpo n'outro sem a menor difficuldade...

— Como! pois terão realmente realizado o sonhos dos alchimistas?...

— Julguei que tivesse reparado n'isso; já lh'o disse uma vez, creio... Utilizamos o oiro e as pedras preciosas nas coisas mais insignificantes, e apenas as

valorisamos em razão do brilho e de inalterabilidade... A materia, multipla nas suas transformações, é uma na essencia...

A' vista de Marcello, devéras assombrado do que presenceava, um pedaço de ferro, submettido em determinadas condições á influencia d'uma corrente electrica, transformou-se sucessivamente n'um pedaço de cobre n'um pedaço de oiro, n'um bocado de carvão, finalmente n'uma bola de hydrogenio que o preparador deixou evaporar.

Marcello deixou este curso de chymica unitaria para dirigir-se á sala das communicações interplanetarias que Blas tinha guardado para o fim.

Esta sala estava situada no-ultimo andar de uma torre e fornecida de espelhos telephoticos e telephonicos de infinita potencia.

— Que novidades ha? — perguntou Blas a um estudante que sahia — A communicação de Marte é hoje legivel?...

— Muito... Os habitantes do planeta respondem agora a quatorze dos nossos signaes luminosos... D'aqui a um mez, o muito, possuiremos um alphabeto commum.

— Está vendo o alcance d'esta interpretação interplanetaria — disse Blas a Marcello — Os habitantes dos dois astros permutarão as suas invenções, obras primas e progressos que tiverem feito... O nosso poderio e felicidade talvez decupliquem...

— Já se pensa — accrescentou o estudante que Blas interrogára — em crear uma commissão das *Relações Interastraes...*

— Oh! mas é maravilhoso o que oiço! — exclamou Marcello — E como conseguiram os senhores estabelecer communicações com o planeta Marte?...

— Graças á Geometria — respondeu Blas — Erguemos, n'uma das mais vastas planicies do

globo, na Siberia, muralhas luminosas de mais de cem leguas de comprimento, mostrando em relevo as figuras essenciaes da geometria... Passaram-se alguns annos de expectativa... Finalmente, os Marcianos responderam com signaes semelhantes e, depois de havermos de parte a parte hesitado muito, conseguimos estabelecer um alphabeto commum... Era o mais difficil... Agora, não tardará que os habitantes dos dois astros caminhem na mesma senda de fraternal progresso...

XII

Em familia

Comida rapidamente a refeição do meio dia, Blas acompanhou Marcello ás aulas infantis, que o filho dos Vernoy mostrára o maior desejo de vêr.

Nas differentes salas por onde passaram, reparou que se observavam os mais rigorosos preceitos da hygiene.

As creanças, sentadas em cadeiras de grés, estavam vestidas com um aceio e um cuidado irreprehensíveis. Gosavam de todas as commodidades, de todos os carinhos reclamados pela primeira infancia.

Assim, surgiam rosadas e frescas das roupagens brancas que as envolviam.

Marcello ficou simultaneamente encantado e surprehendido de não notar em nenhuma d'ellas qualquer d'esses corpos rachiticos, d'esses

semblantes pallidos e chloroticos, de olhos mortiços, gestos fatigados de pequenos velhos que, no Paris do seu tempo, pejavam as escolas das primeiras letras.

Todos aquelles pequenos seres tinham faces mimosas, olhar vivo e fulgurante, mãos rechonchudas.

O sorriso de alegria que lhes illuminava o rosto provava que, obrigando-as ao estudo, se encontrára meio de evitar que vivessem mal dispostas ou contrariadas.

O bando alacre dava uma impressão de goso, de felicidade, que se impunha á observação mais meticulosa.

— Que fazem os senhores para ter escolares tão obedientes e simultaneamente tão alegres?... Para chegar a semelhantes resultados, com certeza põem em practica methodos scientificos e complexos...

— O nosso methodo é talvez scientifico, como diz, mas absolutamente simples. Os pedagogos do

anno 3000 nunca empregam a violencia ou oppressão, mesmo quando se trata de creanças. Limitam-se a observar criteriosamente os alumnos que lhes são confiados... Uma creança tem sempre propensão ou aptidão seja para o que fôr. São essas propensões e aptidões que procuram descobrir... A chave do enyigma está n'isto... Se uma creança nutre prazer em desenhar, desenvolvem n'ella o pendor natural para as bellas artes; se tem memoria e se compraz em aprender de cór, facultam-lhe compendios que encerram maximas moraes, historietas interessantes e versos harmoniosos... Se, pelo contrario, dá provas de ponderação e senso pratico, educam-lhe a intelligencia para as sciencias mathematicas ou philosophicas.

— Perdão — observou Marcello — com semelhante systema, os senhores apenas conseguirão formar pequenos especialistas, cujos conhecimentos ficam fatalmente incompletos.

— Labora n'um erro crasso, meu amigo — replicou Blas — A intelligencia humana fórma um todo. Dado que se tome gosto por uma unica das suas manifestações, consegue-se, pela natural cohesão das coisas, tomar interesse pela universalidade de todas as restantes... Assim, a creança que começou a desenhar, não tarda a comprehender que, para o desenho ser perfeito, precisa conhecer a anatomia, a perspectiva e as mathematicas. Quando possui taes conhecimentos, nota ainda novas lacunas. Vê que pouco ou nada sabe, e o seu enthusiasmo pelo estudo augmenta... Por este caminho chega, naturalmente, a estudar a philosophia e a historia, que lhe fornecem assumptos e idéas geraes. D'esta maneira, pouco a pouco e qualquer que seja a arte ou sciencia que primeiramente abordou, percorre insensivelmente a escala completa dos conhecimentos humanos... Devo accrescentar que a educação, assim comprehendida, produz resultados inferiores áquella

que contra vontade se impõe... O alumno que dedicou todas as faculdades ao estudo que mais o interessava, jámais esquece o que aprendeu. Evita-se quanto possivel fatigar-lhe a memoria, deixando-lhe o campo livre á rasão, á imaginação, á logica e á iniciativa propria. Basta que um estudo desagrade á creança para que immediatamente a retirem d'elle... Graças a este methodo, quasi não existem entre nós ignorantes; pelo contrario, aquelles que no seu tempo eram conhecidos por *talentos*, abundam no nosso meio.

— Em taes escolas, porém, deve existir muita indisciplina, muito desleixo, muita preguiça...

— Outro erro, meu caro.. As creanças nunca desobedecem, precisamente porque nada se lhes impõe ou exige... Appella-se constantemente para o raciocinio, para a curiosidade de todas... Não se procura intimidál'as... A creança e o ente mais logico que existe... Muito mais do que o homem feito, sente

a sêde de saber... Basta fallar-lhe meigamente, provocar-lhe as perguntas e dar-lhe respostas ao alcance da intelligencia precoce. Assim é que, nas nossas aulas, os alumnos, desde a mais tenra idade, dão provas de attenção e de docilidade exemplares. Esperam sem impaciencia as horas do recreio, e torna-se muitas vezes necessario recorrer a mil subterfugios para os convencer que os dias de folga lhes são uteis ao organismo, tanto amor dedicam ao estudo... Em resumo — concluiu Blas — entre nós, os pedagogos apenas desempenham as funções de psychologos. Cultivam com requintes de perfeição a suprema arte de desenvolver as intelligencias embryonarias. N'isto se baseia o exito que sempre alcançam.

— Admiro sinceramente tal systema de educação — declarou Marcello — Mas, permita-me ainda uma objecção... Devem por vezes esbarrar com naturezas rebeldes, defrontar com intelligencias

mesquinhas, absolutamente desinteressadas por tudo...

— Algumas vezes nos succede, effectivamente, o que diz. O resultado, porem, que obtemos é diverso d'aquelle que suppõe... Não existe creança indifferente, na rigorosa accepção da palavra. Ora como nunca exercemos no espirito de nenhuma qualquer pressão, pouco tarda que n'ellas se revelem as aptidões e propensões naturaes. Favorecemol'as então... E é por esta brecha, embora pequena, aberta na intelligencia de qualquer rapaz, que fazemos entrar a legião dos conhecimentos necessarios... Assim temos tido creanças refractarias ao estudo — e é este o caso que mais frequentemente se apresenta — que, a começo, só mostram decidida vocação para a gymnastica e exercicios violentos. Apaixonam-se, por exemplo, pela lucha e pelas excursões em aerocyclo ou aeroscophoide...

— E que succede então?...

— O seguinte: A' força de se exercitarem na direcção de taes apparatus, acabam por se dedicar de corpo e alma á mechanica... Não ha *sportsman* que não goste de conhecer os órgãos da machina de que se serve. Mas, para comprehender bem a mechanica, é necessario saber a physica e a chimica... Está vendo o encadeamento logico de tudo isto... Os que a principio se mostravam mandriões, tranformam-se mais tarde em alumnos tão estudiosos como os condiscipulos...

— Consinta ainda outra pergunta a que ligo a maior importancia — rogou Blas — Qual é, presentemente, na educação da creança, o papel desempenhado pela familia?

Blas pensou um momento e respondeu:

— O amor entre paes e filhos é profundo... Os filhos nunca deixam, entre nós, de venerar e adorar aquelles a quem devem a existencia... Consultam-nos para tudo e nunca deixam de seguir os conselhos

que ouvem. Encarado por outros aspectos porem, o papel da familia diverge absolutamente do que era outr'ora. Nos tempos barbaros, os paes vigiavam cautelosamente os filhos, não os perdiam de vista um só momento e isto com o intuito de os livrar dos perigos que podiam correr fóra do lar... Presentemente, semelhante vigilancia não teria razão de existir. Tanto no ponto de vista material, como no ponto de vista moral, a creança gosa de absoluta segurança. Fóra de casa, não está exposta a nenhum perigo e a nenhum máo exemplo. Rodeiam-na para onde quer que vá a belleza e a bondade. Desde os primeiros annos, ensinam-na a amar os que a acarinham, a não recear de nada e de ninguem... Os homens do seculo 3000 respeitam todos os velhos como se fossem seus paes, adoram todas as creanças como se fossem seus filhos...

— Quando era pequeno — murmurou Marcello — não me consentiam que saísse á rua, porque

receavam os vehiculos e a multidão... Vejo que tudo mudou...

— Supponho — disse Blas — que está sufficientemente conhecedor da maneira como funcçionam as nossas escolas da primeira infancia... se lhe apraz, empregaremos o resto do dia em visitar pessoas da minha familia... Ha trez dias que não vejo meus paes!... Nunca estive tanto tempo sem os abraçar... A culpa agora é um pouco sua... Apresentál'o-hei e tomará a seu cuidado desculpar-me...

— Seus paes moram muito longe?

— Não... Residem á beira do Oceano, a quinze minutos d'aqui, fazendo viagem em aeroscaphoide... O local onde se installaram fazia parte do antigo departamento francez das Landes... Meu pae é engenheiro civil... E' auctor de muitos melhoramentos na disposição interna e na decoração

externa dos edificios, adoptados universalmente ha poucos annos...

Marcello desejava ardentemente conhecer os paes de Blas.

Assim, seguiu prazenteiramente o amigo até á estação de aeroscaphoides mais proxima, onde ambos se metteram n'um dos extraordinariosapparelhos.

D'esta vez, porém, fizeram a travessia com velocidade menor que a seguida na viagem a Artika. Todavia, Marcello achou-a vertiginosa.

Minutos depois, avistaram o mar.

Extensa floresta de pinheiros, de eucaliptos e de palmeiras, em que innumeras torres de porcellana e de grés punham manchas claras, estendia-se por baixo do aeroscaphoide. Inesperadamente, Blas gritou com mal disfarçado jubilo:

— Alto! Chegámos!...

Ambos desembarcaram no terraço da casa habitada pela família de Blas.

O ascensor levou-os até á porta de uma sala ornamentada de grandes jarros com flores e estatuas de alabastro.

A mãe e a irmã de Blas não tardaram a mostrar-se.

Ambas eram de peregrina formosura.

A mãe do estudante parecia tão nova que facilmente podia ser tomada como irmã mais velha da filha.

Como a senhora Futural, não traziam também qualquer adorno.

Vestiam simplesmente amplas tunicas com largas pregas, de uma requeza e bom gosto admiráveis.

Fizeram ao moço transfuga do tempo ido o mais cordeal acolhimento. Levaram a amabilidade a, pessoalmente, collocar n'uma pequena mesa de

chrysolito taças e urnas de jaspe sanguineo, convidando Marcello a servir-se.

Elle, porém, excusou se. Não tinha fome, nem sede, por isso que almoçara bem, em companhia de Blas, no refeitório do lyceu.

A irmã de Blas chamava-se Hyla.

Terminára n'aquelle anno os estudos e estava resolvida a exercer o logar de professora em qualquer escola infantil.

Adorava as creanças; e, enquanto aguardava o ensejo de escolher noivo, sentia-se feliz em dedicar-se aos pequerruchos.

Como todas as raparigas, Hyla era curiosa. Assediou, portanto, Marcello com perguntas.

Passados poucos momentos de conversação, o filho dos Vernoy constatou, com verdadeiro assombro, que a irmã de Blas o sobrelevava na illustração.

Sem o menor pedantismo, como se brincasse, abordava um sem numero de intrincados problemas que, no tempo de Marcello, eram o apanagio exclusivo dos mais rebarbativos sabios.

— O senhor não é para mim um desconhecido — disse Hyla — Estamos já informadas da sua chegada, ao corrente de todas as excursões que tem feito no nosso universo.

— Como assim?!...

— Admira-se? quer a prova?... — inquiriu ella sorridente.

E fez mover o cilindro d'um phonographo.

— Vai ver — informou — que a sua vinda não passou despercebida aos jornaes.

E o apparelho começou n'uma voz monotona, para assim dizer impessoal:

«Por um conjunto de phenomenos que os nossos sabios estão estudando, e não tardará que expliquem,

um habitante da remota e ainda barbara epoca do seculo XX acaba de surgir no nosso meio.

«E' um rapaz quasi imberbe e que parece dotado de bello character. Dispõe apenas da instrucção singularmente restricta que no seu tempo se ministrava, mostrando os maiores desejos de instruir-se...»

O resto do artigo continha os mais minuciosos pormenores sobre a pessoa, acções e palavras de Marcello.

Um outro artigo expunha as hypoteses mais acceitaveis feitas pelos sabios a respeito do viajante. Sem cair na mais leve indiscreção, o auctor do segundo artigo estudava criteriosamente os gostos, aptidões e faculdades do moço desconhecido.

Marcello nunca se vira estudado n'uma analyse tão clara e verdadeira.

— Pelo que vejo, tambem têm por cá jornalistas? — perguntou.

— Se temos jornalistas! — exclamou Hyla com assombro não isento da maior delicadeza — mas não ha ninguem entre nós que o não seja! Basta, para tanto, ter qualquer coisa interessante para dizer... O sabio que faz uma descoberta de reconhecida utilidade, o poeta que compõe um lindo poema, aquelle que, casualmente, foi testemunha de algum facto interessante, dão-se pressa em telephonar o que viram, a obra de arte ou litteraria que produziram, a um dos receptadores regionaes, que as transmite ao resto do mundo.

— N'esse caso — ponderou Marcello — devem correr o risco de ouvir muito disparate, producções sem pés nem cabeça, factos da mais absoluta inutilidade, mil descobertas disparatadas...

— Mas porque razão? — acudiu Hyla, cujos lindos olhos exprimiram a mais natural surpresa — Quem não tem nada de interessante para dizer, cala-se... Como o jornalismo, actualmente, não é uma

profissão retribuida, ninguem perde o tempo a estragar inutilmente cylindros phonographicos, a desperdiçar o tempo.

— Outr'ora — murmurou Marcello a meia voz — havia muita gente que escrevia para, no fim de contas, não dizer coisa que tivesse geito, auferindo todavia magnificas remunerações...

Hyla soltou uma sonora gargalhada.

— Li isso algures — disse — comtudo suppuz sempre que havia em semelhante critica uma pontinha de exagero... Estimo ver desfeito o meu erro por quem pode com verdade informar-me...

Estava a conversação n'este pé, quando chegou o pae de Blas.

Era um homem no vigor da idade e que, logo ás primeiras palavras trocadas com o visitante, se mostrou d'uma affabilidade e cortezia captivantes.

— A sua intelligencia e bella disposição physica — disse a Marcello — quasi me fazem duvidar de

que, decorridas tantas centenas de annos, tenhamos realizado alguns progressos... Vejo que, passados dez seculos de trabalho e de experiencias, a humanidade não avançou tanto como pretensiosamente, com injustificado orgulho, affirmamos...

— Consinta-me que não seja da mesma opinião — respondeu delicadamente Marcello.

Blas interveio:

— Bem sabe, meu pai, que uma das maximas que já corria mundo no seculo XX affirma que ao hospedeiro incumbe o dever de fazer a felicidade d'aquelle que alberga, durante o tempo que o tiver por hospede... Que distracções offereceremos ao meu amigo?...

— Confesso-lhes — insinuou Marcello — que sentiria o maior prazer se me consentissem ver esta casa minuciosamente. Se n'isto não ha indiscreção,

ser-me-hia agradável poder assim estudar a vida íntima de uma família do anno 3000.

— Nenhuma indiscreção vejo no seu desejo — respondeu o pai de Blas — Vivemos sem mysterios... A vaidade, o vicio e a ambição são as únicas coisas que é necessrrio dissimular. Desde que taes defeitos não teem rasão de existir, a casa de qualquer cidadão, pobre ou abastado, está aberta a todos.

— Primeiramente — começou Blas — o meu amigo deve ter reparado que não existe no nosso meio nenhuma especie de domesticidade. A electricidade tornou-se para nós o mais fiel e o menos dispendioso dos serviços... Basta-nos utilizar a corrente de um oscillador electrico para limpar da maneira mais antiseptica os nossos quartos, leitos e raros utensilios de que nos servimos.

— E... a cosinha?

— Homem retrogrado! — gracejou Blas sorrindo — Comtudo já teve occasião de ver como a humanidade actualmente se satisfaz com um unico alimento, cuja preparação chimica é das mais simples... Os cosinheiros, os bichos de cosinha, os moços, os copeiros, em resumo, todo o pessoal outr'ora encarregado de confeccionar os banquetes de que os senhores eram tão apreciadores, passaram a ser entidades lendarias, que apenas vemos nos theatros... No mundo actual apenas existe um cosinheiro, inoffensivo maniaco que, uma ou duas vezes por anno convida alguns archeologos, seus confrades, para banquetes historicos preparados com enormissimas difficuldades e graças ás estufas e aos jardins zoologicos...

Marcello, aturdido com o que ouvia, não ousou fazer novas perguntas.

Acompanhado por Blas e pelo engenheiro percorreu detidamente todas as salas da soberba

moradia, que se erguia no centro de um parque, cujas ultimas arvores banhavam as raizes no mar.

A visita começou pelas estufas e jardins.

Viram depois os subterraneos, onde existiam, com os accumuladores electricos, as machinas que faziam mover o ascensor, o telegrapho, o telephone sem fios e os oscilladores.

Os quartos de dormir, devéras luxuosos, eram quasi semelhantes áquelle onde Marcello ficára duas noites.

Compunham-no as mesmas paredes de ceramica, a mesma cupula de vidro, o mesmo leito em fórma de concha.

Era grande o numero das salas, onde as placas calorificas regulavam admiravelmente o grau da temperatura, e que estavam ornamentadas de magnificas estatuas e massiços de plantas das mais raras especies.

Marcello não viu em nenhuma quadros, livros ou objectos de phantasia. Fez tal reparo.

— Os objectos a que se refere — informou Blas — apenas se encontram nos museus. Suprimimos tudo quanto era inutil, pesado e triste. Obedecemos n’isto ás regras d’esthetica e de hygiene. Detestamos as complicações; temos o maior horror pelos microbios.

Marcello passou seguidamente á bibliotheca, onde se amontoavam, aos milhares, cilindros de phonographo.

Visitou depois o museu — porque todas as casas do seculo XXX os tinham.

Viu ali, com mal disfarçado jubilo, volumes cuidadosamente dispostos em prateleiras de marmore, estatuetas e objectos de toda a qualidade, sem contar um sem numero de albuns photographicos e cinematographicos.

— Viu tudo, meu amigo — disse finalmente Blas — Apenas nos resta visitar o terraço onde desembarcámos... Gosa-se d'elle um esplendido panorama maritimo...

— A proposito! — exclamou Hyla — Acode-me uma excellente idéa... No seculo vinte, os grandes fundos oceanicos eram quasi ignorados... O teu amigo decerto ficará encantado se o acompanharmos n'um passeio submarino.

Marcello acolheu a lembrança com verdadeiro entusiasmo.

E immediatamente se cuidou em fazer os preparativos para a excursão projectada.

XIII

Jardins submarinos

Toda a familia, depois de atravessar o parque, se dirigiu para a margem do oceano.

As ondas azuladas do mar vinham preguiçosamente beijar as raizes dos pinheiros e dos eucaliptos.

De vez em quando flores desprendiam-se das arvores gigantes e cahiam nas ondas franjadas de espuma.

Seguindo os seus novos amigos, Marcello entrou n'um pequeno pavilhão que se erguia no extremo d'uma especie de peninsula, e que desaparecia quasi inteiramente á vista, coberta pela vegetação luxuriante.

— D'aqui pode vêr — disse o pai de Blas — a doca secca onde conservamos o submarino que serve para as nossas excursões.

Marcello olhou na direcção indicada...

Um comprido charuto de crystal estava assente em cylindros d'ébanite.

Atravez das paredes transparentes, viam-se as machinas motoras, dispostas á ré, e fabricadas de um metal branco como a prata.

O pai de Blas abriu uma portinhola circular, cujo friso de cautchouc impedia a infiltração da agua.

Todos se sentaram nos bancos que havia no interior do aparelho.

Blas fechou a portinhola e compoz os freios de caoutchouc, enquanto o pai punha em movimento uma pequena machina destinada a produzir continuamente ar respiravel.

Rapidamente, deslizando pelos cylindros, o submarino entrou no mar.

A helice começou a mover-se e não tardou que se affastassem de terra.

Graças á limpidez transparente das paredes, Marcello admirava as paysagens submarinas que se succediam rapidamente.

Dentro do curioso barco gosava-se uma deliciosa sensaço, de frescura e de silencio.

— E' este o meu gabinete de estudo preferido — informou o architecto — Quando tenho de executar qualquer trabalho sério, quando desejo fazer complicados calculos sem que ninguem venha interromper-nos, é entre estas paredes de crystal que me refugio... Aqui tenho passado, o seio da frescura e do silencio, as minhas tardes...

Com grande surpresa de Marcello, o fundo do mar em nada se parecia com a errada idéa que d'elle formára outr'ora.

Admirava n'aquelle momento grandes agglomerações de coraes côr de rosa e brancos, canteiros de enormes flores azues e verdes, pequeninos bosques de trepadeiras e de sargaços

gigantescos, espreguiçando os largos ramos denticulados e vibrantes.

O mais artistico bom gosto parecia ter presidido á disposição da paysagem.

Os macissos de coraes, as florestas de algas estavam cortadas por largas avenidas e clareiras atapedas de fina areia.

— Ah! — exclamou Marcello — nunca suppuz que a natureza submarina fôsse tão rica, tão fecunda, tão harmoniosa... Dir-se-hia que as perspectivas por onde passamos foram dispostas pelos mais habéis jardineiros. Todavia esta belleza de nada é devedora, creio, ao labor humano?...

— Engana-se — replicou Blas — a soberba flora que contempla é devida aos mais habéis horticultores. Não tardará que veja brilhar entre as bodelhas os capacetes de oiro dos escaphandros que usam... Isto que, vejo, o surprehende, demanda explicações... As grandes profundidades do oceano

foram durante muito tempo para o homem um dominio inacessivel a todas as explorações. A invenção dos submarinos e os progressos da chymica, que permite fabricar facilmente o ar respiravel, vieram, porém, dar-nos os meios de sondar, de investigar sem receio os mysterios das aguas...

— No seculo vinte — interrompeu Marcello — já começavamos a construir escaphandros e barcos submersiveis.

— E' certo — respondeu Blas — Mas, no seu tempo, os submarinos apenas desciam a pequenas profundidades, e eram tão sómente utilizados para collocar torpedos, abarrotados de explosivos, no casco dos navios inimigos. Foi somente, passados alguns seculos, que se comprehendeu o melhor uso que d'elles podia e devia fazer-se... Formaram-se então grandes companhias para a exploração das riquezas oceanicas. Arrancaram-se dos abysmos os

cascos dos navios naufragados; exploraram-se minas; utilizaram-se como adubo as inexgotáveis florestas de algas e lichens. Laboratorios de productos chymicos fabricaram em larga escala o iodo, o chloro e todas as varias substancias que as aguas e os baixios encerram... O bem estar da humanidade foi consideravelmente beneficiado... A piscicultura, auxiliada por soberbos methodos, tomou enorme desenvolvimento. A penuria e a fome foram para sempre banidas do universo... A sciencia tirou tambem grande proveito d'estas explorações. A historia natural e a geologia completaram-se. Poude explicar-se a evolução do nosso planeta recorrendo a theorias mais veridicas e amplas...

— E presentemente?... — inquiriu Marcello.

— Presentemente, a descoberta até certo ponto recente, pois que apenas data de cento e cincoenta annos, d'uma substancia unica na chymica, simplificou ainda mais a producção da riqueza... A

exploração das minas submarinas e dos extensos campos de algas foi abandonada por ser complicada e devéras fatigante. Exceptuando as proximidades das costas, onde os sabios continuam a dedicar-se ás culturas submarinas, o fundo do Oceano regressou á solidão d'outros tempos. Agora serve tão somente de recreio aos homens, que por elle fazem demoradas excursões de estudo.

Marcello objectou:

— Mas taes excursões devem ser perigosas... Como, por exemplo, se defendem os senhores dos tubarões, dos polvos gigantes, das baleias, dos narvaes, sem contar um sem numero de peixes venenosos e electricos como os gymnotos e as moreias?

— Ha muito tempo — respondeu o pai de Blas — que todos esses monstros deixaram de existir e d'elles apenas temos memoria pelos exemplares que conservamos nos nossos museos... Todos os animaes

nocivos desapareceram do Oceano e da superficie da terra...

— Comtudo, meu pai — r ectificou Blas — não pode absolutamente dizer-se que taes perigos tenham inteiramente desaparecido... Ainda o anno passado, n’uma caverna do Oceano Indico, se descobriu um caranguejo de tão enormes dimensões e de tal força, que poderia, com uma só das tenazes quebrar a perna d’um homem... O encontro d’um monstro semelhante com certeza offerece grandes perigos... Devo, porém, ponderar — accrescentou, voltando-se para Marcello — que isto constitue um facto excepcional...

Mostrando seguidamente uma especie de vara comprida, rematada por uma ponteira de metal, e que se via suspensa d’uma argola ao fundo do submarino, informou:

— Accresce que nunca nos arriscamos ás excursões submarinas sem levarmos as nossas lanças

electricas... Se tivéssemos a phantasia de vestir escaphandros e de passear a pé á sombra d'estes soberbos bosques d'algas de folhagem purpurina e dourada, servir-nos-híamos d'estas armas... Por maior que fosse o monstro que tentasse atarcar-nos, bastaria tocál'o com a ponta da lança, para o ver cair immediatamente fulminado pela corrente electrica...

— A sua informação socega-me um pouco mais, meu bom amigo — respondeu Blas sorrindo. — Todavia, confesso-lhe que sinto certa pena dos tubarões e por todos esses monstros que, no meu tempo, serviam de pretexto a tão dramaticas narrativas...

Entretanto, o submarino passára além da zona dos fundos cultivados. N'aquelle momento a paisagem offerecia-se mais rude, mais selvatica. As florestas de algas tornavam-se inextricaveis. Nuvens de peixes côm de nacar, fugiam espavoridos vendo passar o submarino, subiam dos amarellecidos

campos de sargaço, como bandos de calhandras que se erguem d'um campo de trigo ao ver approximar o caçador.

Blas, que ia á roda do leme, afrouxou a velocidade.

O charuto de chrystal passava lentamente por baixo das abobadas de algas recamadas de flores de corolas brilhantes, que semelhavam olhos humanos abertos por entre cabelleiras glaucas.

Medusas balouçavam as campanulas ornadas de todas as côres do prisma.

Marcello viu enormes tartarugas que se espreguiçavam indolentemente na areia.

Caminhava-se sempre...

A paisagem modificou-se bruscamente...

Passava-se n'aquelle momento por sobre uma planicie despida de vegetação, tapetada de blocos vermelhos que alternavam com negras agulhas de basalto. Ao centro, viam-se a ruínas d'uma

construcção abobadada, cujos torreões esphericos, quasi a tocar o solo, recordavam as antigas casamatas.

— Que ruinas são estas? — inquiriu Marcello.

— E' vulgar encontrar outras semelhantes — respondeu Blas — nas solidões submarinas... E' tudo quanto resta dos depositos da exploração das sociedades mineiras de outr'ora... Estas especies de casamatas serviam para alojar o pessoal. Agora, abandonadas, servem de refugio favorito dos peixes e crustaceos.

Não tardou que as ruinas se perdessem de vista.

Novamente o submarino navegou pelas sombrias abobadas da floresta submarina.

— Creio — disse Blas — que fariamos bem accelerando um pouco a velocidade. As florestas de algas são, n'este ponto, menos cerradas... Podemos navegar sem perigo...

Dizendo isto, Blas déra uma volta á roda.

O submarino corria com tanta velocidade que as paisagens pareciam fugir bruscamente á direita e á esquerda.

Marcello mal tinha tempo de as fixar quando, subitamente, as via logo substituidas por outras.

Subito, os passageiros sentiram um leve choque...

— Desastrado! — exclamou o engenheiro — A quilha de crystal tocou o sólo!...

Mal acabara de proferir taes palavras, quando se produziu uma detonação surda.

A curta distancia da ré do submarino produziu-se um relampago de luz esbranquiçada, e o barco voltou-se, no meio de um terrivel remoinho.

Devido a um choque formidavel o charuto de crystal perdera o governo.

Os passageiros tinham rolado, esbarrando uns com os outros e soltando gritos de terror.

Blas largára a roda e caira para traz.

O engenheiro e o filho foram, porém, os primeiros a readquirir o sangue frio.

Embora magoados, conseguiram lançar mão da roda do leme.

Carregando com toda a força nas alavancas do governo conseguiram fazer retomar ao submarino o equilibrio perdido.

Examinaram as machinas; não tinham soffrido o menor damno.

— Tivémos a felicidade — declarou gravemente o engenheiro — do accidente, cuja causa não consigo ainda explicar, se ter dado longe dos rochedos; se estivessemos a curta distancia d'elles, o impulso produzido pela explosão foi tão violento que o nosso barco de crystal ficaria desfeito, reduzido a pó...

Hyla e a mãe tinham soffrido apenas ligeirontusões, e rapidamente serenaram.

Quanto a Marcello, fizêra-se horriavelmente pallido. O terror que o dominára fôra tamanho que se conservava a um canto, encolhido e incapaz de proferir palavra.

Blas aproximou-se d'elle e tentou serenál'o.

— Não é nada — disse-lhe — O perigo já passou. Vamos voltar ao ponto de partida, navegando com pequena velocidade e tomando toda a especie de precauções... Mas — accrescentou com vivacidade — o senhor está ferido... vejo-lhe a chlamide manchada de sangue.

Pegou n'uma das mãos de Marcello, que effectivamente tinha um pequeno golpe, feito quando cahira sobre a tranqueta da portinhola metallica.

— Socegue, meu amigo — respondeu o filho dos Vernoy com difficuldade — é um ferimento sem importancia... Mas explique-me como se produziu esta terrivel explosão que nos ia custando a vida...

— Confesso-lhe que ignoro as causas.

O engenheiro pensava.

— Creio — disse passados momentos de silencio — que apenas ha uma maneira de explicar com certa plausibilidade o accidente... Sabe que outr'ora eram os torpedos os engenhos de guerra adoptados. Alguns eram de factura tão perfeita, que bastava para os fazer explodir o mais leve choque, o simples contacto, muitas vezes um raio de luz... Creio que tocámos com a quilha do submarino algum engenho d'esse genero abandonado ha muitos seculos...

— Mas como se explica — ponderou Blas — que, passado tanto tempo, a polvora e os fulminatos tenham conservado a força explosiva?

— Isso nada tem de extraordinario... Ao abrigo do contacto do ar, as polvoras não se alteram sensivelmente... O mar, depositando em volta do torpedo uma espessa camada de incrustações

calcareaas, contribuiu forçosamente para a conservação do terrível explosivo.

— Tivémos sorte em não ser aniquilados!...

— E por dois motivos — prosseguiu o engenheiro — Primeiro, pela grande velocidade com navegavamos. No rapido instante que a detonação levou a produzir-se, tínhamos já tido tempo de ganhar algum terreno, affastando-nos do perigo... Se vamos n'um andamento menor, a nossa perda seria certa.

— E qual é o segundo motivo?...

— Creio — mas note que lhe dou a explicação tão sómente a titulo de satisfazer a sua curiosidade, e não como inteiramente convencido de acertar, — creio que a espessa camada de petrificação que enleia o torpedo, retardou-lhe o effeito, talvez alguns decimos de segundo. Este diminuitissimo espaço de tempo consentiu-nos todavia sair da zona perigosa...

Emquanto trocavam estas impressões, o submarino, d'esta vez dirigido pelo pae de Blas, evolucionava com precaução atravez dos penhascos d'uma especie de ravina atapetada de arbustos de tremulas folhagens por entre os quaes passavam myriades de peixes.

Passados dez minutos voltaram a encontrar-se na orla dos magnificos bosques submarinos que Marcello admirára ao iniciar-se o passeio.

Sentiu-se inteiramente socegado.

— Agora — informou Blas — desapareceu todo o perigo... Todavia, se alguma avaria se produzisse, os mergulhadores-horticultores, muito numerosos n'estas paragens, viriam em nosso soccorro...

— A que classe de sociedade — perguntou Marcello — pertencem estes homens?... São tambem interdictos, como aquelles que trabalham na cidade de Artika?

— Não. São individuos que gosam, como nós, das mesmas regalias. O trabalho a que de preferencia se dedicam e as predilecções pessoas levam-nos a dedicar-se as culturas submarinas...

Passados momentos o submarino chagava ao ponto d'onde partira.

Os excursionistas, depois de desembarcar, dirigiram-se para casa.

Apesar do espectaculo maravilhoso que lhe fôra dado contemplar durante o passeio, foi com verdadeiro sentimento de prazer que Marcello se viu novamente em terra,

O ferimento da mão não sangrava, mas causava-lhe algumas dôres.

Hyla e Blas vasaram sobre os labios da ferida algumas gôttas d'um balsamo de perfume penetrante e de collodio, affirmando a Marcello que, passadas algumas horas, nada sentiria.

O passeio submarino fizêra acudir ao cerebro de Marcello um sem numero de pensamentos.

Não podia conformar-se com a desaparição completa das baleias, dos cachalotes, dos tubarões e até das phocas. Achava isto extraordinario, inexplicavel.

Assim não resistiu ao desejo de interrogar Blas, cuja complacencia em responder-lhe se mostrava infatigavel.

— Porque — perguntou — nas excursões e viagens que temos feito não vi ainda animaes?

— Pela excellente razão — informou Blas — que, exceptuando os exemplares que conservamos nos jardins zoologicos, a maior parte dos animaes selvagens e domesticos do seu tempo desapareceu...

— Como assim?... — exclamou Marcello — Oh! nunca o acreditaria, se não o ouvisse ao senhor!...

Blas proseguiu.

— A desapareição das especies vivas operou-se de forma gradual e para assim dizer methodica... Depois da extincção das raças prehistoricas anniquilladas pelas revoluções geologicas e pelas bruscas alterações da temperatura, os carnivoros tambem se extinguiram, incessantemente perseguidos pelo homem e batidos de solidão para solidão, pelo augmento cada vez maior dos espaços cultivados e habitados. Já no seu tempo não existiam lobos no Auvergne; o imperador da Russia era o unico que possuía ainda toiros selvagens n'um parque rodeado de pesadas muralhas... A' medida que fomos devastando as florestas intertropicaes, os leões, os tigres e as serpentes tornaram-se cada vez mais raros...

— Effectivamente, no seculo vinte os governos inglez e francez concediam já premios aos que destruiam as feras e reptis venenosos. Buscava-se,

mesmo, acclimar em todas as colonias os animaes inimigos das serpentes... Por este inicio, comprehendo que a destruição se aperfeiçoasse e que todas as especies damninhas desaparecessem... Mas... e as restantes, que é feito d'ellas?...

— Os animaes domesticos apenas se toleravam pelos serviços que prestavam ao homem... A extensão das vias ferreas, os progressos do automobilismo, seguidamente a navegação aérea e submarina, supprimiram todos os animaes de tiro, desde o elephante ao burro... O cavallo tornou-se um animal tão raro, que apenas os vemos nos museus... Os animaes que apenas se creavam em rasão da excellente carne que forneciam, como o porco, o boi e o carneiro, foram successivamente substituidos pela fabricação chimica das substancias nutritivas... A caça desapareceu quando os homens renunciaram ao prazer barbaro de matar animaes e não cuidaram de os conservar...

— E os passaros? os insectos? — perguntou Marcello com mal disfarçada tristeza — Desappareceram tambem ante a soberania do grau de civilização attingido pelos senhores?

— Sim, os proprios passaros foram pouco a pouco destruidos. As poderosas correntes electricas que utilizamos para nos correspondermos a enormes distancias pela telephonia ou telegraphia sem fios, foram-lhes fataes. Os que não vieram despedaçar os craneos nos vidros dos nossos globos electricos, deslumbrados pela luz que os hypnotisava, foram fulminados ou paralysados pelas correntes. Como a todos os outros animaes, relegámol'os para as collecções scientificas... Quanto aos insectos, parasitas ou vehiculos de microbios, acabámos tambem por fazer que desapparecessem. A lavoiria electrica, destruindo as larvas e os ovos, contribuiu muito para isto. Insecticidas energicos fizeram o resto. As moscas, mosquitos, bichos de conta e

percevejos extinguiram-se... Bem sei que o mundo lhe deve parecer um pouco despoetizado sem os animaes que — cito para exemplo o cão e o cavallo — o animavam no inicio da evolução; mas quando o senhor tiver vivido mais algum tempo entre nós, verá que, na nossa sociedade a poesia não morreu. E' apenas differente; passou pelo crivo do progresso, mas vive... As nossas aves são agora os aeroscaphoides!

Fazia-se tarde.

Marcello, depois de despedir-se da familia de Blas, subiu para o barco aéreo em companhia do amigo.

Momentos depois ambos partiam, caminho das torres distantes do lycêo, onde deviam entrar antes das nove horas.

XIV

O Palacio da Arte e da Historia

Marcello conhecia já a maior parte dos usos e costumes da sociedade do anno 3000.

Nada o surprehendia agora. Não sentia as surpresas e os assombros do primeiro momento.

Mas, á medida que se dissipava a especie de vertigem que a novidade dos objectos e a extranheza da situação propria tinham n'elle produzido; á medida que se refazia da perturbação que a começo soffrera, a recordação do velho mundo apaixonava-o. A imagem dos paes lançava como um véo de melancholia entre os olhos de Marcello e as maravilhas que o rodeavam.

Aquelle universo do seculo trinta era esplendido, admiravel, quasi perfeito; mas, quando intimamente se consultava, Marcello confessava a si proprio que se separaria de boa vontade de todas as

magnificencias que o cercavam para voltar a juntar-se aos velhos Vernoy, vél'os novamente, abraçál'os...

O que mais lhe pesava não era ter-se separado dos paes, mas pensar que choravam constantemente a sua morte, ou, pelo menos, a sua estranha desaparição.

— Fui sempre para elles — reflectia — motivo de cuidados e inquietações. Nunca pensei em dar-lhes a alegria que estavam no direito de exigir de mim...

E Marcello censurava-se amargamente do seu pessimo procedimento, dos seus annos perdidos, do seu desleixo...

Ah! se lhe fôra possível, n'esse momento, remontar o curso dos seculos, voltar a contemplar as paisagens fumarentas e negras, os homens extravagantemente vestidos de compridas sobrecasacas e chapéos altos ou de côco do velho

Paris da sua infancia, como se daria novamente a trabalhar com paixão, como se sentiria feliz, e que jubilo causaria aos velhos paes!

No fundo, os seus novos amigos, Blas, Sergio e Lucius eram tão perfeitos, tão impeccaveis na maneira de pensar e de orientar todas as suas resoluções que Marcello, mau grado seu, sentia por elles mais admiração do que verdadeira estima.

N'esse dia, desde que se levantára, não tinha deixado de pensar no mundo de que partira; e, apesar dos esforços que fazia para mostrar-se prazenteiro, despreoccupado, diante de Blas, que o viéra chamar, sentia o coração opprimido pela mais implacavel tristeza.

Inteiramente entregue aos devaneios, escutava distrahidamente as explicações que o amigo lhe dava sobre a fabricação do vidro e da porcelana nos fornos electricos.

Blas notou, por fim, que Marcello pouca ou nenhuma atenção prestava á conversação.

— Está distrahido, creio — disse o estudante — parece-me triste e melancolico. Mordem-no talvez saudades dos entes queridos que deixou no passado... Infelizmente, sinto-me materialmente impossibilitado de buscar os meios de lh'os restituir... Mas, visto viver agora connosco, aconselho-o a que se resigne com a sorte, e procure esquecer...

E Blas pensou alguns momentos.

— Esperava — proseguiu — que começássemos hoje a trabalhar seriamente; mas, perante a tristeza que o afflige, julgo preferivel, no interesse da sua saude moral, dar-mo-nos mais um dia de feriado... Vou procurar distrahil'o tanto quanto possivel... E' possivel, no fim de contas, que o senhor venha a esquecer esse velho mundo que tantas saudades lhe merece ainda...

Como Marcello lhe affirmasse que estava nas melhores disposições de estudar, e que era inutil gosar de mais um dia de feriado, Blas acudiu:

— Descance; não perderemos o tempo. Vou mostrar-lhe um espectaculo dos mais instructivos... Torna-se indispensavel que, pelo menos, nas linhas geraes, o senhor faça uma idéa completa dos acontecimentos que se passaram do seculo vinte ao seculo trinta... N'este intuito, iremos visitar o Palacio da Arte e da Historia, o sumptuoso edificio todo purpura e oiro que se avista d'aqui...

Marcello acceitou com entusiasmo a proposta de Blas e ambos se dirigiram para a estação subterranea da linha pneumatica.

Subiram para a carruagem e apearam-se em frente do Palacio da Arte e da Historia, cujas vastas dependencias occupavam toda a superficie da antiga collina de Menilmontant.

A architectura era das mais magestosas. As arcadas e as cupulas, de estylo severo, eram de porcelana côr de purpura, ornamentadas de frisos de oiro.

Marcello notou que o exterior não se apresentava ornamentado de estatuas, e que as proprias arvores que rodeavam o colossal palacio offereciam um tanto ou quanto de severidade magestosa, muito em harmonia com o templo da historia.

Em volta do edificio apenas se viam eucalyptos, carvalhos e palmeiras. Nenhuma flor punha uma nota alegre na severidade da verdura sombria.

— Como vê — commentou Blas — nada se desprezou para preparar o espirito do visitante para as meditações que deve suggerir-lhe a historia da humanidade.

Marcello e Blas atravessaram um vestibulo ricamente decorado de panoplias onde estavam

artisticamente dispostas armas de todos os tempos e paizes.

Os machados de pedra do homem prehistorico entrelaçavam-se com as flechas e azagaias do selvagem oceanico, as armaduras douradas dos cavalleiros e as espingardas de tiro rapido dos tempos modernos.

Uma das dependencias fôra inteiramente consagrada á artilheria. Por todos os lados se viam as boccas ameaçadoras das metralhadoras e dos canhões automaticos, de mistura com os obuzes e as colubrinhas dos últimos annos de Edade-Media.

Marcello viu tambem grande numero de engenhos desconhecidos e que se faziam notar pela extrema simplicidade.

Eram os torpedos aereos e submarinos, os morteiros electricos, os obuzes de gaz liquefeito e outras machinas de guerra inventadas depois do seculo vinte.

Todas as panoplias decoravam os pedestaes de deusas risonhas e coroadas de ramos de oliveira.

— Aqui — informou Blas — temos installado não só o museu da historia e da guerra, mas tambem o templo da paz e da arte.

Por um dos porticos lateraes os dois amigos entraram n'uma galeria de pequenas dimensões, para a qual abriam, á direita e esquerda, salas que encerravam as maravilhas da pintura, da esculptura e do mobiliario dos tempos idos.

— Verá em todos estes salões as principaes obras primas do velho Louvre, do Museu Britannico e do Museu dos Officios de Florença.

Marcello visitou uma das salas.

Sentiu o maior prazer em admirar, nos quadros guarnecidos de moveis da mesma epoca das télas, o gosto e o cuidado que presidira á distribuição dos quadros.

— No meu tempo — disse a Blas — era menor o culto pelas obras d’arte. Os quadros empilhavam-se ao acaso, apertados uns de encontro aos outros, em galerias expostas ao sol, o que os deteriorava. Em taes amalgamas de télas, era impossivel achar n’um rapido golpe de vista, aquella que se buscava. Uma visita a qualquer museo era um verdadeiro supplicio para os olhos e para o cerebro.

Marcello quiz ainda demorar-se algum tempo nas salas de pintura, mas Blas arrastou-o.

— Muitas d’estas obras primas são do seu seculo... Mais tarde, poderá estudál’as com vagar... N’este momento não podemos perder um minuto. Vamos agora visitar o grande salão central do cinematographo historico.

Marcello e Blas chegaram a uma immensa galeria circular, de tecto em feitio de cupula e pavimento de mosaico.

Em volta da sala rasgavam-se amplas arcadas. Havia uma duzia que serviam de moldura a laminas de vidro fôsko.

— Cada uma d'estas arcadas — explicou Blas — representa para nós um periodo de cem annos... Aqui, rodeiam-nos todos os seculos passados desde a invenção do cinematographo, e podemos evocar ao sabor da phantasia os acontecimentos passados ha milhares de annos... Poucas horas passadas n'esta sala bastam para ficarmos scientes da evolução da raça humana durante tão longo periodo... Infelizmente, apenas o poderei fazer assistir aos factos principaes passados durante dez seculos. Antes, nem os cinematographos, nem mesmo a photographia se tinham inventado. Não possuímos, pois, d'essas epocas ignoradas mais do que estatuas, desenhos — que constituem pobrissimos documentos — ou narrativas de historiadores, inexactas, parciaes ou mentirosas...

— N'esse caso — exclamou Marcello entusiasmado — poderei contemplar todos os acontecimentos memoraveis que preenchem o largo periodo dos dez seculos que medeiam entre a epoca actual e aquella de que sahi?...

— Todos os que desejar!... Olhe, paremos, se lhe apraz, em frente da arcada do vigessimo seculo... Vou pôr em movimento o mechanismo do cinematographo, de maneira a que o senhor veja desfilar diante dos olhos todos os quadros d'esse panorama historico...

Marcello approximou-se da arcada indicada.

— Quer vêr uma batalha? — propoz Blas.

— Obrigado... Fiquei satisfeito com a que presenciei no curso de historia... Se lhe apraz, meu amigo, comecemos por qualquer coisa mais agradavel á vista e ao espirito.

— Vai ver realizados os seus desejos — respondeu Blas fazendo funcionar o aparelho.

N'um abrir e fechar d'olhos a lamina fôscas
illuminou-se.

Surgiu bruscamente uma paisagem.

O céu e o mar apresentavam a côr natural;
innumera multidão gesticulava com entusiasmo.

No primeiro plano via-se um ponto de mar,
d'onde partiam as arcarias metallicas d'uma
gigantesca ponte de aço, ousadamente lançada sobre
as ondas.

A via era de largura magestosa.

Cincos filas de locomotivas electricas, ornadas
de flores e de galhardetes, aguardavam o signal de
partida.

Subito, a multidão immensa, apinhada na praia e
no caes, soltou um brado formidavel.

Içaram-se bandeiras. O fumo das salvas de
artilheria formou nuvens brancas...

No mesmo instante as cinco locomotivas
puzeram-se em marcha.

Viu-se pouco a pouco o porto diminuir, a multidão desaparecer...

Os gigantes d'aço corriam agora vertiginosamente n'uma paisagem de céu, de mar e de metal...

Depois, outra cidade desenhou-se na extremidade opposta da ponte...

A chegada das locomotivas foi saudada com equal entusiasmo por nova multidão, agglomerada como a primeira no caes e nas praias proximas...

— Que vejo?! — exclamou Marcello. — Que ponte é esta, a mais immensa que certamente se tem construido, e por baixo de cujos arcos os grandes transatlanticos, cheios de passageiros, passam como simples barcos?...

— A ponte que o senhor acaba de ver une Douvres a Calais, a França á Inglaterra. E' a celebre ponte sobre a Mancha, que aos senhores pareceu

durante tanto tempo irrealisavel... O mar deixou para sempre de separar os dois povos.

— Soberbo espetaculo! — murmurou Marcello, que difficilmente acreditava no que via.

— Agora — accrescentou Blas — vamos dar um salto de duzentos annos... Vae assistir á grande catastrophe electrica de que foi victima, no anno 2197, a cidade de Chicago, na America. Esta cidade, puramente commercial e industrial, tornára-se o ponto de partida de mais de trezentos caminhos de ferro. Compunham-na tão somente edificações de trinta a quarenta andares, inteiramente construidas de aço, de aluminio e madeiras incombustiveis. Tudo n'ella se fazia por meio da electricidade, desde a matança dos gados até á distribuição automatica das cartas e dos generos de bôca... Infelizmente, os engenheiros d'esse tempo não sabiam ainda manejar convenientemente essa força mysteriosa e terrivel que se chama electricidade, e abusavam

extraordinariamente d'ella... A cidade de Chicago estava sulcada de redes e peixes, de cabos de todas as dimensões, cruzando-se em todos os sentidos, tanto nos sub-solos como acima das casas. A cidade estava, para assim dizer, saturada de fluido electrico... Uma grande catastrophe, que se deu pelo mez de julho, provocou a tempestade ha muito prevista pelos sabios... Os isoladores, que separavam os diversos fios, fundiram se; os milhares de correntes, que circulavam em todas as direcções, uniram-se e formaram apenas uma unica e formidavel corrente... Uma especie de aurora boreal electrica, que illuminou toda a região com os clarões sinistros em muitas legoas em redor, envolveu a cidade. Pela acção de tão formidavel corrente, a pedra ficou calcinada e reduzida a pó; os proprios metaes arderam, fundiram-se... Os habitantes, quasi todos fulminados antes de começar o incendio, morreram instantaneamente por centenas de milhar...

Apenas um reduzido numero, protegido pela proximidade do grande lago Michigan, conseguiu escapar milagrosamente á morte... Da esplendida cidade, orgulho da America do Norte, e que, pelo numero dos seus palacios, dos seus theatros, das suas estações de caminho de ferro, de suas officinas, era considerada como a Rainha do Novo Mundo, apenas ficou um circuito de muitas leguas coberto de cinzas e de escorias, onde os pedaços de metal fundido se misturavam com a areia vitrificada e com a terra profundamente calcinada...

Emquanto Blas fallava, Marcello, apavorado, seguia todas as phases da catastrophe.

Vira a aurora esbranquiçada do fluido electrico envolver a cidade como n'uma mortalha; vira depois, como despreziveis palhas lançadas a um braseiro, os gigantescos edificios de trinta e quarenta andares ruirem, lambidos pelas chammas de variegadas côres.

Completada a obra deslumbradora do fluido, a paz, a serenidade voltára a estabelecer-se no céo, na terra, nas aguas.

As margens do lago Michigan surgiram agora, aos olhos de Marcello, tão nuas no seu manto de cinza, tão sinistras e desoladas como as margens do lago Asphaltite.

Depois de dar tempo a Marcello para se refazer da emoção soffrida, Blas proseguiu, n'um tom aparentemente impassivel:

— Esta lição aproveitou á humanidade. A catastrophe de Chicago teve, no universo inteiro, immensa repercussão... Por muito tempo, o pavor do fluido electrico preoccupou toda a gente. Os sabios deram-se a estudar a electricidade com maior entusiasmo. Descobriram outras leis e acharam os meios de prevêr a repetição de semelhantes cataclysmos... Presentemente, quasi suprimos inteiramente os fios e os conductores de toda a

especie; os nossos transmissores e receptores estão installados a tal altura na atmosphera ou a tamanha profundidade no sólo, que a região média, a superficie terrestre habitada, acha-se ao abrigo de qualquer catastrophe...

Marcello escutava, maravilhado.

Entretanto Blas puzéra novamente em movimento o aparelho.

— Apesar de todo o seu horror pelo sangue e pela carnificina — disse — julgo indispensavel fazer que assista a uma scena de guerra. Socegue.. E’ a ultima em que a humanidade se envolveu... A Europa, a Asia e a Africa, organisadas em confederação, combateram a America alliada com os Estados Oceanicos... Nunca um tamanho massacre ensanguentou o mundo!... Mas repare...

No quadro em frente, Marcello viu então succederem-se horriveis scenas...

Julgou-se victima de um horriavel pesadelo.

Flotilhas de balões e de aeroscaphoides semeavam, sobre cidades e exercitos, milhares de obuzes.

Torpedos, carregados de gases asphixiantes e venenosos, atiravam por terra batalhões inteiros...

Metralhadoras gigantescas vomitavam projectis enormes, cobriam de milhares de balas leguas de terra, arrasando as sementeiras, destruindo as florestas e tudo quanto encontravam na passagem.

Incendiadas por poderosos espelhos ardentes, exterminadas pelos torpedos, as frotas ardiam e desapareciam nas voragens dos oceanos.

Torres de aço, automoveis de colossaes proporções, avançavam lentamente nas enormes rodas, semeando por toda a parte a morte...

Os panoramas cinematographicos estavam colleccionados e agrupados com tanta arte, que se succediam sem confusão, com rigorosa verdade...

Depois da guerra terrestre e da guerra aérea, Marcello assistiu a batalhas submarinas.

Viu regimentos de mergulhadores, armados de espingardas electricas e de punhaes de comprida lamina, ruirem uns sobre os outros, espreitarem-se emboscados em extensas florestas de algas, destruir-se ferozmente nos vastos campos de sargaço.

Submarinos passavam, como enormes peixes azulados, buscando atravessar-se com os fortes esporões, cuspindo de todos os lados torpedos, exterminando, com os tiros da artilheria pneumatica, os indefesos batalhões de mergulhadores.

Marcello sentia a fronte perlejada de suores frios. Empolgava-o inexprimivel horror.

O cinematographo fazia-lhe vêr n'aquelle momento paysagens devastadas pela guerra.

Eram planícies a perder de vista, sem uma árvore, sem uma flor, por onde bandos de homens mutilados, quasi nús, se arrastavam difficilmente...

Blas, que observára o terror e a consternação de Marcello, fez mudar a scena.

— Basta de horrores — disse — basta de carnificina... Vou agora deliciál'o com scenas mais consoladoras...

Ainda dominado pela angustia que o suffocava, Marcello olhou...

N'uma vasta clareira que, do declive de uma montanha coberta de oliveiras e loireiros, descia até ao mar, enorme multidão de homens, vestidos de branco e coroados de flores, apertava-se, gesticulava...

Estavam ali representadas todas as nações e todas as raças...

Pela primeira vez, sem duvida, desde a origem do mundo, os Celtas, os Anglo-Saxões, os Latinos,

os Negros, os Chinezes e os habitantes da Oceania confraternisavam sinceramente.

A paz universal era solemneamente proclamada pelos delegados de todos os povos.

Marcello viu partir comboios completos de canhões, de espadas, de espingardas, cujo metal fôra cedido aos industriaes aratorios, em automoveis, em ferramentas e utensis de toda a especie.

Todo o universo estava em festa...

As armas, que os soldados de todas as nações abandonavam com entusiasmo, formavam gigantescos montões nas praças publicas.

Por toda a parte reinava a mais franca alegria, queimavam-se maravilhosos fogos de artifício.

As mesas dos pantagruelicos banquetes estendiam-se a perder de vista, por muitos kilometros de extensão.

Os diplomatas eram commovedoramente abraçados pelas mulheres e pelas creanças. Um

impulso de fraternidade fazia bater em unisono o coração de todos os homens.

Marcello julgou interessante pedir a Blas alguns informes sobre o estado politico dos povos d'essa epoca.

Soube com surpresa que, por então, existiam no mundo sómente duas grandes republicas: — os Estados Unidos do Velho Continente, que comprehendiam a Europa, a Asia, a Africa, com todas as ilhas limitrophes — e os Estados Unidos do Novo Mundo, formados pela Australia, as Americas do Norte e Sul, tambem com todas as ilhas limitrophes.

Eram duas republicas semi-mundiaes que vinham, por aquelle facto solemne da paz universal, jurar indissoluvel alliança.

— Ah! — exclamou Marcello — quanto me sinto feliz por assistir á proclamação da paz entre

homens!... Nunca pensei que semelhante facto viesse um dia a dar-se...

— Vai agora vêr — proseguiu Blas — que immensos progressos o estado de paz consentiu que se realisassem... Para tanto, saltemos por cima de muitos annos... Estamos no 2450...

No quadro surgia agora uma paysagem maritima, sombreada de magnificas arvores e animada por milhares.

Da praia partia grande numero de paredões, que entravam pelo mar, até grandes distancias. De longe em longe, viam-se n'elles soberbos edificios.

— Que é isto? — perguntou Marcello.

— E' o systema dos *wharfs*, munidos de turbinas, pelos quaes se pode utilizar a força produzida pelo fluxo e refluxo do mar... Estas turbinas accionam machinas dynamo-electricas que fornecem a energia necessaria para a illuminação, o aquecimento, o transporte e o movimento de todos

os outros machinismos... Foi depois da instalação dos *wharfs* que começou a desprezar-se a exploração das minhas de hulha e de petroleo, e que os trabalhos pesados ou perigosos deixaram de ser feitos pelos homens...

Logo que Marcello examinou á vontade os *wkarfs* do Atlantico, Blas mostrou-lhe a perspectiva de uma das capitaes do anno 2500, a cidade de Afrika, nas margens do lado Tchad.

Marcello via diante d'elle uma agglomeração de palacios e de jardins ornados de arvores exoticas e soube com verdadeira surpresa que a cidade de Afrika, fundada poucos annos antes por um grupo de engenheiros e de industriaes, era afamada pelo numero dos seus sabios e dos seus artistas.

— N'esta epoca — informou Blas — a Africa era mais conhecida, mais civilisada, melhor cultivada do que a Europa em que o senhor viveu...

Não se encontravam ali regiões desertas, como as *steppes* da Polónia ou da Rússia...

— Que mais tenciona o senhor mostrar-me? —
inquiriu Marcello anciosamente.

— Examine agora — respondeu Blas operando
outra mutação no quadro — este panorama
submarino do caminho de ferro subatlântico...
Graças a elle, fazia-se n'um dia o percurso entre
Paris e Nova York... Era já uma bonita conquista
para a epoca, quer dizer para o anno 2700.

Marcello viu as carruagens do subatlântico,
semelhantes a enormes cobras de metal, correr
vertiginosamente pela profundidade das aguas,
illuminando com os fanaes os abysmos do Oceano.

Atacado da febre da curiosidade, Marcello
pouco se demorava no exame de cada quadro e o
complacente Blas satisfazia-lhe os desejos,
mudando-os successivamente na moldura.

— Que é isto agora? — perguntou subitamente Marcello — Apenas vejo um severo monumento de bronze e de granito, ornado de urnas e de baixos relevos...

— Esta contemplando um tumulo... Foi elevado, em 2817, em honra dos habitantes de Marte que tentaram vir até o nosso planeta e foram victimas da sua audacia scientifica... A barquinha centrifuga que os transportava, depol'os horivelmente feridos no nosso solo. Morreram. Este tumulo, que se ergue nas margens do mar da China, perpetua-lhes a coragem... Foi a partir da extraordinaria tentativa dos marcianos, que a iniciativa dos sabios especialmente se dedicou a descobrir as communicações interplanetarias, e que finalmente se conseguiu chegar aos resultados maravilhosos que o senhor já teve occasião de constatar...

Marcello quedára-se silencioso, entregue a mil pensamentos diversos.

— Estou um pouco fatigado — declarou finalmente — Tantas visões vertiginosas acabam de passar pelos meus olhos, que sinto a cabeça andar á roda...

— Quero, porém, que não deixe de ver ainda o que vou mostrar-lhe...

E Marcello admirou em pleno céu azul, muito acima da região das nuvens, uma cidade que parecia fluctuar no ar...

— Quiz, sem duvida, mostrar-me o effeito d'uma miragem...

— De maneira nenhuma... Meteorolita, a cidade de aluminio e de pegamoide que o senhor vê, existiu realmente até ao anno 2910... Era especialmente habitada pelos sabios e pelos enfermos, que iam ali observar os phenomenos atmosfericos ou respirar o ar vivificante das grandes altitudes... Flotilhas de aeroscaphoides punham a extraordinaria cidade em communicação com as regiões inferiores...

Marcello observou:

— Mas como se explica que os senhores não tenham actualmente outra cidade tão incomparavelmente formosa?

— Para quê? — redarguiu Blas — Os ultimos trabalhos dos nossos hygienistas conseguiram tornar a atmosphaera que se respira nas baixas regiões tão tonica e tão pura, tão limpa de poeiras e de microbios como a das grandes altitudes... Alem d'isto, quando nos appetitece percorrer as camadas superiores, servimo-nos dos aeroscaphoides... Estes nos bastam...

XV

A Psycho-Photographia

A visita de Marcello ao Palacio da Arte e da Historia causára-lhe verdadeira fadiga cerebral. Os esforços de attenção e de imaginação que se vira obrigado a fazer tinham-no abatido extraordinariamente.

— Basta por agora — disse Blas — O senhor acaba de receber uma excellente lição de historia... D'aqui a poucos dias voltaremos ao Palacio, e poderá completar muito a vontade a documentação de que carece... Hoje, o meu amigo apenas poudé apreciar nas suas linhas geraes os principaes factos da historia de dez seculos... Ser-lhe-ha, porém, necessario estudál'os pormenorisadamente. O assumpto é devéras interessante para o distrahir.

— O passeio d'esta manhã — respondeu Marcello — a sua rapida excursão atravez das

edades, foram para mim uma verdadeira revelação... Só agora formo uma idéa completa dos vícios, defeitos e imperfeições dos homens do meu tempo, de quanto eram ignorantes e grosseiros e mal sabiam cuidar os interesses proprios... Passavam a vida a destruir-se reciprocamente, em vez de se unir contra os inimigos communs e collaborar scientificamente para se tornarem senhores das forças naturaes, sujeitál'as ao seu saber...

— E' certo — ponderou modestamente Blas — que realisámos alguns progressos, pelo menos no ponto de vista da paz e da concordia; mas, no que respeita a sciencias, pouco ou nada temos adiantado...

Marcello protestou:

— Oh! pelo que vejo, é ruim de contentar... Confesso-lhe que, pela parte que me respeita, acho a sua sociedade admiravelmente organizada.

«Devo até dizer-lhe que me perturba pensar no que será a humanidade transcorridos mais dez seculos... no anno 4000!

— Certamente será essa uma esplendida epocha — concordou Blas — Podemos já prever que no anno 4000 o homem terá descoberto os meios de prolongar quasi infinitamente a existencia; conseguirá sem duvida domar as forças occultas de natureza; verá realisado o sonho de viajar atravez das regiões celestes e de se transportar sem difficuldade de um a outro planeta!

— Uma pergunta... Na sua opinião entende que existirão ainda por essa ditosa epocha os interdictos?... Porque, em summa, por muito aperfeiçoado que seja o universo futuro, nunca poderão dispensar-se os forjadores, os mechanicos, os trabalhadores...

— Não creio., Estou, pelo contrario, convencido de que no anno 4000 não existirão interdictos... O senhor teve já occasião de observar quanto, na nossa

sociedade actual, é diminuto o numero dos trabalhadores manuaes. Os habitantes das duas cidades polares formam apenas uma parte infima da população... As machinas produzem sem auxilio do homem outros machinismos... D'aqui a dez seculos esta tendencia ter-se-ha accentuado. A sciencia terá conseguido aperfeiçoar e simplificar todas as coisas... Estou certo que, por essa epoca, os nossos aeroscaphoides e submarinos serão considerados insignificancias, machinas pesadas, grosseiras e primitivas. Irão enfileirar, nos museus, ao lado dos barcos a vapor, dos balões de seda cheios de hydrogenio ou do gaz que se usava no seu tempo...

— Talvez; mas parece-me que, attingido tal gráo de perfeição, não tendo coisa nenhuma a desejar, saciado de conforto e de felicidade, abarrotado de arte e de sciencia, o homem, não tendo que lutar já contra nenhuma difficuldade, aborrecer-se-ha... Não

será o tédio mortal o ultimo acto d'esse exagerado progresso?

— O senhor tem uma estranha e descrente maneira de ver... Aprecia o futuro illogicamente, falseando todas as côres... Quanto mais qualquer homem é inteligente e forte, tanto mais fortes são as rasões que o levam a interessar-se por tudo que o rodeia... Augmentando a duração da vida e o volume do cerebro, o ser humano conseguirá augmentar tambem o numero dos laços que o prendem á existencia... A sciencia e a arte são reinos infinitos. Quanto mais se avança pelas veredas mysteriosas que os atravessam em todas as direcções, mais a perspectiva engrandece... A curiosidade humana existirá eternamente, como o universo e a propria alma. O homem nunca será perfeito no ponto de vista moral; quanto mais alto erguer o vôo, mais tentará approximar-se da suprema perfeição. Deve comprehender que, em taes condições, o tédio, o

desanimo e a desillusão nunca acharão logar nas sociedades futuras.

As palavras de Blas rasgaram a Marcello tão esplendorosos horisontes de felicidade, de belleza e de fraternidade, que ficou como esmagado sob o peso dos pensamentos.

Blas parecia tambem entregue a profunda meditação.

Foi silenciosamente que os dois voltaram a entrar na carruagem pneumática, que os transportou ao lycêo, onde almoçaram.

Uma maçagem electrica, seguida do passeio durante uma hora nas avenidas do jardim central, dissipou como por encanto o enorme e doloroso peso que Marcello sentia na cabeça.

Achou-se tão bem disposto de imaginação e de intelligencia como na manhã d'esse dia.

Durante algum tempo os dois amigos passearam por baixo das abobodas sombrias da galeria circular,

aspirando com delicia a brisa tépida e embalsamada com os perfumes das flores.

— Fallou-me esta manhã — disse Blas — dos extraordinarios progressos que a humanidade deve realisar ainda no ponto de vista moral. Parece-me que, a tal respeito, os senhores estão adiantadissimos...

— Evidentemente o que temos feito é notavel... Ha muitos annos já, reconhecemos que, protegendo os fracos, a humanidade augmenta não só a sua enorme força moral, mas a material. Todavia, o que realisámos é tão pouco comparado ao que nos resta fazer!...

— Entendo, meu caro Blas, que a moral dos senhores está já sufficientemente aperfeiçoada, e não desgostaria de conhecer os meios a que recorreram para colher tão assombrosos resultados.

— Primeiro, pela diffusão das idéas, adiantamento de instrucção e especialmente

facilidade das communicações... Quando os homens conseguiram conhecer-se mais a fundo, esqueceram os prejuizos e odios que os dividiam. As nações do tempo passado detestavam-se porque viviam ignoradas umas das outras... Resta accrescentar que fomos poderosamente secundados por certas descobertas, entre as quaes citarei, em primeiro lugar, a psycho-photographia...

— E' a primeira vez que oiço fallar de tal sciencia... Dar-me-hia muito prazer se tivésse a bondade de explicar-me no que consiste...

— Com a melhor vontade, meu caro Marcello... A psycho-photographia, nascida da photographia radiographica do cerebro, é a sciencia que trata da maneira de photographar os pensamentos, as sensações e geralmente todas as impressões cerebraes.

— Oh! mas deve ser maravilhoso!...~— exclamou Blas — Confesso-lhe a minha curiosidade

de assistir a experiencias d'esse genero! O assumpto será mais interessante para mim do que as bellezas do cinematographo historico que ha pouco admirei...

— Vou satisfazer-lhe o desejo... De resto, tencionava qualquer dia levál'o a vêr tão curiosas experiencias... Empregaremos n'isso o resto do dia...

Sempre seguindo Blas, Marcello percorreu uma galeria frouxamente illuminada. Entraram n'uma sala completamente immersa na escuridão.

Quando os olhos de Marcello se habituaram um pouco á treva, distinguui, silenciosos e attentos na sombra, meia duzia de estudantes que nem sequer se deram ao incommodo de voltar a cabeça para ver quem eram os recémchegados.

Pouco depois, ao fundo da sala, algumas ambulas illuminaram-se de pallida luz verde, semelhante á dos pyrilampos ou á do phosphoro em ignição.

Sobre um estrado, Marcello viu placas, frascos, espelhos cuja utilidade não conseguiu explicar.

— Repare — murmurou Blas — preste toda a atenção... Como habitualmente se faz, vamos começar pelas experiencias mais simples... Observe os raios luminosos que apparecem no quadro.

Marcello viu no fundo sombrio d'uma enorme chapa de vidro sensibilizado desenharem-se estrias e manchas.

Blas explicou:

— Conseguimos preparar chapas de tal sensibilidade que basta o fluido emittido pelo cerebro em actividade para as impressionar... Estas grandes manchas esbranquiçadas foram produzidas pelo fluido emanado do cerebro d'um homem colerico; as manchas mais pequenas são devidas ao fluido d'um cerebro febril... Assim chegámos a photographar, como pode ver, o odio, o orgulho, a preguiça e mesmo a ambição... Estas coisas, porém,

não passam de experiencias elementares... Photographando determinados centros nervosos, chegamos a obter as imagens que cerebralmente representam aquelle que se colloca na frente do aparelho, e desvendamos os seus mais intimos pensamentos... Assistimos á formação de um raciocínio, nos reconditos das circumvoluções cerebraes. Graças á psycho-photographia, lemos n'um cerebro como n'um livro aberto e de facil interpretação.

— Não me assombram já os progressos que os senhores fizeram moralmente. Nenhum vicio, nenhum defeito devem resistir á maravilhosa clarividencia d'este aparelho, que lhes consente sondar os mysteriosos arcanos das consciencias...

— E' certo — replicou Blas sorrindo — que, devido ao progresso da psycho-photographia, a mentira e a hypocrisia não podem occultar-se... Qualquer homem que albergasse más intenções

contra o seu semelhante, seria depressa desmascarado... Não poderia prejudicar ninguém; cobrir-se-hia simplesmente de ridículo... De resto, para que serve mentir? Para que buscar dissimular imperfeições? Pelo contrario, aquelle que, entre nós, as tem, dá-as a conhecer a todos, para que lhe facilitem os meios de as corrigir. Eu proprio não deixo passar um mez sem ir examinar o cerebro no apparelho psycho-photographico, para vêr se n'elle germina qualquer tendencia prejudicial que se torne necessario combater...

Marcello ouvia estarecido e estupefacto.

Blas accrescentou:

— A psycho-photographia presta-nos ainda grande auxilio nos exames que servem de sancção nos estudos. D'esta maneira, torna-se impossivel qualquer engano; o estudante timido, mas laborioso, escusa de recear a nota de ficar esperado para outro anno lectivo, pelo simples facto da commoção lhe ter

paralysado o raciocinio... Evidentemente o exame psycho-photographico apenas constitue parte das provas... Serve tão sómente de verificação ao vota dos examinadores que, antes, interrogaram demoradamente o examinando...

Blas calou-se bruscamente.

Uma chapa sensibilizada, muito maior do que as precedentes, acabava de illuminar-se.

Sobre o fundo pallido da luz phosphorescente, paysagens, figuras, algarismos, até notas de musica, desenhavam-se, sumiam-se para dar logar a outras, voltando a reaparecer e a desaparecer simultaneamente.

— As imagens que vê — murmurou Blas ao ouvido de Marcello — são as que se formam no cerebro do estudante collocado n'este momento em frente do aparelho... Ha pouco, pensou n'uma paisagem... Foi no mesmo momento em que a sua attenção se concentrava n'este objecto que a

paysagem surgiu na chapa nitidamente desenhada. Pensou n'um dos amigos: a recordação evocou a imagem d'esse amigo ausente...

— Consinta-me uma objecção — interrompeu Marcello — Parece-me que são as imagens fixadas na retina as que os senhores photographam e não as do cerebro...

— Labora n'um erro crasso, mas até certo ponto comprehensivel... Vou desfazê'l'o com duas palavras... São os centros cerebraes, e não as extremidades nervosas, a séde das sensações... Um homem a quem arrancam os olhos evoca em pensamento as paysagens outr'ora contempladas. Pois não era Beethoven inteiramente surdo quando compoz as suas mais bellas symphonias?... Poderia multiplicar os exemplos; julgo, comtudo, que me fiz comprehender claramente...

— Decerto... — concordou Marcello — Desejaria, comtudo, fazer pessoalmente a

experiencia no aparelho psycho-photographico e verificar os seus extraordinarios resultados...

— Nada mais facil... Colloque-se em frente do aparelho; concentre poderosamente a vontade; fixe o pensamento n'uma pessoa ou n'uma coisa que se lhe tenha gravado bem na memoria e vel'a-ha surgir na chapa sensibilizada...

Marcello, um pouco commovido, levantou-se e foi collocar-se em frente da extraordinaria machina...

.....

Cerrou as palpebras...

E, n'um esforço herculeo de vontade, concentrou o pensamento na pessoa do dr. Belzévor.

.....

Quando, passados instantes, olhou, o sabio estava diante d'elle, tendo na cabeça o seu eterno chapéo de côr clara, irreprehensivelmente vestido como um janota do seculo vinte.

Iluminava-lhe o semblante sarcastico sorriso.

.....

Marcello apavorado, assombrado, julgou que um abysmo se lhe abria aos pés...

Baralhavam-se-lhe as idéas; parecia que lhe estalava a cabeça...

Estendeu bruscamente os braços n'um sobressalto convulsivo e soltou um grito terrível...

XVI

O despertar

.....

.....

Quando Marcello Vernoy descerrou as palpebras, viu junto d'elle os paes que aguardavam inquietos o despertar do moço estudante.

Marcello, n'um impulso instinctivo, saltou do leito.

Sentiu vergar as pernas.

O pae e a mãe correram a ampará'l'o e o rapaz deixou-se cair nos braços d'ambos, chorando.

Não podia proferir palavra, tão commovido estava.

Passadas as expansões, que os Vernoy não perturbaram com a mais simples pergunta, Marcello deixou-se cair desanimado n'uma das poltronas de

velludo azul e passou as mãos pela fronte, n'um gesto de profundo cansaço.

— Perdoem-me — balbuciou — parece-me que desperto d'uma allucinação... Não sei ainda se estou bem acordado... Ignoro mesmo em que mundo me encontro, em que epoca vivo... Receio endoidecer...

— Então, Marcello! — exclamou Vernoy commovidamente — peço-te... socega, descança um pouco, reflecte... Adormeceste, hontem á tarde, pela acção de um elixir que o dr. Belzévor te fez tomar e que, segundo affirmou, devia transportar-te em pensamento ao seio das sociedades humanas do futuro...

— N'esse caso — bradou Marcello com amargo desengano — tudo quanto vi não passou de um sonho lindo!... A humanidade perfeita, fraternal, despida de todas as vilanias, da ignorancia e da brutalidade, existe apenas nos frascos do dr. Belzévor!... Como as nuvens d'oiro e purpura do pôr

do sol que as trevas devoram, o progresso e o ideal que durante algumas horas contemplei, desfizéram-se como visão nocturna aos primeiros raios do sol!... Todavia — accrescentou — juro-lhes que os espectaculos admiraveis de que fui testemunha, que as lições moralisadoras de que participei, produziram opimos fructos... Eis-me regenerado e transformado, absolutamente differente do estudante ambicioso, egoista, indolente que tanto os desgostou... A partir de hoje dedicar-me-hei ao trabalho, á lucta, á abnegação pelo simples prazer que encerram... Quero agora, aos proprios olhos, sentir orgulho de mim proprio... Não praticarei a cobardia de correr ao encontro d'uma sinecura, onde adormeça na preguiça e na mediocridade... Estou resolvido a soffrer a pobreza, as privações e o desprezo da multidão, para realisar os meus ideaes de belleza e de verdade que sinto germinarem-me no cerebro!... Quero ser um dos trabalhadores anonymos d'esse

progresso, d'esse amor, d'essa fraternidade futura de que fui testemunha n'este seculo!... Ah! meu grande amigo Belzévor, como lhe sou credor d'uma enorme divida de reconhecimento! Revelando-me, pelo poder occulto da sciencia, a soberba, a magnifica sociedade futura, regenerou-me.. Agora, caminharei na lucta social protegido pelas minhas convicções comopor uma couraça de diamante!... Quero, porem, ver Belzévor, cair aos pés d'esse homem, dizer-lhe quanto é infinita a gratidão que lhe tributo!

Os Vernoy entreolharam-se consternados.

Com um gesto de branda ternura e melancolia, obrigaram novamente Marcello a sentar-se.

— Meu querido filho — disse gravemente Vernoy — tenho coisas bem tristes a revelar-te... Enquanto dormias e velavamos o teu somno n'este aposento confortavel; enquanto o teu espirito, momentaneamente libertado das tyrannias do tempo e do espaço voava para os mundos futuros, o dr.

Belzévor, teu e nosso bemfeitor, foi victima d'um horrivel desastre!

— Que lhe succedeu, então?!... — perguntou Marcello commovidamente.

— O incendio devorou o laboratorio onde trabalhava.

— Oh! mas salvaram certamente Belzévor?...

— Sim! mas gravemente ferido... A vida do teu bom amigo está presa por um fio e torna desesperado o seu estado a dôr que lhe causa a perda irreparavel dos seus trabalhos, das formulas que possuia, dos elixires que conseguiu compor... Do laboratorio resta apenas um montão de ruinas!...

— Quero vêr Belzévor! — exclamou Marcello — Não me sentirei socegado enquanto não adquirir a certeza de que está livre de perigo...

— Meu filho — replicou tristemente Vernoy — apenas verás um ferido, envolto em ligaduras e immerso no mais profundo somno... Devido á

inconsciencia d'um criado, o doutor absorveu, n'uma dose verdadeiramente brutal, o contheudo do ultimo frasco do mesmo elixir que te consentiu ver os reinos do futuro! Bebeu tudo quanto restava da *Belzévorina* depois da catastrophe que destruiu o laboratorio.

— N'esse caso?... — murmurou Marcello anhelante.

— N'esse caso — concluiu Vernoy — Belzévor deve percorrer n'este momento, idealmente, as regiões d'onde regressaste!...

Marcello ficou por momentos immerso n'um silencio que os paes não ousaram quebrar.

O cerebro fatigado do excellente moço não conseguiu readquirir o perdido equilibrio.

O pesar, o assombro, a duvida conservavam-no hesitante. Fazia baldados esforços para coordenar logicamente os mil pensamentos que lhe occoriam.

Depois de saber que o estado de Belzévor se mantinha estacionario, Marcello e os paes voltaram a Montbarzy n'uma das carruagens do castello.

Este curto passeio, á sombra profunda dos carvalhos gigantes, decorreu silencioso.

— Consinta, meu pae — pedira Marcello — que concentre o espirito, que me entregue ao repouso, que procure pôr em ordem as minhas impressões. Succumbo ao peso de mil pensamentos, de mil sensações diversas...

Marcello restabeleceu-se lentamente.

Pouco a pouco recuperou o completo equilibrio das faculdades.

Pela serenidade, pela paciencia, pela bondade de que dava continuas provas, dir-se-hia que adquirira a experiencia e o saber de um velho.

O estudante caprichoso e cabula que entrára uma tarde no castello de Montbarzy, sahira d'ali, no dia seguinte, feito homem.

Marcello contára aos paes todas as phases da visão do anno 3000. Os velhos tinham-no escutado admirados, boquiabertos.

Os Vernoy não ousavam pôr em duvida o que dizia o filho. O sonho d'elle surgia-lhes como mysterioso problema, que não queriam profundar.

Modestamente, com um receio não isento de respeito, contentavam-se em applaudir a transformação radical que se operára no filho. Um sentimento de deferencia e de terror associava-se á profunda affeição que dedicavam a Marcello.

Duas vezes por dia, o estudante e os paes iam ao castello de Montbarzy visitar o doutor Belzévor.

Com grande assombro de todos, o estado do ferido não se modificava.

As feridas cicatrizavam lentamente, mas o enfermo não despertava do placido e sorridente somno em que o lançára o terrivel narcotico.

Os criados e os medicos desesperavam-se; não sabiam que resolução tomar.

Baldadamente, para despertar o sabio, tinham empregado os mais energicos revulsivos.

Os acidos, e electricidade e as pontas de fogo não tinham restituído a sensibilidade a Belzévor.

O sorriso extatico, que se lhe tinha como estampado nos labios, não se alterava...

Temendo comprometter-se, os medicos das cercanias puzeram termo ás inuteis tentativas.

Depois de se reunirem n'uma ultima conferencia, declararam unanimamente que o doutor Belzévor era victima de uma catalepsia de genero especial, não conhecida até á data, tornando-se necessario submittê-lo a espezialistas habeis.

O termo das férias chegou sem que Belzévor acordasse do extraordinario somno.

Os ferimentos tinham cicatrizado completamente, o pulso batia com perfeita

regularidade e a physionomia mantinha o inalteravel sorriso.

Os collegas de Belzévor na Academia das Sciencias tiveram conhecimento do extranho caso.

Conheciam o medico e apreciavam-no pelo verdadeiro valor.

Delegaram n'alguns collegas a missão de o visitar.

Procedeu-se a um inquerito minucioso.

Os sabios academicos concluíram por unanimidade que, para despertar o collega, seria necessario fazer-lhe ingerir um pouco do elixir especial que, conforme as doses, contrabalançava ou annullava os effeitos da *Belzévorina*.

Infelizmente, o elixir e o contraveneno tinham ficado destruidos simultaneamente com o laboratorio.

Os delegados da Academia das Sciencias procederam a rigorosas buscas nas ruinas, estudaram

os menores fragmentos dos papeis retirados do incendio, sem obter nenhum resultado.

Os processos do dr. Belzévor eram tão originaes, tão pessoaes, que não havia a menor probabilidade de achar, por analogia, o principio das suas descobertas.

Os delegados da Academia luctaram com grandes difficuldades, tanto maiores quanto era certo que, não tendo Belzévor descendentes ou parentes em qualquer gráo, não sabiam que fazer do sabio.

Depois de muitos dias gastos em discussões acaloradas, resolveu-se que os tribunaes competentes inventariassem os bens de Belzévor, confiando-os a um administrador, e que o medico fosse transportado para uma casa de saude dos arredores de Paris, onde os collegas e amigos podessem visitál'o com frequencia e nada fosse poupado para o restabelecer.

As circumstancias mysteriosas que revestiam a enfermidade de Belzévor agitaram a opinião publica.

As revistas e os jornaes, sem distincção de opiniões politicas, publicaram-lhe a biographia e extensa nomenclatura das descobertas.

A photographia do sabio tornou-se popular entre as das maiores celebridades.

Nunca o doutor gosára de tão extraordinaria popularidade como a partir do momento que adormecera.

Pouco a pouco, porém, o assumpto foi esquecendo...

O dr. Belzévor continuava a dormir o seu eterno somno...

Com o auxilio de sondas esophagicas, os medicos da luxuosa casa de saude onde fôra internado faziam-n'o absorver extractos de carne e albumina. O estado do cataleptico não soffria alteração.

O semblante mantinha-se sorridente, o pulso regular, os membros pouco rígidos.

Os especialistas perdiam o latim e architectavam, sem resultados praticos, mil hypotheses audaciosas.

Marcello voltára a estudar. Fazia agora a admiração dos professores e dos condiscipulos, tanto pela dedicação ao trabalho, como pela bondade, pela alegria, pela urbanidade e genio complacente.

Todos o estimavam; não provocava invejas, não creava inimigos.

Os Vernoy, no cumulo da ventura, proferiam sempre com respeito e lagrimas na voz o nome de Belzévor.

Todas as semanas, Marcello e os paes iam piedosamente visitar o grande amigo, cujo somno cataleptico os commovia profunda e sinceramente.

Marcello, pelo contrario, não parecia ligar importancia á enfermidade cruel de Belzévor.

Um dia, Vernoy dirigiu-lhe sobre o assumpto algumas leves censuras.

— A tua attitude pelo que respeita a Belzévor — disse — desgosta-me, tanto mais que não vejo outra coisa de que censurar-te... Não haverá no teu coração logar para o reconhecimento?... Dir-se-hia que sentes prazer em vêr o homem de talento que te salvou immerso n'um somno que o isola do resto da humanidade e o converte n'um ser inconsciente e vegetativo...

— Perdão, meu pae — respondeu gravemente Marcello. — Creia que o seu sentimento não excede o meu pelo facto a que chama a desventura de Belzévor... Se soubesse que o meu grande amigo soffria, ninguém o lastimaria mais, ninguém derramaria por elle lagrimas mais sinceras... O facto de não me commover, deriva de saber que o doutor gosa n'este momento da maior felicidade...

— Como assim?... — inquiriu Vernoy, surpreso.

— Pois não absorveu Belzévor o miraculoso elixir que permite atravessar, levado por forças desconhecidas, o rio mysterioso das Edades Futuras?... N'este momento, o nosso grande sabio visita indubitavelmente, como eu proprio visitei, palacios feericos, que emergem de parques maravilhosos. E' hospede e amigo dos sabios que existirão d'aqui a dez seculos. Explora, vestido d'um escaphandro de oiro, os abysmos submarinos. Sulca o infinito em aeroscaphoides de crystal. Gosa da formosura e da sabedoria d'um mundo mais perfeito!... Oh! não, meu pae!... Belzévor não merece que o lastimemos!... Deixemol'o dormir... E' bello, é grande o sonho que o agita!...

FIM

ISBN: 978-1-387-47497-4